

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

RAQUEL TIEMI MASUDA MARECO

**DO DEBATE TELEVISIVO AO JORNAL IMPRESSO: AFORIZAÇÕES NA MÍDIA
NACIONAL**

MARINGÁ
2013

RAQUEL TIEMI MASUDA MARECO

**DO DEBATE TELEVISIVO AO JORNAL IMPRESSO: AFORIZAÇÕES NA MÍDIA
NACIONAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Cortez Passetti

**MARINGÁ
2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central – UEM, Maringá – PR., Brasil)

M323d	<p>Mareco, Raquel Tiemi Masuda Do debate televisivo ao jornal impresso: aforizações na Mídia Nacional / Raquel Tiemi Masuda Mareco. -- Maringá, 2013. 122 f. : il. algumas color.</p> <p>Orientador: Prof.a Dr.a Maria Célia Cortez Passetti. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013.</p> <p>1. Discurso político-midiático. 2. Aforização. 3. Circulação de discursos. 4. Debates televisivos. 5. Jornal impresso. I. Passetti, Maria Célia Cortez, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.</p> <p>CDD 22.ed. 401.41</p>
-------	---

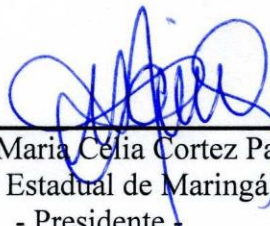
RAQUEL TIEMI MASUDA MARECO

**DO DEBATE TELEVISIVO AO JORNAL IMPRESSO: AFORIZAÇÕES NA
MÍDIA NACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria Célia Cortez Passeti
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof.ª Dr.ª Renata Marcelle Lara
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.ª Dr.ª Ana Raquel Motta de Souza
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/São Paulo-SP

*A meu marido Edson, meu amor, minha vida,
minha alegria, meu tudo...*

AGRADECIMENTOS

A meu marido querido que me apoiou sempre em todas as decisões que tomei, pelo amor, pela paciência e pela compreensão e parceria de sempre. Pessoa que faz crescer, que me deixa forte, que dá coragem, meu tudo...

A meus pais, por terem me criado com tanta liberdade e independência, me apoiarem e torcerem sempre por mim, independente de minhas escolhas.

À professora Maria Célia, minha orientadora, que acreditou em meu trabalho e me deu total liberdade de escolha teórica, me apoiando sempre, me ajudando, direcionando meus passos.

Às professoras Ana Raquel e Renata que gentilmente aceitaram participar da fase final deste trabalho.

À professora Édima Mattos, minha primeira orientadora de pesquisa e atual amiga pessoal, que enxergou em mim um perfil para pesquisa, que eu nem sabia que tinha. Me ensinou os primeiros passos na pesquisa com dedicação e paciência e me fez descobrir um novo mundo, que aliás, sou apaixonada: o mundo da pesquisa.

Aos professores do programa, Ismara Tasso, Sônia Benites, Roselene Coito e Pedro Navarro, por me proporcionarem outros olhares.

A minha amiga Raquel Arcine, que me acolheu quando cheguei à cidade e cuja amizade foi e é de extrema importância em minha vida.

Ao meu amigo André William, pela colaboração durante todo o período do mestrado, desde as disciplinas e pela parceria em pesquisas diversas.

A minha amiga Verônica Birello que, durante um tempo, ouviu e aguentou minhas angústias teóricas e metodológicas.

A todos os meus amigos e parceiros de pesquisas.

Aos amigos do GEPOMI.

Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

A atual facilidade de acesso à informação exige que os suportes midiáticos digam e provem o que dizem, tanto para conquistar a credibilidade do leitor/ouvinte/telespectador, quanto para evitar sanções legais por divulgar informações caluniosas, tendenciosas ou descontextualizadas. Segundo Charaudeau (2006), a comunicação midiática se constitui numa tensão entre duas visadas: uma visada que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica, ou seja, que visa a informar o cidadão, e uma visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: “captar as massas para sobreviver à concorrência” (CHARAUDEAU, 2006, p. 86). Sendo assim, uma das maneiras de produzir um efeito de veracidade e de objetividade, de diminuir a responsabilidade da informação do enunciador jornalista e de atrair o interlocutor, se dá por meio do destaque da fala de outrem. No contexto midiático, o enunciador jornalista destaca, com ou sem alterações, a fala de outros, realizando um processo que Maingueneau (2008b; 2010) chama de aforização. A aforização é um fenômeno muito utilizado pela mídia, pois ao abordar assuntos diversos, ela recorre a discursos de outrem para legitimar o seu dizer e, muitas vezes, precisa alterá-los para que eles sejam compreensíveis pela maioria dos leitores. Diante desse contexto político-midiático, este trabalho tem por objetivo observar o funcionamento discursivo das aforizações sobre os debates televisivos do segundo turno das eleições presidenciais 2010 nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Para tanto, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: Como ocorreu o processo de construção das aforizações veiculadas nos jornais impressos? Nosso viés teórico-analítico foi embasado, principalmente, nos estudos de Dominique Maingueneau sobre os enunciados destacados e destacáveis em diálogo com os conceitos de paráfrase e metáfora propostos por Michel Pêcheux. Frente a esses objetivos, nossa pesquisa se justifica por buscar contribuir com estudos sobre a circulação dos discursos políticos nas mídias e a influência dos modos de circulação na manutenção e/ou na ressignificação dos sentidos. Por meio da análise e dos dados apresentados na discussão, observamos que a maioria das aforizações foi construída por supressões e, em muitos casos, ao alterar os enunciados, a cenografia construída pelo discurso durante os debates não se manteve, sendo alterada quando retratada pelos jornais. Essas diferenças na cenografia e na imagem do político acabaram favorecendo um ou outro candidato. Entretanto, não podemos dizer que um jornal apoiou um dado candidato, pois ao veicular aforizações com determinadas alterações, os jornais favoreceram um ou outro candidato.

Palavras-chave: discurso político-midiático; aforização; circulação de discursos; debates televisivos; jornal impresso.

ABSTRACT

The current facility of information access requires that media say and prove what they say, in order to gain the credibility of the reader/listener/viewer and to avoid legal sanctions for releasing libelous, biased or decontextualized information. According to Charaudeau (2006), media communication constitutes a tension between two target: a target that tends to produce an object of knowledge according to civic logic, in other words, a target that aims to inform the public, and a target of commercial, which tends to produce an object of consumption according to a commercial logic: "get the masses to survive the competition" (Charaudeau, 2006, p. 86). Thus, one way to produce an effect of veracity and objectivity, to lessen the responsibility of informing from the enunciator journalist and attract callers, takes place by means of highlight other people's speech. In the media context, the journalist highlights, with or without changes, speeches of others, performing a process that Maingueneau (2008b, 2010) calls aphorisation. The aphorisation is a phenomenon widely used by the media, because to comment about various issues, the media uses the speeches of others to legitimise their say and often need to change other's speeches so that they are understandable by most readers. In this political-media context, this study aims at observing the discursive functioning of aphorisation about the televised debates of the second round presidential elections in 2010 in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*. The starting point was the following research question: How has been the process of aphorisation construction that circulated in the newspapers? Our theoretical and analytical bias was based mainly on studies of Dominique Maingueneau on detached and detachable statements in dialogue with the concepts of metaphor and paraphrase proposed by Michel Pêcheux. Given these objectives, our research is justified for seeking to contribute with studies on the circulation of political discourse in the media and the influence of the circulation modes in maintaining and/or reframing of the senses. Through the analysis and data presented in the discussion, we noted that most aphorisation was built by suppression and, in many cases, by changing the statements, the scenography built by speech during the debates was not maintained, being changed when stated by the newspapers. These differences in scenography and the image of the politician just benefitting one or another candidate. However, we cannot say that a newspaper has supported a particular candidate because, through the alterations in the construction of aphorisations, the newspapers benefitted one or another candidate.

Keywords: media-political discourse; aphorisation; circulation of discourses; televised debates; newspaper.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

DR – Dilma Rousseff

FSP – Folha de S. Paulo

ESP – O Estado de S. Paulo

IM – Inserção marcada

INM – Inserção não marcada

JS – José Serra

SM – Supressão marcada

SNM – Supressão não marcada

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de destacamento forte.	23
Figura 2: Enunciação aforizante e textualizante.	26
Figura 3: Modalidades, tipos e subtipos de aforização.	38
Figura 4: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio da Band.	58
Figura 5: <i>Frames</i> da disposição espacial dos participantes no estúdio da Band.	58
Figura 6: Aforizações 1 nos dois jornais.	60
Figura 7: Aforização 2 nos dois jornais.	63
Figura 8: Aforização 3 – <i>Folha de S. Paulo</i>	66
Figura 9: Aforização 4 – <i>Folha de S. Paulo</i>	68
Figura 10: Aforização 5 – <i>O Estado de S. Paulo</i>	71
Figura 11: Aforização 6 – <i>O Estado de S. Paulo</i>	73
Figura 12: Esquema da disposição dos participantes no estúdio da Folha/Rede TV!.	76
Figura 13: <i>Frame</i> da disposição espacial dos participantes no estúdio da Rede TV!/Folha.	76
Figura 14: Aforização 7 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais.	78
Figura 15: Aforização 8 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais.	83
Figura 16: Aforização 9 – <i>Folha de S. Paulo</i>	86
Figura 17: Aforização 10 – <i>O Estado de S. Paulo</i>	87
Figura 18: Aforização 11 – <i>O Estado de S. Paulo</i>	90
Figura 19: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio da Record.	92
Figura 20: <i>Frame</i> da disposição espacial dos participantes no estúdio da Record.	92
Figura 21: Aforização 12 veiculada em ambos os jornais.	93
Figura 22: Aforização 13 – <i>Folha de S. Paulo</i>	95
Figura 23: Aforização 13 – <i>O Estado de S. Paulo</i>	98
Figura 24: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio da Globo.	100
Figura 25: <i>Frames</i> da disposição espacial dos participantes no estúdio da Globo.	100
Figura 26: Aforização 14 veiculada em ambos os jornais.	102
Figura 27: Aforização 14 – <i>Folha de S. Paulo</i>	104
Figura 28: Aforização 15 – <i>Folha de S. Paulo</i>	105
Figura 29: Aforização 16 veiculada em <i>O Estado de S. Paulo</i>	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplo de destacamento forte.....	23
Tabela 2: Aforizações acompanhadas de foto do rosto.....	28
Tabela 3: Exemplo sobreasseveração e aforização.....	29
Tabela 4: Exemplo de supressão marcada.....	31
Tabela 5: Exemplo de supressão não marcada.....	32
Tabela 6: Exemplo de substituição de palavras.....	33
Tabela 7: Exemplo de substituição por paráfrase não marcada.....	34
Tabela 8: Exemplo de inserção marcada.....	36
Tabela 9: Exemplo de inserção não marcada.....	37
Tabela 10: Aforização 1 - debate Band - veiculada em ambos os jornais.....	61
Tabela 11: Aforização 2 - debate Band - veiculada em ambos os jornais.....	64
Tabela 12: Aforização 3 - debate Band - veiculada na FSP.....	67
Tabela 13: Aforização 4 - debate Band - veiculada na FSP.....	69
Tabela 14: Aforização 5 - debate Band - veiculada em ESP.....	72
Tabela 15: Aforização 6 - debate Band - veiculada em ESP.....	74
Tabela 16: Aforização 7 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais.....	78
Tabela 17: Resumo do processo metafórico na FSP.....	80
Tabela 18: Resumo do processo metafórico em ESP.....	81
Tabela 19: Aforização 8 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais.....	83
Tabela 20: Aforização 9 - debate Rede TV!/Folha - veiculada na FSP.....	86
Tabela 21: Aforização 10 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ESP.....	88
Tabela 22: Aforização 11 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ESP.....	91
Tabela 23: Aforização 12 - debate Record - veiculada em ambos os jornais.....	94
Tabela 24: Aforização 12 - debate Record - veiculada em <i>O Estado de S. Paulo</i>	94
Tabela 25: Aforização 13 - debate Record - veiculada na FSP.....	96
Tabela 26: Aforização 13 - debate Record - veiculada em ESP.....	98
Tabela 27: Aforização 14 - debate Globo - veiculada em ambos os jornais.....	102
Tabela 28: Aforização 14 - debate Globo - veiculada na FSP.....	104
Tabela 29: Aforização 15 - debate Globo - veiculada na FSP.....	106
Tabela 30: Aforização 16 - debate Globo - veiculada no ESP.....	108
Tabela 31: Títulos das notícias.....	110
Tabela 32: Audiência dos debates.....	111

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2 ANÁLISE DO DISCURSO: UMA DISCIPLINA INDISCIPLINÁVEL	18
2.1 CONCEITOS DE DOMINIQUE MAINGUENEAU	19
2.1.1 Cena enunciativa.....	20
2.1.2 Destacabilidade: enunciados destacáveis e destacados	21
2.1.3 Da sobreasseveração à aforização	24
2.2 AFORIZAÇÃO: MODALIDADES E TIPOS	30
2.2.1 Supressão	31
2.2.2 Substituição	32
2.2.3 Inserção.....	35
2.3 DISCURSO POLÍTICO-MIDIÁTICO E AFORIZAÇÃO	39
3 DO DEBATE TELEVISIVO À NOTÍCIA NO JORNAL IMPRESSO	43
3.1 DEBATE: CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	43
3.2 O JORNAL IMPRESSO	46
2.3 O ORAL E O ESCRITO: DIFERENTES REGIMES DE ENUNCIÇÃO	49
4 PERCURSO ANALÍTICO	53
4.1 DEBATE TRANSMITIDO PELA BAND	57
4.1.1 Aforizações veiculadas nos dois jornais.....	59
4.1.2 Aforizações veiculadas apenas na <i>Folha de S. Paulo</i>	65
4.1.3 Aforizações veiculadas apenas em <i>O Estado de S. Paulo</i>	70
4.2 DEBATE TRANSMITIDO PELA REDE TV!/FOLHA	75
4.2.2 Aforização veiculada apenas na <i>Folha de S. Paulo</i>	85
4.2.3 Aforizações veiculadas apenas em <i>O Estado de S. Paulo</i>	87
4.3 DEBATE TRANSMITIDO PELA RECORD.....	91
4.3.1 Aforização veiculada apenas nos dois jornais	93
4.3.2 Aforização veiculada apenas na <i>Folha de S. Paulo</i>	95
4.3.3 Aforização veiculada apenas em <i>O Estado de S. Paulo</i>	97
4.4 DEBATE TRANSMITIDO PELA GLOBO	99
4.4.1 Aforização veiculada por ambos os jornais.....	102
4.4.2 Aforizações veiculada apenas na <i>Folha de S. Paulo</i>	103
4.4.3 Aforização veiculada apenas em <i>O Estado de S. Paulo</i>	107
4.5 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS ANALÍTICOS.....	108

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS	117

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante o período das eleições 2010, os integrantes do Grupo de Estudos Político-Midiáticos (GEPOMI-UEM) realizaram um intenso trabalho de coleta de dados que resultou em um arquivo que reúne textos de diversos gêneros e suportes midiáticos, proporcionando *corpora* para várias pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Esta dissertação de mestrado representa a análise de uma pequena parte do arquivo desse grupo e faz parte de um projeto maior intitulado “Práticas discursivas político-midiáticas na contemporaneidade”.

Nosso primeiro contato com o *corpus* foi durante o período de coleta dos vídeos dos debates do segundo turno das eleições 2010. No decorrer desse período de coletas, o GEPOMI realizou reuniões nas quais os integrantes comentavam as metodologias utilizadas nas coletas e suas observações sobre o material coletado. Em uma dessas reuniões, pudemos observar que os jornais, as revistas, os portais de notícias e as redes sociais veiculavam as falas dos candidatos de maneira diferente. Surgiu, portanto, um interesse em compreender como ocorre esse processo que destaca e/ou altera e/ou recorta a fala do outro e que efeitos ele pode produzir. Pela impossibilidade de incluir todos os suportes e gêneros, selecionamos para compor nosso *corpus* os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em suas versões impressas.

A primeira observação que todo o arquivo do GEPOMI e, principalmente, o nosso *corpus* nos proporcionou foi que, ao contrário da realidade de alguns anos atrás, o acesso à informação na sociedade atual é bem mais amplo, proporcionando ao leitor/telespectador/internauta/ouvinte a possibilidade de verificar a notícia. Isso faz com que os suportes midiáticos digam e mostrem/provem o que dizem, tanto para conquistar a credibilidade do interlocutor quanto para evitar sanções legais por divulgar informações caluniosas, tendenciosas ou descontextualizadas.

Tratando especificamente de jornais impressos, outra necessidade do jornalista é a visão da informação por um viés comercial, ou seja, a notícia precisa atrair o interlocutor e fazer com que ele compre e leia o jornal. Em relação a esse papel mercantil da mídia, Fonseca (2004) explica que ele se torna distinto de seus similares de outros setores econômicos, pois, não bastasse o poder de modelar a opinião, sua mercadoria – a notícia – está sujeita a variáveis mais complexas e sutis do que as existentes em outros produtos.

Diante disso, uma das maneiras de produzir um efeito de veracidade, diminuir a responsabilidade da informação do enunciador jornalista e atrair o interlocutor se dá por meio do destaque da fala de outrem. Esse destacamento faz parte do fazer jornalístico, está inscrito em determinadas condições de produção desse fazer e em uma memória do jornalismo como instituição. Sendo assim, o enunciador jornalista destaca, com ou sem alterações, a fala de outros, realizando um processo que Maingueneau (2008b; 2010) chama de aforização.

A aforização é um fenômeno muito utilizado pela mídia, pois ao abordar assuntos diversos, ela recorre a discursos de outrem para legitimar o seu dizer e, muitas vezes, precisa alterá-los para que eles sejam compreensíveis pela maioria dos leitores.

Em se tratando do universo político-eleitoral, quase tudo que ocorre no período das eleições, com os sujeitos envolvidos nesse processo, propicia a veiculação da notícia de diferentes maneiras e em suportes diversos. Em 2010, os candidatos Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) disputaram a presidência num segundo turno marcado por acusações de corrupção, ataques pessoais e rivalidades partidárias veiculadas no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), em declarações e, principalmente, nos debates televisivos que, por caracterizarem um confronto face a face entre os candidatos, propiciam esse tipo de situação. Os discursos de campanha e o HGPE podem ser relativamente planejados. Pode-se ensaiar, gravar, cortar, editar. Já no debate televisivo, o candidato pode ser pego de surpresa com ataques e declarações dos adversários, apesar de suspeitar os possíveis temas e usufruir de tecnologias que proporcionam *feedback* quase imediato.

Diante dessa realidade, este trabalho busca observar o funcionamento discursivo das aforizações sobre os debates televisivos do segundo turno das eleições presidenciais 2010 nos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Estado de S. Paulo* (ESP), ou seja, partimos da observação dos enunciados dos debates televisivos e analisamos como eles funcionam ao passarem a circular nos jornais impressos. Sendo assim, a pergunta de pesquisa em torno de como ocorreu o processo de construção das aforizações veiculadas nos jornais impressos, norteia nosso percurso rumo a nosso objetivo.

Seguindo a temática do projeto de nosso grupo de estudos: “Discursos político-midiáticos”, justificamos nossa pesquisa em três aspectos: acadêmico, profissional e social. No aspecto acadêmico, este trabalho busca contribuir para os estudos do grupo mencionado, apresentando reflexões e análises sob um viés teórico diferente do mobilizado pelo grupo; no profissional, busca contribuir para os estudos sobre a circulação dos discursos e propor uma

classificação das aforizações que possa ser utilizada em análises de *corpora* diversos. Quanto ao aspecto social, pretendemos possibilitar ao leitor e ao eleitor outros olhares, outras leituras sobre as questões político-eleitorais, demonstrando como os modos de circulação podem manter e/ou ressignificar os sentidos.

A base teórico-metodológica para este trabalho foram os estudos de Dominique Maingueneau, principalmente no seu trabalho sobre os enunciados destacados e destacáveis que circulam na mídia. Também contamos com contribuições de outros autores cujos trabalhos versam sobre os enunciados destacados e destacáveis (POSSENTI; BARONAS, 2009; POSSENTI, 2011a, 2011b; MOTTA, 2009a, 2009b; BENITES; MENDES, 2011, entre outros). Esses estudos nos possibilitam analisar e discutir o processo de construção da aforização nos jornais.

Nossos pressupostos teóricos foram enriquecidos com os estudos de Michel Pêcheux, no que diz respeito aos conceitos de paráfrase e efeito metafórico, pois entendemos que a aforização pode, em determinados casos, promover deslizamentos de sentido, que podem ser explicados com a ajuda e a aplicação desses conceitos. Ao mobilizarmos os conceitos pecheutianos¹ mencionados, consideramos as concepções de sujeito, inconsciente e memória propostas pelo autor, o que nos possibilita discutir os efeitos produzidos pelas aforizações.

Em suma, os estudos de Dominique Maingueneau nos proporcionam base teórica e metodológica para analisarmos o processo de construção das aforizações e os estudos de Michel Pêcheux, para a análise dos efeitos que esse processo pode produzir.

Consideramos, também, que uma análise de falas de políticos proferidas em debates e aforizadas em jornais impressos pode ser complementada com a discussão de conceitos propostos pelas teorias trabalhadas no campo da comunicação, principalmente por estudiosos que abordam os discursos midiático (CHARAUDEAU, 2006; FONSECA, 2004; GREGOLIN, 2003), jornalístico² (MARIANI, 1998) e político (BONAVIDES, 2000; BRAGA, 2006; CHARAUDEAU, 2008; RUBIM, 2000; RUBIM, 2002).

A elaboração desta dissertação de mestrado iniciou-se com a coleta e a transcrição dos vídeos dos debates. O próximo passo foi a coleta dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de*

¹ Optamos por este termo por ser ele o mais recorrente (busca realizada nas bases de dados SciELO e EBSCO), mas também há outros dois menos recorrentes: pecheutiano e pechetiano.

² Todo discurso jornalístico é também midiático, mas o discurso midiático não se restringe ao jornalístico. Os estudos sobre o discurso midiático nos possibilitam pensar nos veículos de comunicação de forma geral. Entretanto, nesse sentido, nosso foco recai sobre o discurso televisivo, que nos contribui para a compreensão do funcionamento dos debates. Os estudos sobre o discurso jornalístico nos possibilitam pensar no funcionamento do jornal como instituição.

S. Paulo em suas versões impressas no dia seguinte à veiculação de cada debate televisivo. Após a tabulação e organização de nosso *corpus*, selecionamos nosso referencial teórico, traçamos nossos objetivos e definimos nosso problema de pesquisa, que é também nossa pergunta de análise.

Tendo em vista o objetivo geral de nosso trabalho - observar o funcionamento discursivo das aforizações -, traçamos três objetivos específicos: a) descrever e ampliar³ a classificação das formas de construção utilizadas no processo de aforização e aplicá-las na análise do *corpus*; b) observar se e/ou até que ponto o uso dessas formas de construção pode acarretar a construção de diferentes cenografias, considerando, segundo Mussalim e Fonseca-Silva (2011, p. 147), que “todas as cenografias possibilitam um processo de identificação do coenunciador com a pluralidade de identidades”; c) comparar os processos de construção das aforizações utilizados pelos dois jornais, observando os efeitos produzidos por eles.

Nossos objetivos específicos direcionaram a organização da parte textual deste trabalho em cinco seções. A primeira é a presente apresentação de um panorama geral do trabalho, que intitulamos “Considerações Iniciais”. Na segunda, abordamos a Análise de Discurso, primeiro de uma forma geral, apresentando as vertentes da linha francesa, depois, abrangendo conceitos nos quais centramos nosso trabalho (destacabilidade e aforização). Nessa seção, mais especificamente no item 2.2.3, buscamos fazer uma delimitação dos conceitos de sobreasseveração e aforização. Ainda na segunda seção, item 2.3, propomos uma descrição e uma classificação das estratégias utilizadas no processo de aforização, que teve como ponto de partida o conceito de aforização (MAINGUENEAU, 2008b; 2010). Como se trata de uma proposta inédita até o momento, utilizamos trechos de nosso *corpus* para exemplificar como podem ocorrer as classificações que propomos. Entretanto, não se trata de uma análise propriamente dita.

Na terceira seção, apresentamos conceitos de debate televisivo propostos por Kerbrat-Orecchioni (1990) e Aquino e Fávero (2002) e de jornal impresso, cuja contribuição principal é de Mariani (1998)⁴. Ainda nessa seção, discutimos as diferenças dos regimes de enunciação

³ Maingueneau (2010) iniciou um processo de classificação das formas de aforização, que pretendemos ampliar neste trabalho, devido à necessidade de adaptação dessas formas para aplicação em nosso *corpus*. Também há classificações de aforizações propostas pelo mesmo autor em “Texto ou discurso?” (BRAIT; SOUZA-E-SILVA, 2012) e em “Enunciação e discurso” (DÍ FANTI; BARBISAN, 2012).

⁴ Além das contribuições para os estudos da AD, Mariani, especificamente nesta obra, traz uma relevante discussão sobre os discursos no jornal impresso.

oral e escrito, com base em Marcuschi (1997; 2003), Maingueneau (2008a) e Rodrigues (2002).

Nosso percurso analítico é detalhado na quarta seção, que apresenta também especificidades de cada debate e das respectivas notícias nos jornais. O último item da seção 4 (4.5) apresenta uma discussão que visa a tecer considerações gerais sobre a análise de nosso *corpus*. Após a análise e a discussão, apresentamos, na quinta seção, as considerações finais a que chegamos por meio de todo o processo de elaboração desta dissertação.

2 ANÁLISE DO DISCURSO: UMA DISCIPLINA INDISCIPLINÁVEL

A Análise do Discurso (AD), teoria que embasa nossa pesquisa, é uma disciplina em constante construção, e que proporciona debates e embates com diversas outras disciplinas. Segundo Mariani (1998, p. 23) a AD se propõe a discutir e a definir a linguagem e a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, buscando “compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos, na perspectiva de uma semântica de cunho materialista”.

Ainda em relação aos objetivos da AD, Orlandi (2005, p. 26-27) entende que

[...] a Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura.

Essa perspectiva teórico-metodológica iniciou-se na década de 1960 na França, com os estudos de Michel Pêcheux e desde então vem passando por alterações.

No Brasil, pesquisadores como Orlandi, Mariani, entre outros, contribuíram e contribuem para a constante atualização e ressignificação dessa teoria por meio de suas relevantes pesquisas na área. Outros pesquisadores, como Gregolin, Navarro, Fernandes optaram por aplicar os estudos do filósofo Michel Foucault⁵ na análise de materialidades diversas, utilizando o método arqueogenealógico (relação saber-poder) proposto por esse teórico. Um terceiro grupo de pesquisadores brasileiros em AD, no qual nos incluímos, vem recentemente abordando os estudos do linguista Dominique Maingueneau em suas análises. Este linguista é um importante pesquisador francês que vem dando continuidade aos estudos em Análise do Discurso (AD).

Vista por alguns como mais pragmática que filosófica, a análise de discurso praticada por Maingueneau traz uma apropriação de Foucault, sem deixar de pressupor os fundamentos teóricos lançados por Pêcheux, contribuindo de forma significativa para a compreensão das novas problemáticas discursivas que a sociedade midiaticizada se defronta. Dentre elas, contemplamos em nosso trabalho as questões de circulação dos discursos em diferentes suportes e gêneros midiáticos.

⁵ Não é de nosso interesse, neste momento, colocar em discussão a inclusão de Foucault na AD.

Maingueneau (2008d) propõe uma abordagem enunciativa de análise do discurso, que considera os discursos “integralmente linguísticos” e “integralmente históricos”. O autor se situa “no lugar em que vêm se articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita” (MAINGUENEAU, 2008d, p.17).

Atualmente, Maingueneau tem voltado seus estudos para os enunciados destacáveis e destacados na/pela mídia, visto que a sociedade contemporânea, conectada, com fácil acesso à informação, propicia essas pesquisas sobre a mídia, diferentemente do que ocorria nas décadas de 1960-1980, quando não havia tecnologias de informação tão avançadas quanto as atuais. Isso justifica a circulação dos discursos ter sido pouco abordada por Michel Foucault e Michel Pêcheux, que priorizaram, cada um a seu modo, o estudo da formulação e da constituição dos discursos.

No Brasil, os estudos sobre os enunciados destacados e destacáveis propostos por Maingueneau repercutiram em relevantes estudos e na formação de um importante grupo de pesquisa, fundamental para o desenvolvimento, a compreensão e a disseminação desses conceitos. O FEsTA - *Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise*, é um grupo de estudos coordenado pelo prof. Dr. Sírío Possenti (UNICAMP), que iniciou suas atividades em novembro de 2008 e conta com pesquisadores de várias instituições, cuja produção tem sido relevante para a compreensão dos conceitos apresentados por Maingueneau. Sendo assim, contamos, neste trabalho, não só com a produção de Maingueneau, mas também com a de pesquisadores brasileiros desse grupo, que têm apresentado uma relevante contribuição para a compreensão dos conceitos que serão abordados neste trabalho.

2.1 CONCEITOS DE DOMINIQUE MAINGUENEAU

Nesta seção, apresentamos os conceitos de Dominique Maingueneau que utilizamos em nossas análises, além de uma subdivisão de conceitos que propomos aqui, teoricamente, para posterior aplicação analítica.

As inúmeras referências a textos de Maingueneau e a brevidade da parte teórica deste trabalho se justificam por se tratar de um conceito recentemente sistematizado (aforização) e, portanto, ainda pouco abordado por pesquisadores diversos.

2.1.1 Cena enunciativa

Como afirma Maingueneau (2008a, p. 93), “enunciar não é somente expressar ideias, é também tentar construir e legitimar o quadro de sua enunciação”. Esse quadro é construído pela cena da enunciação que, conforme o autor, associa três cenas de fala: a) a cena englobante; b) a cena genérica e c) a cenografia (MAINGUENEAU, 2008a; 2008b).

“A **cena englobante** é a que corresponde ao tipo de discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 86, grifo do autor). Os tipos de discurso são aqueles que englobam em seu interior diversos gêneros de discurso⁶. Em nosso *corpus*, por exemplo, quando tratamos do debate televisivo e dos jornais, tratamos do tipo de discurso *mediático*, que constitui diversos gêneros, como o debate e a notícia e, ao mesmo tempo, do tipo de discurso *político*, principalmente no caso dos debates.

Esses gêneros constituem a cena genérica, na qual cada gênero define seus próprios papéis: num debate televisivo, trata-se de um candidato dirigindo-se a outro candidato e a eleitores/telespectadores. A mera listagem dos inúmeros gêneros de discurso não são relevantes, pois, como afirma Maingueneau (1997, p. 35), “em lugar de elaborar uma lista impossível de gêneros do discurso, é melhor nos questionarmos sobre a maneira de conhecer as próprias coerções genéricas”, visto que “um enunciado ‘livre’ de coerções é utópico” (MAINGUENEAU, 1997, p. 37).

O autor afirma, ainda, que as cenas englobante e genérica definem o quadro cênico do texto. “É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 87), embora não seja com ele que o leitor se confronta, mas com uma cenografia. Esta não é um cenário dado pronto para receber um discurso, “é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala”. Portanto, a cenografia e o discurso se constroem e se constituem mutuamente.

[...] a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria... (MAINGUENEAU, 2008a, p. 87-88) (grifo do autor).

⁶ “Alguns autores empregam indiferentemente ‘gênero’ e tipo de ‘discurso’, mas a tendência dominante é a de distingui-los. [...] Os gêneros de discurso pertencem a diversos *tipos* de discurso associados a vastos **setores de atividade social**” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 61, grifos do autor).

Maingueneau (2008b) cita o exemplo de um debate, que coincide com uma das cenas genéricas de nosso *corpus*. O autor assevera que os debatedores dificilmente possam enunciar por intermédio de suas próprias cenografias: “eles não têm o controle da enunciação e precisam reagir imediatamente a situações imprevisíveis suscitadas pelos interlocutores” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 118).

O autor complementa que o discurso político é um tipo de discurso propício a diversidade das cenografias: “um determinado candidato poderá falar a seus eleitores como um jovem executivo, como tecnocrata, como operário, como homem de grande experiência etc.” (MAINGUENEAU, 2008a, p.89). Para legitimar-se, uma cenografia pode apoiar-se em cenas validadas, ou seja, cenas cristalizadas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam (MAINGUENEAU, 2008a).

Considerando as teorizações de Maingueneau, podemos observar, no caso dos debates televisivos de nosso *corpus*, que a cena englobante é o discurso político-midiático; a cena genérica são as coerções de um debate e as cenografias podem ser variadas, sendo construídas simultaneamente à enunciação. Em relação às notícias dos jornais impressos, a cena englobante é o discurso midiático/jornalístico; a cena genérica são as coerções do gênero notícia e a cenografia é a de uma contextualização, um resumo sobre o debate televisivo.

2.1.2 Destacabilidade: enunciados destacáveis e destacados

Embasada nos estudos de Maingueneau (2008b: 2010) sobre destacabilidade, Motta (2011, p. 165) explica que

A destacabilidade é um conceito capaz de abarcar tanto fenômenos típicos da heterogeneidade enunciativa, como a citação, quanto a enunciação proverbial (em sua forma cristalizada ou em suas paródias). E também põe em relevo um funcionamento enunciativo: as diversas formas com que um texto destaca alguns enunciados, o que possibilita uma análise não restrita ao que já é historicamente destacado.

Na mesma linha de pensamento, Possenti (2011a, p. 40) afirma que a destacabilidade “visa a dar conta do fato de que, nos textos, frequentemente há enunciados que ganham, em decorrência de certas características, uma vida independente, por assim dizer, e funcionam como espécies de resumos de doutrinas ou como enunciados como força moral, etc.”.

Constantemente nos deparamos com a destacabilidade nos textos midiáticos, seja esse destacamento constitutivo, que “é o caso particularmente dos provérbios e de todas as fórmulas sentenciosas que por natureza não possuem contexto situacional nem contexto original”; ou “por extração de um fragmento de texto, quando nos encontramos em uma lógica de citação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 10).

Quanto a esses fenômenos de destaque utilizados pela mídia, Maingueneau (2008b) opõe os enunciados destacáveis aos enunciados destacados. Segundo esse autor, fragmento destacável “é o tipo de enunciado que imaginamos poder facilmente ser repetido como manchete ou como intertítulo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 11), já que possui uma marcação apropriada e, portanto, mostra-se como podendo ser destacado (MAINGUENEAU, 2008b). Nesse caso “é o gênero que filtra o tipo de enunciados destacáveis semanticamente mais pertinentes. É normal que, numa entrevista, sejam de preferência as afirmações da pessoa entrevistada sobre si mesma as marcadas como destacáveis” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 84).

Motta (2009a, p. 48), com base nos estudos de Maingueneau (2008b; 2010), explica que “há algumas maneiras de um texto indicar as passagens destacáveis: fazendo delas um título; dando-lhes uma posição de destaque; compondo-a com estrutura genérica; dotando-a de elementos pregnantes; através do metadiscurso”.

Já os enunciados destacados são trechos curtos que funcionam de maneira autônoma, veiculando posicionamentos de grupos sociais específicos. Geralmente, são falas de pessoas com certo prestígio na sociedade, que circulam em diversos contextos ou enunciados conhecidos por pequenos grupos e que acabam sendo massificados. Entretanto, segundo Possenti (2011a, p. 38), essas formas “não são destacadas por mero gosto, mas por serem destacáveis, isto é, por apresentarem determinadas propriedades, das quais resulta quase uma injunção a ser destacada”.

Em relação aos enunciados destacados, Benites (2009, p. 4-5) explica que na conferência proferida no Congresso Internacional da Abralín, em 2007,

Maingueneau afirma que um fragmento de texto pode ser submetido a um *destacamento forte*, em que o leitor não tem acesso ao texto-fonte, e um *destacamento fraco*, em que o enunciado destacado é extraído de um texto apresentado ao leitor. O destacamento fraco corresponde, em geral, a um título, um subtítulo, uma legenda de foto, e é o mais freqüente na imprensa escrita. Contudo, nesta ocorre também o destacamento forte, caso das citações dissociadas de seu texto fonte, apresentadas sob rótulos como “frases da semana”.

Portanto, o destacamento forte caracteriza enunciados dissociados do texto de origem, e o destacamento fraco, os que estão próximos do texto de origem. No caso de nosso *corpus*, trata-se de *destacamentos fortes*, visto que o texto que acompanha as aforizações não são o texto-fonte, mas uma contextualização feita pelo jornalista. Nesse caso, o texto-fonte é o próprio debate televisivo e não o que é apresentado no corpo do texto. Para exemplificarmos melhor, propomos o exemplo abaixo, retirado de nosso *corpus*:



Figura 1: Exemplo de destacamento forte.

O trecho à direita, com fonte branca e fundo azul, é a aforização em posição de destaque no jornal. O trecho à esquerda é a contextualização feita pelo jornalista a respeito do trecho em destaque. Embora esse trecho não seja o texto-fonte, para o leitor, ele funciona como se fosse. O texto-fonte, no caso de nosso *corpus*, é o próprio debate televisivo⁷. A Tabela seguinte, que contém o trecho transcrito do debate, demonstra essa diferença.

Tabela 1: Exemplo de destacamento forte⁸.

Debate televisivo – 10 de outubro de 2010	Folha de S. Paulo 11 de outubro de 2010
<p>Serra: <i>Eu devo confessar que estou surpreso com essa agressividade, com esse treinamento também, da Dilma Rousseff que, eu vou dizer, está se mostrando como é que é de verdade.</i></p>	<p>Posição de destaque: //“Estou surpreso com essa agressividade // da Dilma Rousseff que // está se mostrando como é que é de verdade”.</p> <p>Corpo do texto: //“Estou surpreso com essa agressividade, esse treinamento. // A Dilma Rousseff // está se mostrando como é de verdade”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização⁹.

⁷ Não pretendemos aqui esboçar uma análise. A figura 1 e a tabela 1 foram inseridos apenas a título de exemplos.

⁸ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela Band em 10 de outubro de 2010.

Como podemos observar na tabela 1, os trechos veiculados pelo jornal apresentam supressões de trechos, que representamos com duas barras //. Vemos que, no corpo do texto, há uma contextualização feita pelo jornalista, ligando o assunto a seguir com o assunto recém-comentado, mantendo uma ordem cronológica das falas¹⁰. Portanto, esse enunciado destacado foi veiculado de maneira autônoma em relação ao texto-fonte.

2.1.3 Da sobreasseveração à aforização

Em *Cenas da Enunciação*, primeiro livro de Maingueneau traduzido para o português em que ele aborda a sobreasseveração, o autor caracterizou esse conceito como um enunciado:

- relativamente breve, de estrutura pregnante no plano do significado e/ou do significante;
- em posição relevante no texto ou em uma passagem do texto, de modo a lhe atribuir o estatuto de um condensado semântico, o produto de uma espécie de sedimentação da realização do discurso;
- tal que sua temática deve estar em relação com o intuito do gênero de discurso, do texto em questão: trata-se de uma tomada de posição no interior de um conflito de valores;
- implica um tipo de "amplificação" da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* apropriado (MAINGUENEAU, 2008b).

Seguindo a mesma linha de pensamento, mas aprofundando e abordando outros conceitos, em *Doze Conceitos em Análise do Discurso*, Maingueneau (2010, p. 11) define brevemente a sobreasseveração como “uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato à destextualização [...]”.

Maingueneau (2008b) adverte que não devemos confundir a sobreasseveração com a citação. A citação consiste em “retirar um material já significativo de dentro de um discurso para fazê-lo funcionar dentro de um novo sistema significativo” (MAINGUENEAU, 1976, p. 125). No caso da sobreasseveração, “não é possível falar de ‘citação’: trata-se somente de

⁹ Mais detalhes no tópico seguinte (2.1.3)

¹⁰ Apesar de estarmos tratando apenas de exemplos nesse momento, não poderíamos deixar de comentar sobre o verbo empregado pelo jornalista: *provocar*. Ele direciona a fala de Serra para o sentido de provocação e essa foi uma conclusão do jornalista (do editor ou outro), que poderia ter empregado outro verbo como afirmar, dizer, entre outros.

uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 11).

Segundo o autor (2010), ao compararmos os enunciados destacados e o texto de que eles são extraídos podemos observar que, na maior parte das vezes, o enunciado sofre uma alteração quando é destacado. Maingueneau (2010, p. 11) destaca, ainda, que

[...] essas alterações nos parecem reveladoras de que a sobreasseveração e os enunciados destacados têm um *status* pragmático distinto. Os enunciados destacados decorrem de um regime de enunciação específico, que propusemos chamar de "enunciação aforizante": entre uma "aforização" e um texto não há uma diferença de dimensão, mas de ordem.

Maingueneau (2008b, p. 159) utiliza o termo aforização para designar “o regime enunciativo específico dos ‘enunciados destacados’”, focalizando suas propriedades enunciativas, pragmáticas e antropolinguísticas, que implicam descontextualização. Conforme o autor, existe uma “tensão entre a aforização e o texto que a acolhe”, uma vez que, ao contrário da enunciação textual, que inscreve cada enunciado no horizonte global de um gênero de discurso, a enunciação aforizante não se deixa enquadrar em um gênero. Isso não significa que ela seja proferida fora de qualquer gênero, sendo absoluta em si, mas, simplesmente, que ela tem a pretensão ilocucionária de ser uma palavra absoluta (BENITES, 2009).

Segundo Motta (2009b, p. 122, grifos da autora), a lógica da aforização foi retomada por Maingueneau na conferência de 2007, “como uma proposta do autor de descrever o funcionamento dos enunciados destacados, fenômeno que considera não ter sido explicado suficientemente com o conceito de *sobreasseveração*”.

Maingueneau (2008b) identifica dois tipos de aforização: sentenciosa e pessoal. A primeira diz respeito aos enunciados já destacados, facilmente memorizáveis e sem identificação do texto de origem. “Referem-se a provérbios, ditados, adágios e *slogans*, enunciações generalizantes, naturalmente autônomas e basicamente polifônicas, cujo responsável, um ‘hiperenunciador’, encontra-se em uma instância anônima” (BENITES, 2009, p.4). Já a aforização pessoal evoca um autor particular; não é, portanto, generalizante, e tem um funcionamento semelhante ao da citação de fidelidade.

Observando o horizonte dos gêneros de discurso, Maingueneau (2010, p. 13) opõe enunciação *aforizante* e enunciação *textualizante*.

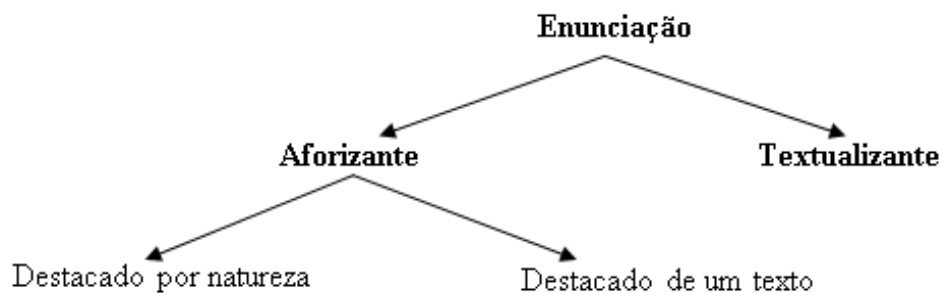


Figura 2: Enunciação aforizante e textualizante.

O autor opõe esse par (enunciação textualizante e enunciação aforizante), apresentando seis diferenças: 1) cena de fala; 2) ordem; 3) plano enunciativo; 4) modo de circulação; 5) dimensão e 6) memória.

A primeira diferença apontada por Maingueneau (2010, p. 13) é a questão da cena de fala. O autor explica que na textualização nos relacionamos com facetas, “aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada”, enquanto a aforização institui uma “cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. [...] Fundamentalmente monologal a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor”.

A segunda diferença é a de ordem. Enquanto um texto é articulado por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: argumentar, narrar, responder a uma pergunta, maldizer, na aforização, “o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação soberana...” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

Os planos enunciativos são a terceira diferença apresentada por Maingueneau (2010). Os textos têm uma tendência natural de alterar os planos enunciativos, com diferentes figuras de enunciador, diferentes *status* polifônicos, diferentes planos de texto, etc. Já na enunciação aforizante, o enunciado tende à homogeneidade, sem mudanças de planos enunciativos.

A quarta diferença, conforme aponta Maingueneau (2010, p. 14), é que os textos implicam uma “forma de subjetividade que varia segundo os suportes e os modos de circulação: será aquela que a escrita impõe”, entretanto, a aforização “passa ao largo de todas as oposições midiológicas. É uma forma de dizer puro, quase próxima de uma consciência”.

A dimensão constitui a quinta diferença entre as enunciações textualizante e aforizante. Maingueneau afirma que “o texto excede a dimensão propriamente verbal: na forma escrita, ele compõe imagem (o que a tipografia manifesta), na forma oral, é um elemento num fluxo de comunicação (gestos, entonações, roupas...): a orquestra em que cada um toca sua parte”. Em contrapartida, o enunciado aforizado, não se desdobra para formar um quadro; ele “contesta a inevitável espacialização da memória discursiva que cada texto constrói. Aliás, a aforização pretende escapar ao fluxo de comunicação, ser pura fala” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14).

A última diferença apresentada pelo autor diz respeito à memória. Segundo Maingueneau (2010, p. 14), “a enunciação textualizante resiste à apropriação por uma memória”. A enunciação aforizante, por outro lado, “implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o ‘memorável’: enunciando e mostrando que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva”.

O autor (2010, p. 23) encerra essa diferenciação explicando que

As enunciações textualizante e aforizante não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor, um citador. A aforização vem, portanto, minar a compacidade da textualização.

Maingueneau (2010, p. 23) complementa que “não é o menor dos paradoxos que o texto seja, ao mesmo tempo, o lugar onde se constitui a aforização e aquilo que ela tem por natureza contestar. Desse ponto de vista é o texto que fabrica o que o contesta”.

Ainda segundo Maingueneau (2010, p. 16), outra característica comum da aforização é a presença frequente de fotos do rosto dos locutores ao lado das aforizações pessoais aparece como a manifestação de algo constitutivo. O autor caracteriza duas propriedades notáveis do rosto:

1) é a única parte do corpo considerada capaz de identificar o indivíduo como distinto de qualquer outro;

2) é, no imaginário profundo, a sede do pensamento e dos valores transcendentais.

Além disso, o autor afirma que “a foto autentica a aforização do locutor como sendo sua fala, aquela que faz dele um Sujeito plenamente responsável. Ela acompanha naturalmente, portanto, a aforização” (MAINGUENEAU, 2010, p. 16).

Em nosso *corpus*, todas as aforizações foram veiculadas acompanhadas da foto do rosto do candidato em ambos os jornais. Vejamos um exemplo:

Tabela 2: Aforizações acompanhadas de foto do rosto.

<p>Folha de S. Paulo</p>	 Aforização de Dilma Rousseff em um jornal. O texto está em uma coluna vermelha à esquerda da foto. A foto mostra Dilma Rousseff falando em um pódio.	 Aforização de Luiz Inácio Lula da Silva em um jornal. O texto está em uma coluna azul à esquerda da foto. A foto mostra Lula falando em um pódio.
<p>O Estado de S. Paulo</p>	 Aforização de Luiz Inácio Lula da Silva em um jornal. O texto está em uma linha azul na parte inferior da foto. A foto mostra Lula falando em um pódio.	 Aforização de Dilma Rousseff em um jornal. O texto está em uma linha azul na parte inferior da foto. A foto mostra Dilma Rousseff falando em um pódio.

Outra observação de Maingueneau (2010) em relação à foto do rosto é que ela é, também, um produto de destacamento, que elimina todo contexto situacional (roupa, lugar, momento...) que outras fotos permitem ver. Esse destacamento não se dá pelo enquadramento feito pelo fotógrafo, mas considerando um ponto de vista antropológico, pode-se considerar que “toda cabeça sempre é destacada de um corpo, que sempre está situado em um lugar e em um momento” (MAINGUENEAU, 2010, p. 16-7).

Quanto ao uso dos discursos direto e indireto nas citações, Maingueneau (2010) afirma que enunciados em discurso indireto podem ser aforizações quando retomam outras aforizações que tiveram destaque prévio na mídia, mas afirma também que a aforização

decorre efetivamente de uma lógica de discurso direto, entre aspas ou em itálico, como ocorre em todo o nosso *corpus*.

O autor encerra o capítulo sobre aforização explicando que há diversos fatores que podem reforçar, enfraquecer ou até mesmo bloquear o caráter aforizante de um enunciado. Esses fatores podem ser textuais, lexicais, modais, aspectuais, sintáticos e/ou semânticos (MAINGUENEAU, 2010).

Com base na leitura que fizemos dos conceitos de sobreasseveração e aforização propostos por Maingueneau (2008b; 2010), entendemos que a sobreasseveração só pode ser encontrada no texto-fonte, ou seja, o enunciador deixa marcas em seu discurso que tornam um determinado trecho um candidato a ocupar uma posição de destaque. A partir do momento em que esse trecho sai de seu texto-fonte e passa a circular, alterado ou não, em outros contextos, trata-se de aforização. Vejamos um exemplo retirado de nosso *corpus*:

Tabela 3: Exemplo sobreasseveração e aforização¹¹.

Debate televisivo – 17 de outubro de 2010	<i>O Estado de S. Paulo</i> 18 de outubro de 2010
Serra: O fato é o seguinte: eu tenho o apoio de dois ex-presidentes: do Itamar Franco, que é um homem digno e do Fernando Henrique, que sucedeu o Itamar Franco. Eles fizeram o plano real [...] A questão do ponto de vista de ex-presidentes é que quem apoia, de fato, a Dilma é o Collor e é o Sarney.	Posição de destaque: “Eu tenho o apoio de dois ex-presidentes. Ela tem o apoio de Collor e Sarney”.

A tabela 3 traz a transcrição do debate na coluna esquerda e a aforização veiculada no jornal na coluna direita. Ao construir o trecho “o fato é o seguinte”, o enunciador marca¹² que o trecho que vem a seguir é importante, portanto, destacável, candidato ao destaque. Essa marcação, essa uma possibilidade de estar em destaque classifica o trecho transcrito do debate como sobreasseveração. Maingueneau (2011, p. 44, tradução nossa) afirma que “o destacamento é feito a partir de uma sobreasseveração, que marca um fragmento de texto como destacável”. Sendo assim, a sobreasseveração ocorre apenas no momento da enunciação¹³, por meio de marcações diversas, como citamos anteriormente. Quando a

¹¹ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela Rede TV!/Folha em 18 de outubro de 2010.

¹² Não nos interessa discutir nesse momento se essa marcação é consciente ou não.

¹³ Apresentamos a sobreasseveração transcrita pela impossibilidade de representarmos o momento da enunciação em arquivo audiovisual.

sobresseveração se torna autônoma, sai de seu contexto original e passa a circular em outros lugares, ela recebe o nome de aforização.

Vale ressaltar que não tratamos, neste trabalho, a aforização como algo novo, que começou a ocorrer ultimamente, pois sabemos que esse fenômeno já existe desde sempre. Mesmo antes do surgimento de jornais, revistas, etc., já havia provérbios, máximas, etc. (que são aforizações), que circulavam nas mais diversas sociedades. Entretanto, a partir dos estudos de Maingueneau (2008b; 2010) esse funcionamento discursivo foi sistematizado e recebeu o nome de aforização.

2.2 AFORIZAÇÃO: MODALIDADES E TIPOS

Observando como o fragmento citado se insere no fio do texto, Maingueneau (2010) destaca estratégias de integração¹⁴, tais como: frases isoladas¹⁵; frases parcialmente separadas; justaposição de frases e os verbos *dicendi*¹⁶. Com base na caracterização dessas estratégias propostas por Maingueneau (2010) e na observação dos modos de construção das aforizações em nosso *corpus*, propomos uma ampliação da classificação dessas modalidades propostas pelo autor. Essa ampliação se justifica e se faz necessária por nossa decisão em incorporar essas modalidades e tipos a uma detalhada análise do funcionamento das aforizações. Para demonstrar, na prática, as classificações que propomos, utilizamos como exemplos alguns recortes de nosso *corpus* de análise, tendo como critério para seleção desses recortes a presença da modalidade ou tipo subtipo em questão. A mobilização de exemplos nessa seção se faz necessária por estarmos propondo classificações que ainda não foram observadas em seu funcionamento. Ressaltamos que, neste momento, trata-se apenas de exemplificação e não de análise.

Nossos estudos nos levaram a classificar as aforizações em três modalidades: I) supressões; II) substituições e III) inserções.

¹⁴ Apresentaremos mais detalhadamente as frases parcialmente separadas e a justaposição de frases no decorrer desta seção.

¹⁵ A respeito das frases isoladas, Maingueneau (2010, p. 19) explica que uma aforização é reconhecida facilmente quando uma frase “se encontra entre travessões que isolam o enunciado”, e/ou contem um verbo que signifique ênfase e repetição.

¹⁶ Maingueneau (2010, p. 21) explica que os verbos *dicendi* “favorecem o diagnóstico da aforização”, que para ser identificada como tal esses verbos devem remeter ao significado de ênfase ou repetição, como os próprios verbos enfatizar e repetir ou como outros verbos como martelar, destacar, realçar, etc. O autor afirma, também, que há certos verbos que se opõem à aforização, como os verbos relatar, explicar, descrever, demonstrar, afirmar, que implicam uma série de frases ligadas, com valor factual. (MAINGUENEAU, 2010).

2.2.1 Supressão

Maingueneau (2010) chamou de justaposição a união de aforizações, separadas por ponto, vírgula ou ponto e vírgula, sem a presença de incisivas entre elas. Embasadas nessa classificação, propomos a modalidade de supressão na construção das aforizações.

Segundo o dicionário Houaiss (2010), *supressão* significa eliminação, retirada (de uma parte de um todo), corte, ocultamento. Com base nos significados da palavra, elegemo-la como nome de uma das modalidades que propomos. A supressão se diferencia da justaposição de aforizações por ela pressupor, necessariamente, uma exclusão, enquanto na justaposição não há exclusão de trechos. Em nosso *corpus*, houve maior recorrência de supressões do que de justaposições, o que nos fez propor essa modalidade. Além disso, entendemos que a modalidade proposta nos proporciona um maior detalhamento na descrição dos trechos analisados.

De acordo com essa nossa proposição, ao excluir um trecho da fala do enunciador, o jornalista realiza uma supressão que, segundo nossas observações, pode ser dividida em dois tipos: a) marcada; b) não marcada.

- a) *Supressão marcada* – quando a exclusão de um trecho é sinalizada por reticências ou por outras formas, mostrando que havia um trecho no local e que este foi retirado.

Tabela 4: Exemplo de supressão marcada¹⁷.

Debate televisivo – 29 de outubro de 2010	Folha de S. Paulo 30 de outubro de 2010
Dilma: Foi uma campanha dura. Nessa campanha eu, em alguns momentos, fiquei muito triste devido a um conjunto de calúnias veiculadas contra mim <i>na internet, através de panfletos e mesmo através de telefonemas</i> . Não guardo mágoas, acredito que quem guarda mágoas não tem aquela leveza de alma, que eu quero ter ao longo da minha vida.	Posição de destaque: “Foi uma campanha dura. Em alguns momentos, fiquei muito triste devido a um conjunto de calúnias veiculadas contra mim [...] Mas não guardo mágoas, acredito que quem guarda mágoas não tem aquela leveza de alma”.

Legenda: (//) = supressão; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização¹⁸.

Os colchetes com reticências [...] sinalizam que houve um recorte, uma exclusão. No caso desse trecho, houve a exclusão de “na internet, através de panfletos e mesmo através de

¹⁷ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela Globo em 29 de outubro de 2010.

¹⁸ Mais detalhes no tópico seguinte (2.1.3)

telefonemas”, que marcamos em itálico na coluna esquerda da tabela. Ao se deparar com o texto, o leitor consegue perceber, por meio da sinalização, que houve um recorte. Portanto, nesse caso, trata-se de uma supressão marcada¹⁹.

- b) *Supressão não marcada* – quando a exclusão não é sinalizada e pode ser feita no meio, no início ou no final do trecho.

Tabela 5: Exemplo de supressão não marcada²⁰.

Debate televisivo 17 de outubro de 2012	<i>O Estado de S. Paulo, 18/10/2010</i>
<p>Serra: Dilma Rousseff, eu não vou acabar com o Enem. <i>Que história é essa? Imagina. Vocês que desmoralizaram o Enem. O Enem morreu nas mãos do governo do PT, morreu. Porque teve problemas com as provas, teve problema de vazamento de provas, de atraso [...] Em São Paulo, nós criamos nossos exames, também, para provar a melhora na qualidade.</i></p>	<p>Posição de destaque: “Eu não vou acabar com o Enem // . O Enem morreu nas mãos no seu governo // . Em São Paulo, nós criamos nossos exames para provar a melhora na qualidade”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

As duas barras (//) foram inseridas por nós para mostrar onde ocorreram supressões não marcadas e os trechos em itálico na fala do debate (coluna esquerda da Tabela) marcam as partes que foram suprimidas pelo jornal. Vale ressaltar que, para o leitor, o trecho funciona de modo a produzir um efeito de completude, pois não há marcas de que houve um recorte.

2.2.2 Substituição

A substituição implica a troca de uma palavra ou enunciado por outro. Observamos em nosso *corpus* que a troca pode ocorrer de duas formas: a) de palavras e b) por paráfrase.

- a) Substituição de palavras – quando há substituição de uma palavra por outra, alteração de tempos verbais, emprego de sinônimos, dêiticos, entre outros. Geralmente, a substituição ocorre por palavras da mesma classe gramatical, por exemplo, troca-se

¹⁹ No trecho utilizado como exemplo houve, também, inserção e supressão não marcada. Mas trataremos de exemplificar cada modalidade e tipo no decorrer deste tópico.

²⁰ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela RedeTV!/Folha em 18 de outubro de 2010.

um adjetivo por outro; um verbo por outro; um substantivo por outro, podendo essa troca produzir ou não diferentes efeitos de sentido.

Tabela 6: Exemplo de substituição de palavras²¹

Debate televisivo 17 de outubro de 2012	<i>O Estado de S. Paulo</i> 18 de outubro de 2010
Serra: A campanha da <u>candidata</u> <i>na televisão</i> mente o tempo <u>inteiro</u> a respeito de minhas posições sobre a Petrobrás.	Corpo do texto: “A campanha da <u>Dilma</u> // mente o tempo <u>todo</u> sobre minha posição em relação à Petrobrás”.

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*italico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Sublinhamos as palavras substituídas. A substituição de “candidata” por “Dilma” torna a acusação de que Dilma é mentirosa mais direta. Além dessa, houve outra substituição de palavras: de “inteiro” por “todo”. Podemos observar como as alterações nas aforizações podem alterar o sentido e o tom do discurso. A supressão de “na televisão” torna o enunciado mais genérico, ou seja, a campanha de Dilma mente o tempo todo em todos os veículos de comunicação.

- b) *Substituição por paráfrase* – quando o enunciador jornalista parafraseia, resume a sua maneira o enunciado dito. Essa paráfrase pode ser construída de duas formas: i) marcada - com verbos *dicendi* introduzindo ou concluindo a paráfrase ou ii) não marcada - sem verbos *dicendi*, mantendo ou não as aspas, mas não mostrando claramente ao leitor que se trata de uma paráfrase.

Em nosso *corpus*, não há paráfrases marcadas, pois consideramos que esse subtipo de aforização ocorre com mais frequência em títulos, olhos, manchetes. Como nosso *corpus* traz trechos entre aspas, acompanhados de fotos dos enunciadores, entendemos que a paráfrase não marcada não pareceria adequada. Entretanto, classificamo-la a fim de diferenciá-la da não marcada. Quanto a essa última, encontramos inúmeros exemplos, dentre os quais destacamos o excerto a seguir:

²¹ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela RedeTV!/Folha em 17 de outubro de 2010.

Tabela 7: Exemplo de substituição por paráfrase não marcada²²

Debate televisivo 10 de outubro de 2012	<i>O Estado de S. Paulo</i> 11 de outubro de 2010
<p>Serra: Olha, essa questão de privatização, como eu disse, volta sempre na época de eleição. O PT, na prática, faz outra coisa. O presidente Lula, o governo, a Dilma Rousseff, privatizaram dois bancos durante sua gestão: do Ceará e do Maranhão. O PT privatizou saneamento em, pelo menos, duas cidades que eu conheço próximas: Ribeirão Preto e Mauá, sob administrações petistas.</p>	<p>Corpo do texto: Serra acusou o PT de ter prática diferente do discurso em relação à privatização, já que o próprio governo Lula vendeu dois bancos estatais. “É só chegar a campanha que o PT volta com essa estória. O governo (Lula) também aumentou a participação privada no Banco do Brasil”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

No exemplo apresentado na tabela 7, podemos observar que todo o trecho transcrito do debate foi totalmente reescrito, resumido e parafraseado pelo enunciador jornalista. Mesmo assim, para o leitor/eleitor não há paráfrase, visto que o enunciado aparece entre aspas²³, atribuído a Serra.

A fim de explorarmos ainda mais as modalidades, tipos e subtipos encontradas em nosso *corpus*, utilizamos os conceitos de paráfrase e metáfora propostos por Michel Pêcheux (1997). Orlandi (2005) retoma esses conceitos de Pêcheux, demonstrando sua aplicação em dispositivos de análise. Portanto, para esses conceitos tomamos como base os estudos de Pêcheux (1997) e Orlandi (2005). Para Orlandi (2005, p. 36), a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer. “Produzem diferentes formulações do dizer sedimentado”, enquanto a metáfora “é constitutiva do processo mesmo de produção de sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 79). A paráfrase e a metáfora produzem um efeito que Pêcheux (1997) chama de efeito metafórico. Nas palavras do autor, “chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” (PÊCHEUX, 1997, p. 69). Esse deslizamento é gradativo, podendo ocorrer de diversas maneiras. Vejamos uma delas:

²² Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela Band em 10 de outubro de 2010.

²³ Discutiremos sobre os possíveis efeitos produzidos pelas aspas no decorrer de nosso percurso analítico.

(a) Essa questão de privatização, como eu disse, **volta** sempre na época de eleição.

(b) É só chegar a campanha que o PT **volta** com essa estória.

(c) É só chegar a campanha que o PT volta com essa questão de privatização

As setas entre (a) e (b) demonstram como foram acontecendo os deslizamentos de sentido que acarretaram no efeito de sentido produzido por (c). Vemos que “PT” foi inserido e apenas o verbo “volta” se manteve nesse deslizamento. Dessa forma, podemos observar que as alterações realizadas no processo de aforização podem ser resultado de deslizamentos de sentido, como demonstramos acima.

2.2.3 Inserção

Observando o funcionamento das aforizações, Maingueneau (2010) classificou de *frases parcialmente separadas* aquelas em que uma incisa divide uma aforização, criando um intervalo entre partes da citação, conforme o exemplo apresentado pelo autor (2010, p. 20, grifo nosso):

*“As pessoas no Brasil sabem que tenho cabeça própria e que não fico na sombra dos outros”, **rebateu Serra, procurando se distanciar das supostas opiniões de Zylbersztein.** “Não fui pinçado por outros. Minha vida pública sempre foi marcada pela coerência. Em relação à Petrobrás, tenho com ela uma relação especial. Desde que era líder estudantil sempre lutei pelo fortalecimento da Petrobrás²⁴”.*

Em casos como esse, Maingueneau (2010 p. 20) explica que “a incisa tem uma dupla função: por um lado, ela assegura a continuidade do texto, por outro, introduz uma descontinuidade aforizante”. O trecho em destaque no exemplo marca que a incisa foi colocada pelo enunciador jornalista como uma forma de contextualização (em nosso *corpus*, esse tipo de estratégia apareceu poucas vezes e somente no corpo do texto). A classificação de Maingueneau dessas incisivas como frases parcialmente separadas nos serviu de base para propormos outra classificação que se adequasse mais ao nosso *corpus*: a inserção.

²⁴ José Serra em debate na Band. Veiculado em: O Estado de S. Paulo, 11 de outubro de 2010, Nacional, p. A10.

A inserção se constitui pela colocação de palavras ou enunciados que não havia no texto de origem, ou seja, são partes acrescentadas e atribuídas ao enunciador-origem. A principal diferença entre as incisivas classificadas por Maingueneau (2010) e a inserção que propomos aqui é que as inserções podem ou não ser atribuídas ao sujeito enunciador, enquanto as incisivas são sempre marcadas explicitamente pela voz do enunciador jornalista.

Para melhor especificar a inserção, dividimo-la em dois tipos: a) marcada e b) não marcada.

- a) *Inserção marcada* é aquela que aparece entre parênteses ou colchetes, demonstrando o acréscimo de uma informação no interior de uma aforização em discurso direto. Apesar de essa marcação ser claramente inserida pelo jornalista, como na incisa proposta por Maingueneau (2010), a inserção marcada se difere das frases parcialmente separadas por ser uma contextualização inserida pelo enunciador jornalista que produz um efeito de objetividade, sem incluir seus comentários, e sem a presença de verbos *dicendi*.

Tabela 8: Exemplo de inserção marcada²⁵

Debate televisivo 25 de outubro de 2012	Folha de S. Paulo 26 de outubro de 2010
<p>Serra: Eu vou fazer um Ministério para combater isso de verdade, não com disco voador, como a Dilma disse <i>num outro momento, que é um aparato</i>, um avião sem piloto, etc., <i>que, como a imprensa mesmo mostrou, tá lá parado, não andou nunca.</i></p>	<p>Posição de destaque: //“Vou fazer um Ministério para combater isso de verdade [entrada de armas e drogas], não com um disco voador, como a Dilma disse, // que era um avião sem piloto, // que está lá parado”//.</p>

Legenda: (//) = supressão; (.....) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Sublinhamos com traço diferenciado o trecho que foi marcadamente inserido. Podemos observar que “entrada de armas e drogas” é inserido para explicar o pronome “isso” que, por estar fora do contexto (debate), poderia não ser compreendido pelo leitor do jornal sobre que tema Serra falava no momento. Compreendemos que, na escrita, há uma tendência de atenuar os efeitos de sentido, ao suprimir as repetições, as ênfases, etc. Entretanto, no caso desse enunciado, mesmo com essas supressões (em itálico na coluna esquerda da tabela), ao

²⁵ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela Record em 25 de outubro de 2010.

observarmos o trecho todo, entendemos que ele funciona discursivamente de maneira a produzir um efeito de verdade mais intenso do que no texto-fonte.

- b) Inserção não marcada ocorre quando o enunciador acrescenta palavras ou enunciados sem nenhum indício de que houve inserção, ou seja, para o leitor, no caso dos jornais, aquela palavra ou enunciado sempre esteve ali.

Tabela 9: Exemplo de inserção não marcada²⁶

Debate televisivo 25 de outubro de 2012	Folha de S. Paulo 26 de outubro de 2010
<p>Serra: <i>Quanto ao resto dos malfeitos, é importante dizer o seguinte:</i> a Dilma está enrolada nessa história toda, e aí fica procurando pretexto para atacar os outros.</p>	<p>Corpo do texto: “<u>A verdade</u> // é que a Dilma está enrolada nessa história toda, e aí fica procurando pretexto para atacar os outros”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (.....) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Os malfeitos a que Serra se refere são acusações de tráfico de influência e a de nepotismo²⁷ que pesavam sobre Erenice Guerra, sucessora e braço-direito de Dilma Rousseff na Casa Civil da Presidência da República.

O trecho “A verdade”, no começo do enunciado veiculado pela FSP, foi inserido pelo enunciador jornalista. Note-se que a palavra “verdade” não foi dita em nenhum momento por JS. Podemos observar que além de inserção não marcada é também uma substituição por paráfrase não marcada: “Quanto ao resto dos malfeitos, é importante dizer o seguinte” foi substituído por “A verdade é que”, expressão que pode produzir um efeito de revelação.

Para resumir as classificações que propusemos anteriormente, elaboramos o seguinte gráfico, cujo objetivo é traçar um panorama visual das divisões propostas.

²⁶ Exemplo retirado de nosso *corpus*. Debate veiculado pela Record em 25 de outubro de 2010.

²⁷ Mais detalhes sobre essas acusações nas análises.

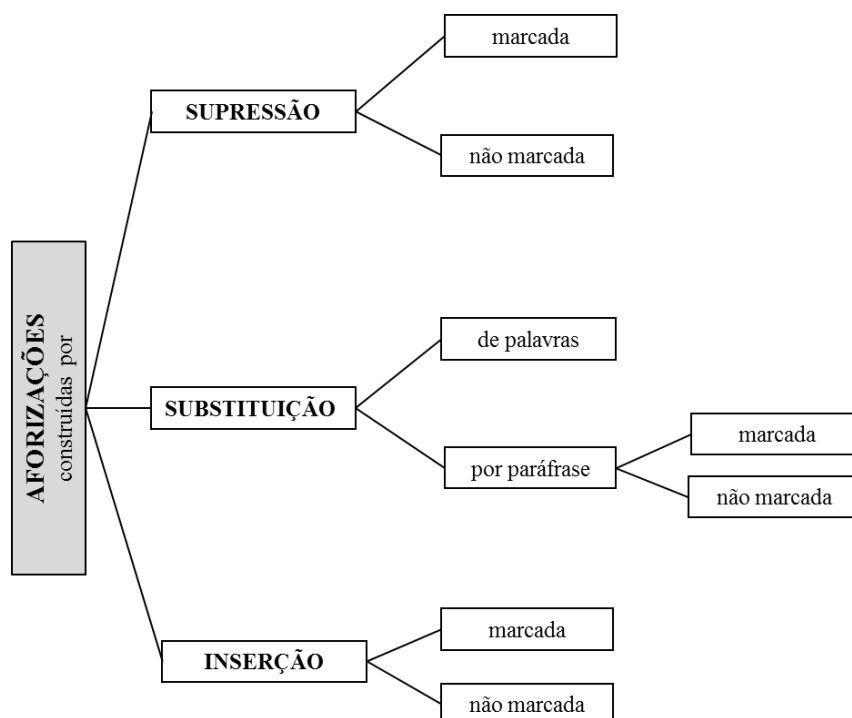


Figura 3: Modalidades, tipos e subtipos de aforização.

Vale ressaltar que as modalidades, tipos e subtipos que propomos classificar aqui podem aparecer concomitantemente em um mesmo enunciado. Entretanto, nesta seção, optamos por tratar cada tipo e subtipo separadamente, apenas para fins didáticos e não por considerarmos possível que se encontre sempre as modalidades e tipos bem separados e definidos. Além disso, compreendemos que essas modalidades possam produzir efeitos de atenuação ou intensificação no tom do discurso, bem como produzir outros efeitos de sentido.

As classificações que propusemos aqui emergiram da observação e manuseio de nosso *corpus*, visando a dar conta da exploração dele. Portanto, não podemos afirmar ainda se essa classificação é aplicável a análises de quaisquer *corpora*, embora entendamos que haja certa aplicabilidade nas classificações propostas.

Quando tratamos da aforização abordamos, especificamente neste trabalho, o enunciado escrito e impresso nas páginas dos jornais FSP e ESP. Embora constatemos que nem sempre as alterações acima classificadas modifiquem o sentido, observamos que, em vários casos, há uma alteração no tom do discurso nesse processo que passa de uma cena genérica a outra (do debate televisivo ao jornal impresso). Segundo Maingueneau (1997, p. 46), apesar de o discurso estar escrito e não falado, ele é sustentado por uma voz específica a

que o autor chama de “tom” e que está “necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade”. Sobre isso, Maingueneau (1997, p. 46-47) detalha que

o “caráter” corresponde a este conjunto de traços “psicológicos” que o leitor/ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. [...] Bem entendido, não se trata aqui de caracterologia, mas de estereótipos que circulam em uma cultura determinada. Deve-se dizer o mesmo a propósito da “corporalidade”, que remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva.

Portanto, o tom seria a voz do texto, um resquício da enunciação, enquanto o caráter, possíveis traços do enunciador, atribuídos pelo leitor, e a corporalidade, a presença do enunciador (possíveis imagens) e, correlativamente, do destinatário, no discurso. O tom possibilita ao leitor construir, por meio da leitura de um texto escrito, uma representação subjetiva do enunciador.

Como vemos, não há como abordar conceitos como tom e cenografia sem mencionar também o conceito de *ethos*²⁸ que, segundo Maingueneau (2008c), é a imagem de si que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra por meio de seu discurso.

2.3 DISCURSO POLÍTICO-MIDIÁTICO E AFORIZAÇÃO

O termo *Política*, que já teve outros significados como doutrina do direito e da moral, teoria do Estado, arte ou a ciência do governo, entre outros (ABBAGNANO, 1998), se expandiu após a obra de Aristóteles intitulada *Política* (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUIN, 1998), na contemporaneidade assume o significado de “tudo aquilo que diz respeito aos cidadãos e ao governo da cidade, aos negócios públicos” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 152-153). Nesse universo da política, o discurso é uma das partes mais importantes, principalmente quando se trata de eleições, pois tudo que passa pelo coletivo, pelo público requer estratégias de persuasão e, como afirma Charaudeau (2008, p. 241), a arte do discurso político “é a arte de dirigir-se ao maior número de indivíduos para fazê-los aderir a valores comuns”. Entretanto, o autor adverte que

²⁸ Mencionamos a noção de *ethos* devido à necessidade de esclarecimento. Entretanto, não faremos neste trabalho uma análise do *ethos*.

o discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso. (CHARAUDEAU, 2008, p. 39).

Charaudeau (2008, p. 8) define o discurso político como o lugar de um jogo de máscaras e acrescenta que “toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa aparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia”.

O autor propõe três lugares de fabricação do discurso político: a) o discurso como sistema de pensamento; b) como ato de comunicação; c) como comentário. O discurso político como *sistema de pensamento* “é o resultado de uma atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos”. (CHARAUDEAU, 2008, p. 40). O discurso político como *ato de comunicação* concerne mais diretamente aos “atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 40). O discurso político como *comentário* inscreve-se em uma situação cuja finalidade está fora do campo da ação política: é um discurso a respeito do político (CHARAUDEAU, 2008). Esse terceiro lugar de fabricação do discurso político se encaixaria na categoria de discurso *sobre*, em oposição ao discurso *de*, propostos por Mariani (1998)²⁹.

Ainda em relação a esses diferentes lugares de fabricação do discurso político, Charaudeau (2008, p. 42) explica que eles não estão evidentemente separados uns dos outros. “Uma das características de todo discurso social é circular no interior dos grupos que o constituem, depois se exportar e atravessar outros grupos que frequentemente dele se apropriam ao preço de uma alteração”.

Com a evolução da tecnologia, o discurso político que há algum tempo era restrito a palanques nas ruas, rádios e jornais, passou a circular com maior velocidade com os adventos

²⁹ Segundo a autora, *discursos de* refere-se ao discurso do próprio sujeito e os *discursos sobre* são discursos de outros a respeito de um determinado sujeito (MARIANI, 1998). Discutiremos melhor essa distinção na seção 3.2.

da televisão e da internet, que atualmente são os principais suportes de circulação do discurso político. Hoje, todos esses suportes midiáticos são explorados pelos políticos e suas equipes, principalmente em período de eleições, que é quando a política passa a ser uma temática recorrente na mídia. Para os políticos, também, a campanha eleitoral é a fase de maior importância, considerando sua ambição por um dado cargo político-administrativo.

A eleição é um momento esperado socialmente, agendado antes de tudo por mecanismos do próprio campo político, além de publicizado, pois pretende a participação de um contingente significativo da população. Segundo Rubim (2000, p. 96), nesse período ocorre um intenso investimento em comunicação através das mídias, já que os sujeitos políticos precisam “comunicar ideias e propostas, convencer, argumentar, emocionar; enfim, de mobilizar mentes e corações em uma disputa, normatizada em ambiente público do poder político na sociedade”.

Nesse contexto, o autor vê a eleição como um rito periódico e legitimado para a escolha daqueles que estarão em lugares de comando, aqueles que terão parcelas substanciais de poder para governar (RUBIM, 2002). Através da eleição e do instrumento do voto, cada cidadão delega sua parcela de poder a um representante político, que, reunindo um conjunto necessário de votos, adquire representatividade para ocupar um lugar no governo. Nesse sentido, Bonavides (2000, p. 335) acrescenta que “o corpo eleitoral [...] não possui nenhuma vontade soberana. Atua como mero instrumento de designação, visto que mandante é a nação, soberana a vontade nacional, da qual o representante se faz intérprete, sem nenhum laço de sujeição ao eleitor”.

Charaudeau (2006, p. 29) adverte que não podemos olhar para a mídia de maneira ingênua, acreditando que haja imparcialidade, pois, “nas mídias, os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade”. Portanto, o simples fato de agendar ou não uma notícia, os recortes, as imagens, a posição na diagramação³⁰ do jornal podem, propositalmente ou não, direcionar os sentidos. Como afirma Mariani (1998, p. 60),

a produção de sentidos na notícia dos fatos se realiza a partir de um jogo de influências em que atuam impressões dos próprios jornalistas (eles também sujeitos históricos), dos leitores e da linha política dominante no jornal. Por outro lado, há

³⁰ A diagramação/paginação de um jornal diz respeito à distribuição/organização dos elementos gráficos no espaço delimitado da página.

eventos políticos produzidos para se imporem como notícia. Nesse caso, a imprensa torna-se um veículo usado por determinados grupos/partidos para ganhar visibilidade (ou notoriedade) política.

Possenti e Baronas (2009) explicam que “o enunciador jornalista ao recortar um fragmento da fala do outro está interpretando a fala desse outro e no mesmo processo direcionando o público a aderir a essa interpretação”. Esses enunciados, conforme afirma Maingueneau (2008d), são destacados propositalmente pelos jornalistas enunciadores, geralmente a pretexto de contextualização, e aparecem, geralmente, nos títulos, nos intertítulos, nos resumos, nas legendas de fotos, olhos ou no final dos textos com a presença de um conector reformulativo (“enfim”, “finalmente”).

Segundo Rodrigues (2002, p. 221), a natureza exotérica do discurso midiático refere-se ao “imperativo de transparência ou de visibilidade universal do discurso midiático”. Portanto, impõe que a mídia, ao apropriar-se de outro tipo de discurso, torne-o compreensível para a maioria dos leitores (RODRIGUES, 2002).

A apresentação da natureza exotérica da mídia parece justificar parcialmente as alterações dos enunciados. Em relação a isso, Maingueneau (2008a, p. 79, grifo do autor) afirma que “como quem escreve não pode controlar a recepção de seu enunciado, é obrigado a estruturá-lo de maneira a torná-lo compreensível, ou seja, é obrigado a fazer de seu enunciado um *texto*, no sentido mais pleno do termo”, ou seja, que possa circular em diversos contextos e ser compreendido pelo maior número de leitores. Por isso, a aforização é muito comum em textos midiáticos, principalmente nos jornalísticos, pois a mídia não tem autoridade para tratar de qualquer assunto com especificidade, recorrendo a discursos de sujeitos que tenham autoridade para falar de um dado tema, transmitindo, assim, maior credibilidade ao interlocutor.

3 DO DEBATE TELEVISIVO À NOTÍCIA NO JORNAL IMPRESSO

Nesta seção, apresentamos conceitos de debate televisivo e de jornal impresso, buscando observar como ocorre essa passagem de um suporte midiático a outro, ou seja, como ocorre esse processo intersemiótico do suporte televisivo para o impresso em papel. Considerando a coexistência de discursos em diversos domínios semióticos, Maingueneau (2008d) explica que uma prática intersemiótica consiste numa espécie de “tradução” (interpretação) que se tem de um discurso ao integrá-lo a outro tipo de suporte, por exemplo, uma obra literária passa a ser veiculada como filme, telenovela, etc.

Em nosso *corpus*, o debate, que tem como suporte a televisão aberta, passa a ser objeto de notícias nas páginas dos jornais. Esses diferentes suportes e gêneros impõem também diferentes coerções aos sujeitos enunciadorees. No debate, os candidatos têm um limite de tempo para perguntar ou responder e têm que tentar expor suas propostas dentro desse limite e, às vezes, sobre um tema pré-definido. Trata-se do discurso *dos* sujeitos políticos, conforme Mariani (1998). No jornal impresso, a notícia também tem um tamanho definido na diagramação, mas há a possibilidade de se escolher, editar, revisar o que vai circular na página do jornal. Nesse caso, trata-se do discurso *sobre* os sujeitos políticos³¹ (MARIANI, 1998), mas que, nas aforizações, principalmente nas em destaque e/ou entre aspas, funcionam como se fosse discurso *dos* sujeitos políticos.

3.1 DEBATE: CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

Braga (2006, p. 3) comenta que, apesar de o debate televisivo ser uma dimensão tida como pertencente ao domínio das Ciências da Comunicação, é na Análise do Discurso, na Análise Conversacional e na Pragmática que se encontram os estudos mais relevantes para sua definição.

Em termos pragmáticos, Kerbrat-Orecchioni (1990) define o debate como uma troca comunicativa entre dois participantes em que se verifica um confronto de opiniões, que possui um caráter mais organizado que as demais interações verbais, como a discussão, a entrevista e a conversa. Já Charaudeau (2008, p. 284) define o debate público como o “lugar de troca e de

³¹ Mais detalhes sobre discurso *de* e discurso *sobre* (Mariani, 1998) no item 3.2 deste trabalho (3.2 *Jornal impresso*).

oposição entre valores racionais, que dá lugar a uma confrontação entre imagens de personagens políticos”. O autor (2008, p. 284) acrescenta ainda que

os debates que supostamente alimentam o espaço de discussão, confrontando opiniões diferentes e contrárias com o intuito de esclarecer o público, são apresentados como torneios oratórios, na verdade, espetáculos retóricos, que, ao final das contas, convertem as opiniões em julgamentos passionais.

Em outra perspectiva, Aquino e Fávero (2002) afirmam que quando se tratam de debates políticos televisivos transmitidos durante período eleitoral, a divisão equitativa do tempo de participação e a maior condição para que o acontecimento transcorra com o equilíbrio necessário asseguram o direito que cada um tem de fazer seu discurso chegar a possíveis eleitores. Nesse contexto, os participantes do debate político televisivo são, geralmente, dois ou mais debatedores, um mediador/moderador e uma plateia.

Em relação ao moderador, Braga (2006, p. 8) afirma que ele é um tipo de “participante particular, encarregado de gerir a organização das tomadas de vez nos debates mediáticos ou nos colóquios, podendo ocasionalmente assumir o papel de participante regular”.

Embora o mediador e o(s) adversário(s) estejam presentes na cena enunciativa do debate, eles não são o público-alvo do discurso do candidato. Discursivamente, o candidato constrói uma cena enunciativa em que seus interlocutores são os eleitores, tanto os presentes na plateia quanto os telespectadores, principalmente aqueles que estão indecisos sobre seus votos. Segundo Braga (2006, p. 14), esses eleitores, apesar de serem reduzidos à condição de espectadores, representam o destinatário último e principal, exigindo pela parte dos debatedores e suas equipes uma especulação a respeito da sua configuração em termos de estatuto socioeconômico, pressupostos ideológicos, experiências adquiridas e partilhadas e referências culturais.

Com base nos estudos de Aquino e Fávero (2002), Braga (2006) e Kerbrat-Orecchioni (1990), entendemos que principal função social do debate consiste em permitir que o público (no caso do debate político, o eleitor) tome conhecimento das propostas dos debatedores. Além disso, pelo fato de que nem tudo que é dito durante o debate pode ser planejado, o público consegue perceber reações e atitudes – positivas ou negativas – desses debatedores, que podem ser pegos de surpresa em declarações ou acusações de adversários. Para os políticos, o debate público televisivo é uma oportunidade para realçar seus pontos fortes e os

pontos fracos do adversário, demonstrando, assim, ser o mais adequado para ocupar a posição em disputa.

Aquino e Fávero (2002) afirmam que, em um debate, além de se buscar a aderência do maior número de eleitores, o candidato deve provocar o adversário, levando-o a se expor publicamente de forma que o eleitor adira a suas ideias e rejeite as de seu adversário. Nos termos de Charaudeau, (2008, p. 301) “o político é, então, constrangido a usar estratégias para não cair em algumas armadilhas que lhe são preparadas [...]”. Dentre essas estratégias, Aquino e Favero (2002) citam a valorização da própria fala e a desvalorização da fala do oponente, apontando falsidades e contradições na fala do outro. Outra estratégia são as acusações ao adversário, que podem criar uma cenografia de embate, de disputa. Em relação a isso, Vion (1992, p. 139) acrescenta que o resultado final de um debate pode ser decidido em poucos segundos, lembrando um nocaute técnico de combates. O sujeito político é, portanto, como um lutador que só vence se derrubar o adversário, pois isso é o que se espera dele nesse gênero.

Sendo a televisão o suporte midiático responsável pela circulação dos debates, esses devem seguir certas coerções impostas por esse suporte. Peixoto (1991) afirma que, na coerção de apreender imediatamente tudo o que está acontecendo, a televisão acaba, em muitos casos, substituindo a realidade, construindo um real³². Rubim (2004, p. 22) também afirma que “a televisão tornou cada vez mais difícil a distinção entre o que percebemos como ficção e como realidade”. O autor toma como exemplo um “replay de um gol que, numa partida de futebol, mostra um lance que não foi visto por ninguém no estádio. Nem jogadores, nem juízes. É um gol exclusivo da televisão” (RUBIM, 2004, p. 22).

Segundo Kehl (2004, p. 43), “a televisão é a mais espetacular tradução da indústria cultura”, visto que ela “é, por excelência, o espaço de construção da cultura mítica no mundo contemporâneo. A mídia ‘fabrica e emite’ os imaginários sociais” (RUBIM, 2004, p. 22).

Kehl (2004) afirma que a televisão dispensa os sujeitos de pensar, pelo menos enquanto eles ocupam a condição de espectadores, pois “o binômio diversão/distração é a realização de um modo de ocupação do tempo livre que, sendo a continuidade lógica do tempo do trabalho alienado, não solicita o trabalho do pensamento” (KEHL, 2004, p. 57).

³² Nessa perspectiva midiática, o real é visto no sentido de realidade, não como real discursivo (real da língua e real história) proposto por Gadet e Pêcheux (2004).

3.2 O JORNAL IMPRESSO

Segundo Mariani (1998), há discursos *de* e discursos *sobre*. A autora explica que o discurso jornalístico faz parte da modalidade de discurso *sobre*. Os *discursos sobre* são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória.

Conforme a autora, um efeito imediato *ao falar sobre* é tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento — o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial — e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se envolveu com a questão (MARIANI, 1998).

Em relação a esse efeito de imparcialidade e responsabilidade de informação, Mariani (1998, p. 81) explica que “a instituição jornalística 'esquece' que foi obrigada a fundar-se com uma interpretação do mundo previamente assegurada”. A autora afirma, ainda, que esse esquecimento é “o resultado da atuação da memória histórica da formação do tipo discurso jornalístico. O resultado deste processo é a ilusão do jornalismo-verdade, ou seja, a ilusão de que os jornais são apenas testemunhas, meios de comunicação ou veículos informativos”.

Pinto (2002, p. 87) também comenta sobre essa temática, afirmando que “os jornalistas não produzem simplesmente artigos, reportagens ou documentários para jornais, revistas, rádio, televisão e internet, eles narram histórias que possuem estrutura, ordem, ponto de vista e valores”.

A aforização, a nosso ver, vem contribuir para a produção desses efeitos de imparcialidade, de responsabilidade de informação, pois, tecnicamente, diminui a responsabilidade do enunciador jornalista sobre o enunciado veiculado, já que não é ele quem diz, mas um outro enunciador. Nesse caso, *é como se* o jornalista apenas transmitisse o que o outro disse. Mesmo que ele recorte ou altere a fala desse outro, a aforização produz o efeito de sentido de imparcialidade e objetividade.

Consideramos que antes do advento da televisão, os jornais impressos eram uma das poucas fontes de informação disponível. Com a TV, os telejornais ganharam força e passaram a ser uma opção para aqueles que não tinham acesso ao jornal impresso, pois, no início, as notícias dos telejornais eram embasadas neles. Com a modernização e investimento nas redações, os telejornais passaram a ter suas próprias fontes investigativas, produzindo suas

próprias notícias. Com a popularização da internet, a informação chega ao leitor quase que instantaneamente.

Diante de tantas fontes de informação gratuitas, o jornal impresso passa por uma fase de adaptação. Os jornais impressos, em sua grande maioria, têm suas versões online, vendendo suas assinaturas por metade do preço da versão impressa e disponíveis para visualização em *Smartphones* e *Tablets*³³. Observa-se, também, que acontecimentos veiculados primeiramente na internet têm se tornado objeto de muitas notícias. O leitor do jornal impresso não espera mais apenas pela leitura da notícia, pois esta já saiu na internet e na TV, mas também pelo comentário do jornalista/comentarista. Essas adaptações são necessárias para que o jornal impresso não fique obsoleto.

Sendo assim, os recortes, alterações e destaques realizados pelos jornalistas têm, também, um viés comercial; as manchetes, os títulos e outros enunciados destacados devem ser impactantes, chamar a atenção do leitor e atraí-lo para a leitura do jornal e/ou do texto (notícia, reportagem³⁴, entre outros).

Quando esses destaques trazem a fala de pessoas conhecidas (políticos, artistas, etc.), há mais propensão de despertar a curiosidade do leitor e instigá-lo a ler o jornal. Retornamos, portanto, à questão da aforização que pode contribuir para a produção do efeito de imparcialidade pretendido pelo jornal, principalmente quando está entre aspas, tentando evitar sanções legais por veicular interpretações em vez de falas. Em relação aos aspectos legais coercitivos do discurso jornalístico, Mariani (1998, p.76) afirma:

³³ *Smartphones* são telefones celulares com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados por seu sistema operacional. *Tablets* são dispositivos pessoais em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, entre outros.

³⁴ Franceschini (2004) explica que as diferenças entre os gêneros notícia e reportagem são muito sutis e que, portanto, até mesmo os profissionais da área podem se confundir quanto à definição desses gêneros. Segundo Gradim (2000), a notícia se baseia em fatos novos e não inclui manifestação da opinião do jornalista. Franceschini (2004) afirma que a notícia é o que mais usufrui da aura de imparcialidade que leva o leitor a aceitar, a priori, aquele relato dos fatos como verdadeiro e isento. É principalmente em torno dela que foi construído o mito da objetividade, responsável pela enorme acolhida e o potencial de convencimento que o jornalismo tem. A reportagem trata de assuntos ou temas, e não necessariamente de fatos novos. A reportagem, portanto, é assim como a notícia, um gênero de caráter informativo, produzido em obediência às mesmas técnicas básicas da notícia, apesar de praticar uma liberalidade maior no uso da linguagem. Nos dois formatos de texto, o leitor comum espera encontrar isenção e objetividade, apesar de essa meta ser utópica. Como uma das diferenças, destaca-se que a publicação da notícia reflete em menor grau uma intenção do veículo, enquanto que a publicação da reportagem, ao contrário, reflete quase que exclusivamente a intenção do veículo de divulgar aquele assunto naquele momento (FRANCESCHINI, 2004). Conforme Laje (1982), entendemos que o fazer jornalístico está sujeito a diversos tipos de interesses e manipulações; pois seria ingenuidade acreditar que os sujeitos jornalistas não materializam suas próprias interpretações sobre os acontecimentos.

O discurso jurídico, impondo regras e punições aos envolvidos na prática jornalística, passa a funcionar como uma espécie de 'selo de garantia' para a imparcialidade. Há um duplo movimento: a lei é da imprensa, pertence a ela de modo a instituí-la e, exatamente por este motivo, pode funcionar contra ela, porque regula a liberdade que a fundamenta.

Esses aspectos legais trazem à tona a questão da responsabilidade de veiculação da notícia que, segundo Moirand (2011, p. 266-267), “se define mais por uma noção filosófica, em parte ligada à moral e, no que tange a ética das práticas languageiras midiáticas, com relação ao direito do que se espera dos profissionais da linguagem, os jornalistas”.

No que se refere ao interlocutor do texto do jornal, entendemos que não se pode enxergá-lo como um leitor passivo, pois o discurso jornalístico, embora pareça ser, não é unilateral. O leitor não tem a possibilidade de se manifestar no momento da leitura, como num diálogo com presença de interlocutores, mas isso não quer dizer que ele aceite passivamente os posicionamentos propostos pelo jornal. Em relação a isso, Rodrigues (2002, p. 220) explica que

o silêncio do público não é simples ausência passiva de palavra; é um processo ativo e específico de elaboração do sentido, o processo de escuta. Apesar de silencioso, o público está presente na cadeia de elaboração do discurso, e é deste silencioso processo de escuta que o discurso da mídia recebe o seu princípio, o seu alimento, a sua razão de ser, o seu sentido.

O autor complementa que “a co-presença linguística e a comunidade da experiência do mundo desempenham, no caso do discurso midiático, um papel determinante no entendimento do sentido, na constituição das evidências mutuamente partilhadas, a partir das quais o público infere aquilo que o locutor quer dizer” (RODRIGUES, 2002, p. 232). Diferentemente de jornais online e portais de notícia, que têm os mais diversos tipos de leitores, alguns assíduos, outros que leem esses meios esporadicamente por interesse em notícias específicas, o público do jornal impresso, apesar de não poder ser considerado homogêneo, em sua maioria, é composto de um leitor mais assíduo, muitas vezes, assinante, que tem o hábito da leitura diária do jornal.

O jornal impresso traz consigo, além das coerções do suporte e do gênero, as do regime enunciativo da escrita, que se distancia em alguns pontos e se aproxima em outros do regime enunciativo oral, como podemos observar no item seguinte.

2.3 O ORAL E O ESCRITO: DIFERENTES REGIMES DE ENUNCIACÃO

Oralidade³⁵, para Marcuschi (1997, p. 126) “é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais”. Em relação à escrita, o autor comenta que ela “seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da fala, um modo de produção textual-discursiva com suas propriedades específicas”. O autor acrescenta, ainda, que são as práticas sociais que “determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e da escrita numa sociedade” (MARCUSCHI, 1997, p. 120).

Em sua grande maioria, os autores definem a oralidade/fala e a escrita apresentando as diferenças e semelhanças entre essas duas modalidades. Mackai (2000) comenta que falar e escrever são formas diferentes de expressar significados construídos na linguagem e pela linguagem, dentro de uma situação interativa social, sendo elas complementares, mas, preservando cada uma suas propriedades específicas. Andre (1997) também expõe essa diferença e apresenta algumas propriedades específicas da modalidade escrita. Para o autor, a linguagem escrita tem como finalidade representar a falada, porém a linguagem escrita não consegue evocar muitos elementos da fala, como gestos, expressões faciais e corporais, timbre de voz e entonação (ANDRE, 1997).

Segundo Marcuschi (1997), os estudos sobre a oralidade e a escrita se dividem em quatro perspectivas: a) a dicotômica; b) a fenomenológica de caráter culturalista; c) a variacionista e d) a interacional.

A perspectiva dicotômica coloca a oralidade e a escrita em dois polos extremos. Sua análise observa os fenômenos linguísticos, sendo mais voltada para o código. A fenomenológica de caráter culturalista “observa muito mais a natureza das práticas da oralidade versus escrita e faz análises sobretudo de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolve uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de organização e produção do conhecimento”. (MARCUSCHI, 1997, p. 128). Uma terceira perspectiva, a variacionista, se dedica a detectar variações dos usos da língua sob sua forma dialetal, enquanto a perspectiva interacional tem como base a relação dialógica no uso da língua, nas estratégias linguísticas, nas funções interacionais e no envolvimento e situacionalidade.

³⁵ Cada autor aborda os enunciados orais com uma taxionomia própria da linha de estudos a que pertence. Portanto, ora veremos oralidade, ora oral, ora fala, pois respeitamos o termo utilizado pelo autor, apesar de compreendermos que se referem a definições semelhantes. Apenas Marcuschi (1997; 2003) diferencia oralidade e fala conceitualmente, porém, parece utilizar os dois termos, indiscriminadamente, para se referir a enunciados orais.

Maingueneau (2008a, p. 73) afirma que a distinção entre o oral e o escrito é uma “oposição situada em planos distintos”. Nosso *corpus* apresenta textos veiculados em dois planos distintos e que, por isso, têm suas especificidades, coerções, etc. Os debates pertencem a um gênero oral que, após sua veiculação, passa para um gênero escrito e impresso. Discursos pertencentes ao gênero oral são “traduzidos” e adaptados ao passarem para o gênero escrito.

Com relação a essa passagem, Marcushi (2003), em seu livro *Da fala para a escrita*, comenta que a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem (como alguns costumam pensar); é a passagem de uma ordem para outra ordem. Maingueneau (2008c, p. 74) explica que é comum associarmos oralidade à instabilidade, escritura à estabilidade. “Na realidade, nem todo enunciado oral é necessariamente instável; tudo depende de seu estatuto pragmático, isto é, daquilo para que serve”. No que se refere a essa estabilidade/instabilidade, Maingueneau (2008a, p. 75) cita e explica o seguinte exemplo:

Um político que se apresente na televisão, ainda que não em horário nobre, estará muito mais comprometido com o que diz do que se escrevesse em uma revista de pequena tiragem. Embora oral, sua fala tornou-se estável, podendo ser repetida quantas vezes se quiser e difundida quase instantaneamente no mundo inteiro.

Considerando essa distinção entre oral e escrito, Maingueneau (2008a, p. 75) propõe outra distinção entre os enunciados **dependentes** e os enunciados **independentes** do ambiente não verbal. “No primeiro caso, os enunciados são dirigidos a um co-enunciador presente no mesmo ambiente físico do enunciador; no segundo, os enunciados são *diferidos*, ou seja, concebidos em função de um destinatário que se encontra em outro ambiente”.

Com base na distinção acima, podemos afirmar que as notícias dos jornais impressos, parte integrante de nosso *corpus*, fazem parte dos enunciados independentes do ambiente verbal, visto que o leitor do jornal encontra-se em outro espaço físico. Já os debates, se encaixam nos enunciados dependentes do ambiente verbal, pois “a fala do enunciador encontra-se sob a ameaça constante do co-enunciador, que a todo momento pode intervir na enunciação em curso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 75).

O autor detalha que, como esses coenunciadores se encontram no mesmo ambiente e estão se vendo um ao outro, há ocorrência de indicadores não verbais (a mímica, os gestos) acompanhando a fala; elipses quando um objeto está presente no ambiente (“você viu...?”) e inúmeros embreantes, cujos referentes são identificados em relação à situação de enunciação (*eu, aqui, amanhã...*) (MAINGUENEAU, 2008a, p. 75). No debate, embora o candidato e seu

adversário estejam presentes na cena enunciativa, ao proferir seus discursos, eles não são o público-alvo do discurso um do outro. Discursivamente, os candidatos constroem uma cena enunciativa em que seus interlocutores são os eleitores, tanto os presentes na plateia quanto os telespectadores, principalmente aqueles que estão indecisos sobre seus votos.

Devido ao fato de o debate ser ao vivo, o locutor não pode apagar ou editar o que disse. Sendo assim, ele precisa recorrer a modalizações metadiscursivas na tentativa de corrigir ou amenizar sua própria fala: “‘por assim dizer’, ‘ou melhor...’, ‘em todos os sentidos da palavra’, ‘como e que se diz?’ etc.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 76).

Em relação ao escrito, Maingueneau (2008a, p. 79, grifo do autor) especifica que este “não é uma mera representação do oral, nem o impresso uma simples multiplicação do escrito. Oral, escrito e impresso são *regimes* de enunciação distintos, que supõem civilizações muito diferentes”.

Maingueneau (2008a) aponta quatro propriedades de um texto escrito: a) ele pode circular longe de sua origem, encontrar públicos imprevisíveis sem precisar ser modificado a cada vez e b) o coenunciador deve proceder a uma leitura pessoal; ele pode impor seu modo de consumo, seu ritmo de apropriação: ler com a rapidez que lhe convém, silenciosamente ou em voz alta, com atenção ou em diagonal, interromper-se quando quiser; c) “a distância que assim se estabelece entre coenunciador e texto escrito abre um espaço para um *comentário* crítico ou para *análises*: o leitor pode sondar o texto, comparar certas partes, de forma a elaborar interpretações” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 79); d) “um texto escrito pode também ser *recopiado, arquivado, classificado*; a estocagem permite confrontar textos variados e estabelecer princípios de classificação (por temas, gêneros, autores, datas etc.)” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 80, grifos do autor).

Compreendemos que o *oral* poderia incluir não só cenas nas quais os interlocutores estão presentes no mesmo espaço, mas, também, outras em que o interlocutor está em outro lugar e irá interagir com um dado discurso em outro momento como, por exemplo, um discurso de um dado político veiculado na televisão. Trata-se de um texto oral, mas não se restringe somente às propriedades citadas nesta seção sobre o oral. Por isso, concordamos com o autor quando ele expõe, ao final de seu texto, que

as velhas oposições entre o oral e o escrito não mais subsistem atualmente em sua forma tradicional. As técnicas cada vez mais sofisticadas de gravação de transporte de informação têm modificado os dispositivos de comunicação e, portanto, o estatuto dos enunciados verbais (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81).

Em relação à distinção entre o oral e o escrito, Rodrigues (2002, p. 228) afirma que “nos discursos face a face, os discursos que se desenrolam em presença entre dois ou mais interlocutores [...] locutor e ouvinte tornam-se destinadores e destinatários de enunciados, de acordo com uma alternância regular da tomada da palavra”. É o caso do debate. Por outro lado, o autor explica que o discurso midiático, ao contrário do face a face, é unilateral. “Um enunciador dirige a palavra a um público relativamente indiferenciado e ausente, que não tem possibilidade de tomar efetivamente a palavra no decurso da relação discursiva midiática”, portanto, é o caso dos jornais impressos.

Na distinção de Maingueneau (2008a) entre oral e escrito no decorrer de seu texto, o oral limitou-se a uma conversa, a um debate ou a alguma cena enunciativa em que locutor e interlocutor estão presentes. Aceitamos e nos recorremos a essa definição anterior por se encaixar à situação do debate, nos sendo, portanto, suficiente para nosso percurso analítico. Entretanto, ao tratarmos da “presença” dos interlocutores, não estamos considerando apenas os interlocutores presentes empiricamente (os candidatos, mediador e plateia). Consideramos, também, como “presentes” os eleitores que assistem ao debate pela televisão, por serem eles o destinatário a quem o sujeito político direciona seu discurso. Entendemos, conforme Rodrigues (2002, p. 221), que o público (os eleitores) está presente na cadeia de elaboração do discurso, e é deste “silencioso processo de escuta que o discurso da mídia recebe o seu princípio, o seu alimento, a sua razão de ser, o seu sentido”.

4 PERCURSO ANALÍTICO

Nesta seção, realizamos um percurso de descrição, reflexão e discussão sobre nosso *corpus*, que foi organizado em tabelas divididas em três colunas: a primeira com a transcrição do debate; a segunda, com a aforização veiculada na FSP³⁶ e a terceira com a aforização veiculada no ESP. Esse modo de organização nos proporciona uma comparação entre as aforizações dos dois jornais em questão e dessas aforizações com o texto transcrito do debate e nos permite alcançar um de nossos objetivos específicos: comparar os processos de construção das aforizações utilizados pelos dois jornais, observando os efeitos produzidos por eles.

Retomemos, aqui, nosso problema de pesquisa que é, também, nossa pergunta de análise, *Como ocorreu o processo de construção das aforizações veiculadas nos jornais impressos?*, a fim de situarmos o ponto de partida que direciona nosso percurso analítico.

Iniciamos nosso trabalho realizando a coleta de todos os vídeos dos debates do segundo turno das eleições 2010. Após essa coleta, transcrevemos os vídeos, na íntegra. Nessa fase, há um processo de passagem da oralidade para a escrita. Portanto, todos os sinais de pontuação foram propostos por nós. Além disso, reconhecemos que nesse processo perde-se o tom de voz dos debatedores, os gestos, a linguagem corporal, o olhar, etc. Entretanto, já que não há como trazer todos esses aspectos para a escrita, enfocamos, principalmente, na parte linguística, descrevendo, quando necessário, a cena enunciativa. O próximo passo foi a coleta dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em suas versões impressas no dia seguinte à veiculação de cada debate televisivo. Em suma, transcrevemos os debates e selecionamos os recortes transcritos de acordo com as aforizações veiculadas nas notícias coletadas dos jornais.

Durante a tabulação e organização do *corpus*, observamos que alguns enunciados foram destaque em apenas um dos jornais analisados. Poucos foram os enunciados veiculados destacados em ambos. Portanto, organizamos esta análise apresentando primeiramente os enunciados que mereceram destaque nos dois jornais, pois consideramos que, por terem sido destacados por ambos, possa haver elementos que os tornem fortes candidatos ao destaque. Em seguida, separamos, por jornal, os enunciados destacados em apenas um. Para melhor

³⁶ A escolha de apresentar este jornal logo em seguida da transcrição se deu por este possuir maior número de ocorrências de enunciados destacados.

visualização de nosso percurso analítico, enumeramos as aforizações, iniciando do 1 (um) em cada debate (ex.: Aforização 1 – Debate Band).

Apresentamos uma figura, relacionada a cada aforização analisada, contendo a página do jornal(is) no(s) qual(is) ela foi veiculada e, em tamanho ampliado, para facilitar a leitura, o trecho tal qual impresso no jornal (mantendo fonte, cor, cor do plano de fundo). Abaixo das figuras, contextualizamos o leitor sobre o tema abordado, já iniciando nosso percurso de análise e, em seguida, apresentamos as aforizações organizadas em tabelas, dando prosseguimento a nossa análise.

Inserimos em algumas dessas tabelas, quando havia, os mesmos enunciados destacados, mas veiculados no corpo do texto. Ressaltamos que nosso foco principal são as aforizações em destaque; o corpo do texto nos serve para observarmos se há outras alterações do enunciado em questão no mesmo jornal, dentro da mesma notícia, visto que ela tem a função de contextualizar o leitor sobre a situação em questão. Os destaques ocupam posição privilegiada na diagramação dos jornais e as aforizações veiculadas nessa posição têm maior visibilidade do que as veiculadas no corpo do texto, que tem menos destaque, pois apresenta fonte de igual tamanho, cor e formato do restante do texto. Entretanto, a inserção do corpo do texto em algumas tabelas se justifica pelo fato de que, para o leitor, o efeito produzido é de um enunciado “como se” fosse o enunciado de origem³⁷, tendo ele uma importância como referência em relação à aforização em destaque. Segundo Mariani (1998), essa modalidade do “como se”, produz “formas de identificação” do sujeito-leitor com a reportagem narrada e com o assunto da narração. A autora complementa que

tudo se passa “como se” o leitor estivesse compartilhando a cena presenciada, ou melhor, “como se” houvesse um acordo prévio com relação aos sentidos produzidos. No processo discursivo jornalístico, o alcance do “como se” está diretamente relacionado ao modo como os sentidos vão sendo textualizados (MARIANI, 1998, p. 63-64).

Julgamos válida a menção de outra observação nesta seção: todos os enunciados de nosso *corpus* que se referiam às falas de Dilma Rousseff (DR) e José Serra (JS), seja em posição de destaque ou no corpo do texto, apareceram entre aspas, o que pode produzir um efeito de sentido de fidelidade ao que foi dito, apesar das alterações feitas pelo enunciadador jornalista.

³⁷ Lembremos que, em nosso *corpus*, o enunciado de origem é aquele proferido no debate televisivo.

Quanto aos enunciados entre aspas no corpo do texto, Maingueneau (1997, p. 89) afirma que “os enunciados relatados em discurso direto são postos entre aspas para marcar sua alteridade; esta última, além disso, é claramente manifestada pela ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado”. O autor (1997, p. 91, grifos do autor) acrescenta, ainda, que

as aspas *constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário*. O sujeito que utiliza as aspas é obrigado, mesmo que disto não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor e, simetricamente, oferecer a este último uma certa imagem de si mesmo, ou melhor, da posição de locutor que assume através destas aspas.

Sendo assim, mantivemos as aspas ao digitar os excertos dos jornais em nossas Tabelas. Além das aspas, enunciados verbais também contribuem para um efeito de “fidelidade” ao que foi dito. Na FSP, acima da foto de cada um está escrito: *O que disse Dilma Rousseff* e *O que disse José Serra*, seguidos pelas aforizações entre aspas. No ESP, abaixo da foto de cada candidato, aparece seu nome (ou apelidos como: Tucano, Petista, etc) em negrito, seguido de dois pontos (:) ou ponto (.), o que sugere uma menção direta à fala do candidato em questão, que também aparece entre aspas.

Quanto a questões técnicas de diagramação dos jornais relacionadas à visibilidade dos candidatos, na FSP, constatamos que, nas notícias de três dos quatro debates em que o jornal utilizou a página dupla, JS sempre esteve na página ímpar e DR na par. Esse dado é relevante porque, conforme o Manual de Edição da FSP (1996), as notícias mais importantes são editadas nas páginas de número ímpar porque, em tese, elas atraem mais atenção visual do leitor do que as páginas de número par. Sendo assim, podemos afirmar que o jornal deu mais visibilidade a JS e “suas” falas do que a DR. Isso pode ser positivo ou negativo, dependendo das falas selecionadas para estarem nessa posição e dos efeitos produzidos pelo processo de construção da aforização.

O ESP veiculou todas as notícias em página única, sempre par (A10), com as fotos dos candidatos na dobra superior do jornal, alternando a posição das fotos de cada candidato, ou seja, Dilma e Serra apareceram duas vezes do lado direito e duas do lado esquerdo nas fotos relacionadas às notícias dos debates. Ressaltamos que esses dados sobre os aspectos técnicos não demonstram (im)parcialidade. Esta só pode ser observada por meio de uma análise discursiva do conteúdo das aforizações. Por isso, neste trabalho esses dados técnicos nos servem como informações complementares a nossa análise discursiva.

Nosso percurso analítico foi embasado teórico e metodologicamente nos estudos de Dominique Maingueneau, principalmente em todo o seu trabalho sobre os enunciados destacados e destacáveis que circulam na mídia. Também contamos com contribuições de autores brasileiros cujos trabalhos versam sobre os enunciados destacados e destacáveis (POSSENTI, 2009, 2011a, 2011b; MOTTA, 2009a, 2009b; BENITES, 2011, entre outros). Esses estudos nos possibilitam análise e discussão sobre o processo de construção da aforização nos jornais. Foram relevantes, também, as contribuições dos estudos de Michel Pêcheux, no que diz respeito aos conceitos de paráfrase e efeito metafórico. Ao mobilizarmos os conceitos pecheutianos mencionados, consideramos as concepções de sujeito, inconsciente e memória propostas pelo autor, o que nos possibilita discutir os efeitos produzidos pelas aforizações. Em outras palavras, os estudos de Dominique Maingueneau nos proporciona base teórica e metodológica para analisarmos o processo de construção das aforizações e os estudos de Michel Pêcheux, para a análise dos efeitos que esse processo pode produzir.

Além desses pressupostos teóricos, complementamos nossa análise com a discussão de conceitos propostos pelas teorias trabalhadas no campo da comunicação, principalmente por estudiosos que abordam os discursos *midiático* (CHARAUDEAU, 2006; FONSECA, 2004; GREGOLIN, 2003), *jornalístico* (MARIANI, 1998) e *político* (BONAVIDES, 2000; BRAGA, 2006; CHARAUDEAU, 2008; RUBIM, 2000; RUBIM, 2002).

A pesquisadora portuguesa Daniela Braga estudou um programa televisivo com um estilo de debate e, em seu trabalho ela sistematizou a espacialização, a estrutura e a ritualização do programa. Com base nessa sistematização de Braga (2006), adaptamos as figuras 3 e 4 (BRAGA, 2006) ao nosso *corpus* de modo que representassem as especificidades de cada debate.

Esse percurso analítico foi dividido em quatro partes principais, cada uma sobre um dos debates selecionados para constituir nosso *corpus*. Realizamos uma breve descrição da espacialização e das regras de funcionamento de cada debate. Além disso, apresentamos dados sobre a audiência que cada debate atingiu. A audiência é captada por um aparelho eletrônico chamado *Peoplemeter*, que apresenta resultados em pontos³⁸. Segundo o site do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2005), cada ponto corresponde a aproximadamente 58 mil televisores ligados em um dado canal. Tratamos, também, das aforizações veiculadas nos jornais, descrevendo as posições em que as elas apareceram na

³⁸ No último item desta seção, intitulado “Discussão geral dos resultados analíticos”, discutiremos como a audiência dos debates pode significar discursivamente na veiculação das aforizações nos jornais.

página da notícia. No decorrer dessas descrições vamos realizando nosso percurso de análise. No último item desta seção, apresentamos as discussões dos resultados obtidos por meio de nosso percurso.

A fim de marcarmos, nos trechos analisados, as modalidades de aforização, para discutirmos abaixo das tabelas, convencionamos // (duas barras) para supressão; ____ (sublinhado) para substituição; _____ (sublinhado com traço diferenciado) para inserções, e *itálico* para trechos (do debate – coluna esquerda em nossas tabelas) que foram suprimidos no processo de aforização.

Adotamos o termo *aforização*, conforme conceituação exposta nesse trabalho (MAINGUENEAU, 2008b; 2010), para tratar das produções discursivas veiculadas nos jornais, e o termo *enunciado* para nos referirmos à representação verbal da enunciação, conforme (MAINGUENEAU, 2000; 2008a), ou seja, em nosso *corpus*, a transcrição da fala produzida durante o debate (coluna esquerda em nossas tabelas).

4.1 DEBATE TRANSMITIDO PELA BAND

O debate transmitido pela Band, realizado no dia 10 de outubro de 2010, ficou em quinto lugar na audiência, com média de quatro pontos, segundo informações disponíveis no site de *O Globo*. No dia 11 de outubro de 2010, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* veicularam notícias cujos títulos³⁹ são, respectivamente, “Dilma e Serra trocam acusações em duelo mais agressivo da campanha”⁴⁰ e “No primeiro duelo, Dilma parte para o ataque a Serra”⁴¹. Segundo Gradim (2000, p. 68), “os títulos anunciam o texto jornalístico que encabeçam, e são aquilo que em primeiro lugar o leitor apreende quando se debruça sobre as páginas de um jornal”. Apesar não serem nosso principal objeto de análise, não podemos ignorar que os títulos antecipam a cenografia criada pela notícia como um todo. Os dois jornais veicularam sobre esse debate títulos que construíram uma cenografia de combate, disputa, intensificada pela descrição da cena como “duelo”.

³⁹ Não pretendemos, aqui, analisar os títulos, mas podemos observar que no título da *Folha*, Dilma e Serra são postos como sujeitos de uma ação recíproca, enquanto no de *O Estado*, a ação é focada em Dilma.

⁴⁰ Folha de S. Paulo, 11 de outubro de 2010, Poder, p. A10-A11.

⁴¹ O Estado de S. Paulo, 11 de outubro de 2010, Nacional, p. A10.

Esse debate foi mediado pelo jornalista da emissora, Ricardo Boechat, e teve a presença da Orquestra Bachiana do Sesi, regida pelo maestro João Carlos Martins. A figura abaixo representa como o espaço do palco foi ocupado nesse debate.

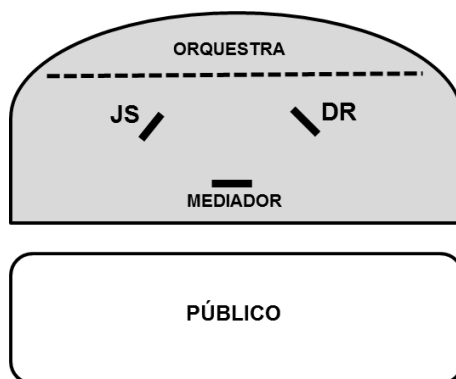


Figura 4: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio da Band.

A orquestra foi posicionada atrás dos debatedores, José Serra (JS) à esquerda e Dilma Rousseff (DR) à direita. O mediador se posicionou no centro, mais próximo ao público, de costas para este e de frente para os debatedores. Abaixo um frame⁴² do vídeo do debate que demonstra essa disposição.

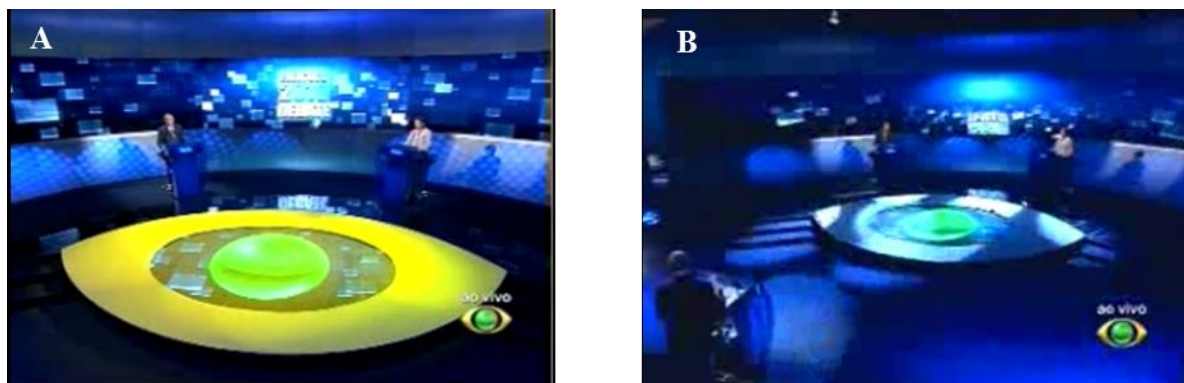


Figura 5: *Frames* da disposição espacial dos participantes no estúdio da Band.

Na figura 5A vemos os dois debatedores em suas posições, e na 5B, no canto inferior esquerdo, a posição do mediador. Os presidentiáveis foram posicionados em diagonal, de modo que tivessem visão do mediador e do público (atrás do mediador) e também visão um

⁴² *Frames* são recortes de vídeo que são congelados e capturados, com um aspecto quase fotográfico.

do outro. Como afirmamos anteriormente, a presença física do mediador e do(s) adversário(s) na cena enunciativa do debate não faz deles o público-alvo do discurso do candidato. Discursivamente, o candidato constrói uma cenografia em que seus interlocutores são os eleitores, tanto os presentes na plateia quanto os telespectadores, principalmente aqueles que estão indecisos sobre seus votos.

Quanto à estrutura do debate, ela já foi pré-estabelecida e explicada antes de seu início. O debate em questão foi dividido em cinco blocos. O primeiro teve duas partes: na primeira, os dois candidatos respondem a uma mesma pergunta feita pelo mediador, em ordem definida por sorteio, com tempo de resposta de dois minutos; e na segunda, iniciou-se a primeira rodada de perguntas entre os candidatos com tempo de pergunta de um minuto; resposta, réplicas e trélicas, dois minutos. No segundo, terceiro e quarto blocos, seguiram-se as perguntas entre os candidatos. No quinto bloco, cada candidato teve três minutos para tecer suas considerações finais.

No que se refere aos enunciados destacados sobre este debate, houve um total de dez, dentre os quais dois foram veiculados por ambos os jornais; seis apenas pela FSP e dois apenas pelo ESP. Nesta análise, abordaremos os dois veiculados por ambos, dois apenas FSP e dois pelo ESP. Quanto ao número de aforizações de DR e JS, a FSP destacou quatro de JS e quatro de DR, enquanto o ESP destacou duas de cada um desses candidatos.

4.1.1 Aforizações veiculadas nos dois jornais

Como veremos na análise da aforização 1, o tema “aborto” foi pauta de diversas discussões e polêmicas durante o período de campanha eleitoral, não só nos debates televisivos, mas em outros suportes e gêneros. O impacto e a polêmica que ele pode produzir torna esse tema um forte candidato ao destaque.



Figura 6: Aforizações 1 nos dois jornais.

No período de campanha eleitoral 2010, iniciou-se uma discussão sobre o aborto, que circulou em diversos suportes midiáticos. Inicialmente, a questão era de se tratar ou não o aborto como questão de saúde pública, descriminalizando essa atitude. Coimbra (2006) afirma que, de acordo com os artigos 124 a 128 do Código Penal (2008)⁴³, o aborto é considerado crime no Brasil, excetuando-se somente os casos em que houver estupro e risco de vida à gestante.

Contudo, essa discussão despertou opiniões radicais de líderes religiosos que, pelo numeroso volume de seguidores, detinham o poder de influenciar muitos votos, fazendo desse tema um campo minado em que os candidatos teriam de ter muita cautela com o que iriam dizer. Por esse motivo, o aborto foi bastante recorrente nos debates, em especial neste debate transmitido pela Band. Os candidatos lançaram perguntas sobre esse tema, à espera de um deslize na fala do adversário.

Ao mencionar o aborto, esse enunciado traz à tona a discussão sobre o direito à vida e o direito da mulher sobre seu corpo. O artigo 2º do Código Civil Brasileiro (1995) expõe que o nascituro tem direito à vida desde a concepção. Essa discussão traz outra polêmica: a partir

⁴³ O Código Penal (Decreto-lei 2.848, de 07/12/1940) pune o aborto provocado pela gestante ou com seu consentimento (art. 124), o aborto provocado por terceiro (art. 125), o aborto provocado com o consentimento da gestante (art. 126), e prevê formas qualificadas em caso de superveniência de lesões graves ou morte da gestante (art. 127).

de qual estágio da gestação pode-se considerar “vida”? Nesse debate incluem-se, principalmente, os estudos da embriologia (ciência) e das religiões. Segundo o Censo 2010, a população católica é de 64,6% e a evangélica é de 22,2%.

Portanto, conforme informações e dados acima, a grande maioria dos brasileiros é cristã; seja católico ou evangélico, os religiosos, em geral, tendem a ter um posicionamento contrário ao aborto. Dessa forma, veicular a hipótese de que um candidato é favorável ao aborto pode prejudicar sua imagem com o eleitor religioso, ou seja, a imensa maioria dos eleitores. Além disso, falar em aborto na relação com o PT e com DR em período de eleições expõe negativamente a candidata. Em relação à circulação de discussões sobre esse tema, Rodrigues (2002) afirma que a mídia frequentemente debate acerca das pretensões das instituições religiosas, política e médica, que buscam regular, cada uma a seu modo, o discurso e os comportamentos no domínio do aborto. “Tratando-se de um domínio associado à própria experiência da vida, a apresentação do somatório das suas posições por parte da instituição permite garantir à instituição midiática a sua autonomia institucional de promotora dos valores da visibilidade” (RODRIGUES, 2002, p. 227).

O enunciado que analisamos abaixo foi dito por JS em resposta a uma pergunta de DR. A candidata afirmou que a campanha de Serra levantou calúnias a respeito dela e se aproveitou da boa fé das pessoas para atingi-la. Portanto, perguntou a JS se ele considerava correta essa forma de fazer campanha que usa o submundo. JS teve dois minutos para responder e, dentre outros trechos, produziu esse enunciado no decorrer da resposta:

Tabela 10: Aforização 1 - debate Band - veiculada em ambos os jornais

DEBATE	FSP, 11 de outubro de 2010	ESP, 11 de outubro de 2010
<p>Serra: Em relação à questão do aborto, você disse com clareza, no debate na Folha, na UOL, e isso está filmado, que era a favor da liberação do aborto. Depois, diz o contrário. <i>As pessoas cobram coerência. Isso não é estratégia de adversário, essas são coisas que vão acontecendo. Poderia dar vários outros exemplos...</i> Aí se trata de ser coerente, de não ter duas caras: uma hora uma, outra hora, outra.</p>	<p>Posição de destaque: “Em relação à questão do aborto, você disse com clareza <u>num</u> debate da Folha, // está <u>gravado</u>. <u>Você disse</u> que era a favor da liberação do aborto. Depois, diz o contrário.// Se trata de ser coerente, de não ter duas caras”//.</p> <p>Corpo do texto: // “Você disse com clareza // e isso está filmado, que era a favor da liberação do aborto. Depois <u>disse</u> o contrário. // É uma questão de ser coerente, de não ter duas caras”//.</p>	<p>Posição de destaque: // “Você disse //que era a favor da liberação do aborto, depois, <u>disse que era contra</u>. // Aí se trata de ser coerente, de não ter duas caras”//.</p> <p>Corpo do texto: // “Você disse // que era a favor da liberação do aborto, depois, <u>disse que era contra</u>. // Aí se trata de ser coerente, de não ter duas caras”//.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*italico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Na aforização em posição de destaque na FSP, houve uma substituição de palavra: “filmado” por “gravado”, e duas supressões não marcadas. No corpo do texto, houve uma substituição de palavra: “diz” por “disse”, uma alteração, portanto de tempo verbal, que pode produzir uma pequena diferença de sentidos, pois “disse” retrata uma ação passada, enquanto “diz” remete a uma ação presente, ainda não acabada, que pode voltar a se repetir. Em outras palavras, essa substituição pode deixar essa atitude de DR de dizer uma coisa e depois dizer outra coisa no passado ou no presente.

No ESP, o enunciado em posição de destaque na página do jornal é idêntico ao que se encontra no corpo do texto, mas diferente do que foi dito por Serra no debate. Houve três supressões e uma substituição por paráfrase: em vez de “diz o contrário”, as aforizações desse jornal em relação a esse trecho apresentaram “disse que era contra”. Em “diz o contrário”, o posicionamento de ser contra o aborto, já que a afirmação anterior era de que ela era a favor, está implícito, sendo inferido pelo interlocutor que relaciona o enunciado com o que foi dito antes. Em “disse que era contra”, dispensa-se a inferência do interlocutor, direcionando os sentidos para uma dada conclusão. Nesse caso, é interessante observar que, sendo idênticas as aforizações em destaque e no corpo do texto, a fidedignidade do suporte midiático (o jornal) é garantida, já que não há alteração aparente.

A supressão do modalizador epistêmico “com clareza” deixa mais “leve” a afirmação de DR (citada na fala de JS). Maingueneau (2008b) afirma que em diversas transformações geralmente eliminam-se modulações, de modo a reforçar a autonomia e tornar o enunciado mais genérico.

Na transcrição do debate (coluna esquerda da tabela 10), destacamos em itálico o trecho que foi suprimido na construção das aforizações dos dois jornais, tanto nas em destaque como nas do corpo do texto. Essa supressão pode, ao mesmo tempo, intensificar e atenuar. Intensifica porque põe em relevo a crítica dita por Serra, tornando-a mais polêmica, mais impactante, visto que a retirada do trecho deixa “mais perto” a crítica de ter de ser coerente do motivo que possibilitou sua emergência: dizer que é a favor e depois dizer que é contra. Sendo assim, além da diferença de tom, em relação ao texto-origem, a cenografia construída pela aforização também é diferente da construída no debate. Por outro lado, pode também atenuar, considerando que JS diz que pode dar vários outros exemplos, ou seja, DR é incoerente em várias situações e, quanto a isso, não é ele, JS, quem cobra coerência, são as pessoas. O uso da terceira pessoa (não-pessoa), segundo Rodrigues (2002, p. 217), garante

“uma estratégia de universalização referencial dos enunciados, uma credibilidade da narração dos fatos”. Esse uso pode produzir um efeito de legitimação para o discurso produzido por JS.



Figura 7: Aforização 2 nos dois jornais.

Monica Serra, em campanha nas ruas do Rio de Janeiro, teria dito a um eleitor evangélico que declarou voto em DR que ela é a favor de matar criancinhas. Essa declaração da esposa de Serra teve repercussão negativa para DR perante eleitores religiosos. Mas teve repercussão negativa também para José e Monica Serra por se tratar de uma acusação agressiva contra DR, que se declarou publicamente como uma vítima de calúnias eleitoreiras.

O tema aborto teve grande destaque nos jornais, sendo a aforização 2, a segunda a ser veiculada por ambos em posição de destaque. A aforização “Dilma é a favor da morte de criancinhas” traz a memória do comunismo, mais especificamente da frase “Comunistas comem criancinhas”. Durante o período de campanha, o programa de JS associou a imagem de Dilma ao comunismo, apresentado por ele como sinônimo de baderna, desordem, ilegalidade.

Vale observar que durante o debate foram proferidos inúmeros enunciados, mas esses dois - aforizações 1 e 2 - que associam DR ao aborto foram selecionados para ocupar a posição de destaque. Essa seleção se revela como uma tentativa de direcionamento de sentidos, demonstrando, nessas aforizações, um posicionamento que constrói uma imagem negativa de DR, consequentemente, favorecendo a candidatura de JS, e isso se confirma por

meio do processo de construção dessas aforizações. Mesmo sendo a aforização 2 relacionada a uma fala de DR, a simples menção a fatos negativos, principalmente em posição de destaque, pode prejudicar um candidato em disputa acirrada pela presidência.

No debate, JS pergunta a DR sobre as dívidas das Santas Casas, por que está nessa situação e o que ela vai fazer a esse respeito. Em resposta, DR abordou a questão do aborto e lançou uma pergunta a JS se ele preferia prender as mulheres que praticam o aborto ou atendê-las. Após a réplica de JS, DR produz o enunciado da tabela abaixo no decorrer de sua tréplica de dois minutos:

Tabela 11: Aforização 2 - debate Band - veiculada em ambos os jornais

DEBATE	FSP, 11 de outubro de 2010	ESP, 11 de outubro de 2010
<p>Dilma: O que não está certo, por exemplo, é a sua esposa, <i>Dona Monica Serra</i>, <i>eu vou dizer o que ela falou</i>, ela disse: ‘a Dilma é a favor da morte de criancinhas’. É tão absurdo a acusação que mostra a característica desse processo, dessa campanha, que é uma campanha contra mim e que usa uma coisa que o Brasil não tem: o ódio.</p>	<p>Posição de destaque: “O que não está certo // é a sua esposa, // Monica Serra // disse: ‘a Dilma é a favor da morte de criancinhas’. É tão absurda a acusação e mostra a característica // dessa campanha contra mim, // que usa uma coisa que o Brasil não tem: // ódio”.</p> <p>Corpo do texto: // “<u>Sua esposa</u> disse: ‘a Dilma é a favor da morte de criancinhas’. É tão absurda a acusação”//.</p>	<p>Posição de destaque: // “Ela (<u>Monica Serra</u>) disse que a Dilma é a favor da morte de criancinhas”//.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*italico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

O enunciado destacado na FSP apresenta quatro supressões não marcadas. A primeira, exclui “por exemplo”. Essa supressão intensifica o tom do discurso tornando a fala de DR mais direta e objetiva. A segunda supressão: “Dona”, também intensifica o tom do discurso, pois é um modo de tratamento considerado respeitoso e, portanto, ao excluí-lo, o jornal torna o tom mais agressivo. As outras duas supressões também intensificam o tom do discurso, deixando-o mais agressivo, mais direto. Já no corpo do texto, a supressão do início do enunciado intensifica o tom de indignação de Dilma em relação à declaração de Monica Serra e a do final atenua, pois deixa de citar que seria uma campanha contra ela (DR), movida pelo ódio; supressão que, a nosso ver, não se justifica, pois, há mais espaço para o corpo do texto do que para enunciados em destaque e neste último não houve essa supressão. Além dessas estratégias, houve uma substituição de palavras: “ela” por “sua esposa”. Nesse caso, essa substituição pode se justificar pelo fato de “ela” fazer uma referência anafórica com “Monica Serra”, dito anteriormente.

Já o ESP veiculou o enunciado com “ela”, mas informando ao leitor, por meio da inserção marcada, quem era esse “ela”. A inserção marcada “Monica Serra” mantém o vínculo de “ela” com JS, pois sem essa inserção, “ela” estaria desvinculada de JS. A inserção não marcada de “que” modifica o discurso de direto para indireto. Entretanto, a veiculação desse trecho com as duas supressões que intensificam o tom do discurso poderiam fortalecer a crítica de Monica Serra a DR, expondo somente a crítica sem o tom de indignação de DR diante dessa crítica. Entendemos que o espaço na diagramação desse enunciado destacado é pequeno, mas consideramos que poderia ter sido escolhido qualquer outro enunciado (ou outra parte desse mesmo enunciado) em vez deste. Em relação ao corpo do texto, o ESP não veiculou esse enunciado. Portanto, o leitor desse jornal teve acesso somente a esse recorte, produzindo imagens e opiniões a partir do resultado de um processo de aforização realizado pelo jornalista. Geralmente, quando o enunciado destacado é breve, no corpo do texto ele se repete inserido em um trecho maior, mais contextualizado. Entretanto, esse procedimento não ocorreu com essa aforização⁴⁴.

4.1.2 Aforizações veiculadas apenas na *Folha de S. Paulo*

A *Folha de S. Paulo* dedicou duas páginas⁴⁵ para noticiar cada debate: uma página com a foto de Dilma e, ao lado, recortes de suas falas durante o debate; e outra com Serra, no mesmo formato. Além disso, no corpo do texto, há as mesmas falas aforizadas de diferentes formas e outras falas que não estão em posição de destaque na diagramação da página.

O estilo de paginação (dupla) se repetiu na veiculação dos debates da Record e da Globo, como veremos nos próximos subcapítulos. Segundo o glossário do Manual de edição da FSP (1996), a página dupla é feita quando duas páginas de tamanho padrão são usadas para um mesmo assunto ou anúncio.

A diagramação da página da notícia manteve o padrão utilizado pela FSP: seis colunas. As fotos dos candidatos apareceram na dobra superior da página do jornal, em uma tabela com fundo na cor que representa seus respectivos partidos: DR, vermelho e JS, azul.

⁴⁴ Em nosso corpus houve seis enunciados destacados cuja repetição/contextualização no corpo do texto foi menor do que o enunciado em destaque. Discutiremos essa questão no último item deste percurso analítico.

⁴⁵ Apenas sobre o debate transmitido pela Rede TV!/Folha, a *Folha de S. Paulo* veiculou apenas uma página.

Podemos observar nas figuras 8 e 9 o padrão de veiculação supracitado, apresentando a foto de Dilma na página par e de Serra na ímpar, respectivamente, páginas, A10 e A11 do caderno Poder.



Figura 8: Aforização 3 – *Folha de S. Paulo*.

A aforização 3 aborda o caso Paulo Preto, que foi assessor de JS e estava sendo apontado como suposto responsável pela arrecadação, em nome do PSDB e sem registro oficial, de 4 milhões de reais que jamais teriam chegado aos cofres tucanos. Erenice Guerra, que também foi citada na fala de DR, mas suprimida pelo jornal, foi sucessora e braço-direito de DR na Casa Civil da Presidência da República. Dentre as principais acusações que pesavam sobre ela estavam tráfico de influência⁴⁶ e nepotismo⁴⁷. A ex-ministra teria atuado para viabilizar negócios nos Correios intermediados por uma empresa de consultoria de propriedade de seu filho Israel Guerra e tinha três irmãos em cargos públicos federais comissionados.

⁴⁶ Segundo o art. 333 do Código Penal (2008), tráfico de influência é o delito praticado contra a administração pública, em que determinada pessoa, usufruindo de sua influência sobre ato praticado por funcionário público no exercício de sua função, solicita, exige, cobra ou obtém vantagem ou promessa de vantagem, para si ou para terceiros.

⁴⁷ Conforme o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), nepotismo é o favorecimento dos vínculos de parentesco nas relações de trabalho ou emprego.

Cada um desses casos envolve um assessor de um dos candidatos e também foram temas recorrentes nos debates, pois se tornaram estratégia de acusação de ambas as partes.

Durante o debate, JS fez uma pergunta sobre a segurança pública a DR, questionando por que a candidata era contra a criação de um ministério de Segurança Pública. Após a resposta e réplica, DR, aos 20 segundos finais de sua tréplica, produziu o enunciado da tabela a seguir em resposta ao comentário final de JS durante a tréplica da pergunta anterior, em que o candidato mencionara os escândalos na Casa Civil e ironizara que tudo lhe era alheio, que ela não sabia de nada:

Tabela 12: Aforização 3 - debate Band - veiculada na FSP

DEBATE	FSP, 11 de outubro de 2010
Dilma: <i>É bom você lembrar, e eu vou pegar uma oportunidade, agora da questão relativa ao seguinte: eu fico indignada com a questão da Erenice, mas você também</i> devia responder sobre a questão do Paulo Vieira de Souza, o seu assessor que fugiu com R\$ 4 milhões da sua campanha.	Posição de destaque: // “Você devia responder também sobre // Paulo Vieira de Souza, // seu assessor, que fugiu com R\$ 4 milhões <u>de dinheiro</u> da sua campanha”.
	Corpo do texto: Você <u>devia se lembrar de</u> Paulo Vieira de Souza, o seu assessor que fugiu com R\$ 4 milhões <u>de dinheiro</u> da sua campanha.

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

A aforização da posição de destaque inicia com uma supressão que pode atenuar e intensificar ao mesmo tempo. Intensifica porque silencia a reação de indignação de DR em relação ao caso Erenice e atenua porque deixa de mencionar um caso de corrupção de uma aliada de DR. Consideramos que essa omissão também pode significar a manutenção de vozes sobre esse caso, vozes essas que silenciam a indignação e DR, ou seja, essa supressão deixa de tocar em um assunto delicado para a candidata DR, expondo somente o caso relacionado ao assessor de JS.

Apesar de o caso Erenice ter sido um ponto fraco na campanha de DR, a supressão do trecho em itálico (coluna esquerda – transcrição do debate) deixa de demonstrar a indignação da candidata diante desse caso. Considerando todo o trecho veiculado na FSP em posição de destaque, observamos a construção de uma imagem negativa para JS, visto que a menção ao caso Paulo Preto ficou de forma mais direta e, na cenografia construída por esse jornal, esse (Paulo Preto) pareceu ser o único caso mencionado.

Na supressão não marcada, foi retirado o trecho “a questão do”, em itálico na transcrição do debate. Essa mudança no nível da formulação, não acarreta grandes diferenciações de sentidos no nível semântico-discursivo.

No corpo do texto, uma substituição por paráfrase junta “é bom você lembrar” com “você devia responder”, formando “você devia se lembrar”. Em alguns casos de substituição por paráfrase, os sentidos do enunciado-origem deslizam para a produção de outros sentidos, é o que Pêcheux (1997) chama de efeito metafórico. Esse deslizamento é gradativo e, nesta aforização, ocorre da seguinte maneira:

- (a) É bom você lembrar
- (b) você devia responder
- (c) você devia se lembrar

Em “É bom você lembrar”, vemos funcionar um tom de ameaça, enquanto “você devia se lembrar”, veiculado no corpo do texto, apresenta um tom de crítica ao candidato. Já “você devia responder”, em posição de destaque, pressupõe que haja uma dúvida no ar a espera de respostas, ou seja, pode produzir um efeito de cobrança em relação a questões do assessor de JS.

Nas aforizações houve também uma inserção não marcada da palavra “dinheiro”, que ocorreu também na posição de destaque. Embora nesses casos tenha havido a interpretação do jornalista, os sentidos não sofreram alteração com as modificações feitas no processo de aforização.



Figura 9: Aforização 4 – Folha de S. Paulo.

Durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), a oposição (PT) teria dificultado, por ser contra essa decisão, a privatização de empresas estatais de telefonia. Segundo a Associação Brasileira de Telecomunicações (Telebrasil), desde que as operadoras privadas assumiram a prestação de serviços de telefonia, a oferta cresceu 703% e o número de aparelhos ultrapassou o número de habitantes do país.

O Censo 2010 aponta que 47,1% dos domicílios têm apenas telefone celular e 36,1% têm celular e fixo. O número de domicílios que não tem telefone celular e tem somente o fixo é 4,7%. Segundo dados do relatório do Banco Mundial, para cada grupo de 100 pessoas no Brasil, há 123 celulares. Observando esses dados, podemos compreender como a telefonia e seus avanços são importantes para o brasileiro, o que pode ser uma justificativa para que esse tema tenha sido abordado no debate.

No debate, DR aborda a questão da privatização, em especial os casos da Vale e da Petrobrás, e pergunta a JS se ele acha que essa política de administração está correta. Em resposta, JS fala de casos de privatizações feitas pelo PT e, no decorrer de sua resposta, produz o enunciado da tabela seguinte, trazendo à tona a questão da telefonia:

Tabela 13: Aforização 4 - debate Band - veiculada na FSP.

DEBATE	FSP, 11 de outubro de 2010
<p>Serra: <i>No caso, por exemplo, da telefonia, o PT atrapalhou a abertura do setor, mas não conseguiu. Sabe qual seria o Brasil do PT? O Brasil do orelhão. É o que a Dilma e seus amigos teriam feito, caso tivessem o governo naquela época. Porque ninguém teria celular. O fato era o seguinte: telefone naquela época valia uma fortuna e hoje todo mundo tem.</i></p>	<p>Posição de destaque: // “Sabe qual seria o Brasil do PT? O Brasil do orelhão. É o que a Dilma e seus amigos teriam feito caso tivessem o governo”//.</p> <hr/> <p>Corpo do texto: “Sabe qual seria o Brasil do PT? O Brasil do orelhão. // Ninguém teria celular”.</p>
<p>Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (<i>itálico</i>) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.</p>	

O início da aforização traz uma supressão que silencia a acusação de JS de que o PT atrapalhou a abertura do setor de telefonia. Dizer que o PT atrapalhou a abertura do setor justifica o Brasil do PT ser o Brasil do orelhão. “É o que a Dilma e seus amigos teriam feito” refere-se ao Brasil do orelhão, consequência da não abertura do setor de telefonia. “Naquela época”, supressão que intensifica o tom do discurso, restringia a atitude de Dilma e seus amigos à época das negociações. Portanto, a retirada do advérbio de tempo deixa aberta à interpretação do leitor, ou seja, DR e seus amigos agiriam assim caso tivessem o governo em qualquer época. Essa supressão produz um efeito de que a telefonia só avançou porque Dilma e seus amigos não estavam no poder. O efeito metafórico produzido pelos deslizos que essa

aforização pode produzir é o de que o país só avança se ela não estiver no poder, ou o de que só avança com o PSDB de Serra, produzindo um efeito de redução do PT, associando-o a atraso, a retrocesso.

Um candidato que não tenha apoiado esse avanço na telefonia pode não agradar o eleitorado e parece ser esse o *ethos*⁴⁸ que se tenta construir de DR nessa aforização. A imagem que se pretende construir discursivamente pode não ser a imagem que todos os (e)leitores vão construir, pois não há como controlar totalmente os sentidos. Mesmo assim, consideramos ser mais provável a construção de uma imagem mais negativa do que positiva de DR.

Ao trazer esse tema neste enunciado de JS, a FSP expõe DR, pois o brasileiro, principalmente o jovem, tem uma relação de dependência com o celular, o que o leva a não querer voltar à comunicação restrita ao orelhão. Na aforização em destaque, a supressão no final do enunciado silencia o fato de que “ninguém teria celular”. Portanto, ao mesmo tempo em que a aforização 4 expõe DR, a crítica presente nessa exposição é minimizada por essa supressão.

4.1.3 Aforizações veiculadas apenas em *O Estado de S. Paulo*

O Estado de S. Paulo dedicou uma página para noticiar cada debate. Essa página foi diagramada da seguinte maneira: a foto de Dilma ao lado da foto de Serra, ambas na dobra superior, mantendo o padrão de cinco colunas de texto. Abaixo de cada foto, um recorte de uma fala proferida durante o debate. Outros enunciados destacados foram apresentados numa caixa de texto com subtítulos como “Polêmica”, “Embate”, “Confronto” com recortes de falas consideradas polêmicas por esse jornal.

⁴⁸ Como citamos anteriormente, o *ethos* é a imagem de si que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra por meio de seu discurso (MAINGUENEAU, 2008c).



Serra. 'Eu nunca defendi a liberação do aborto. Você defendeu e de repente muda'

Figura 10: Aforização 5 – O Estado de S. Paulo.

O tema “aborto”, como já exposto, foi bastante recorrente em todo o período de campanha eleitoral, não só nos debates, mas em todos os gêneros e suportes em que houve campanha. Entretanto, sobre esse debate veiculado pela Band, houve vários enunciados destacados com esse mesmo tema em ambos os jornais. Considerando que o espaço para esses enunciados é pequeno, vemos que esse tema foi um elemento que tornou os enunciados destacáveis, candidatos a ocuparem essa posição.

Apesar de abordar o tema aborto, a questão nessa aforização é a mudança de opiniões e crenças visando à adesão dos eleitores.

Durante o debate, falando que está sendo vítima de calúnias e difamação feitas pela campanha de JS, DR perguntou a Serra se ele achava que essa forma de campanha, que usa o

submundo, está correta. Após a resposta de JS e a réplica de DR, o candidato tucano produziu o enunciado da tabela abaixo, durante sua tréplica de dois minutos:

Tabela 14: Aforização 5 - debate Band - veiculada em ESP.

DEBATE	ESP, 11 de outubro de 2010
Serra: Nunca defendi a liberação do aborto, <i>não há nenhuma evidência. Você defendeu. Eu não estou nem entrando, fazendo juízo de valor a seu respeito, você defendeu e, de repente, passa a outra coisa: a dizer o contrário, a fazer toda uma campanha, a se vitimizar com isso. Com relação a Deus, a mesma coisa: tem entrevistas suas que você não sabe bem se acredita, tal. Depois vira uma devota.</i>	Posição de destaque: “Nunca defendi a liberação do aborto//. Você defendeu e de repente <u>muda</u> ” //. Corpo do texto: “Nunca defendi a liberação do aborto//. Você defendeu e de repente <u>muda</u> . Com relação a Deus <u>é</u> a mesma coisa. Tem entrevistas suas que você não sabe bem se acredita, // se não acredita, e depois vira uma devota”.

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Na posição de destaque, a supressão intensifica o tom do discurso, tornando-o mais agressivo, visto que omite uma justificativa com efeito modalizador e parte diretamente para a acusação de que a adversária defendeu o aborto e depois mudou de opinião.

“Muda”, que aparece tanto na aforização em destaque como no corpo do texto, se classificaria como uma substituição por paráfrase. Esta única palavra apresenta-se como elemento sintetizador de todo o trecho: “passa a outra coisa: a dizer o contrário, a fazer toda uma campanha, a se vitimizar com isso”.

Segundo Pêcheux (1988), todo enunciado pode ser linguisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada de pontos de deriva possíveis. Sendo assim, os deslizamentos de sentido, os efeitos metafóricos e parafrásticos podem sempre oferecer lugar à interpretação. Portanto, recorreremos a esses conceitos e a suas aplicações em análises para tentar demonstrar como ocorreram os deslizes nesta aforização.

- (a) você defendeu e, de repente, *passa a outra coisa*.
- (b) você defendeu e, de repente, *passa a dizer o contrário*.
- (c) você defendeu e de repente *muda*.

O efeito metafórico se dá por meio de paráfrases, que representam o retorno aos mesmos espaços do dizer. “Produzem diferentes formulações do dizer sedimentado” (ORLANDI 2005, p. 36). Sendo assim, demonstramos acima como ocorreu esse processo na aforização 5, ou seja, como o deslizamento produzido pelas paráfrases produz diferentes efeitos de sentido.

Quanto ao enunciado no corpo do texto, as alterações sofridas no processo de aforização foram as mesmas do enunciado em destaque, com a diferença do acréscimo da parte final do enunciado de origem. Esse acréscimo pode se justificar por esse enunciado estar diagramado em uma posição que tenha maior espaço na página do jornal, podendo abranger um trecho maior do enunciado-origem. Já os enunciados destacados abaixo das fotos dos candidatos, apesar de veiculados em tamanho pequeno, são os de maior destaque e menor espaço, o que, talvez, justificaria a supressão e a substituição supracitadas, ou seja, precisa-se reduzir o enunciado para caber na diagramação proposta.

DILMA ROUSSEFF
CANDIDATA DO PT
 “Acho gravíssima a fala de sua
 senhora (*Monica Serra*), que me
 acusa de uma coisa antiga.
 Coisa antiga que é contra o
 que o Brasil pensa”



Figura 11: Aforização 6 – O Estado de S. Paulo.

Neste trabalho, nosso foco principal são as aforizações em destaque; o corpo do texto nos serve apenas para observarmos se há outras alterações do enunciado em questão no

mesmo jornal, dentro da mesma notícia. Contudo, a notícia, nesse caso, nem menciona sobre o que se tratava esse enunciado em destaque (aforização 6).

O tema em questão nessa aforização é o aborto, mais especificamente a acusação de Monica Serra de que DR seria a favor de matar criancinhas; situação já mencionada em outras aforizações desta análise.

No debate, falando que estava sendo vítima de calúnias e difamação feitas pela campanha de JS, DR perguntou a Serra se ela achava que essa forma de campanha que usa o submundo estava correta. Após a resposta de JS, DR produziu o enunciado da tabela abaixo, durante sua réplica de dois minutos.

Tabela 15: Aforização 6 - debate Band - veiculada em ESP.

DEBATE	ESP, 11 de outubro de 2010
<p>Dilma: Eu estou sendo acusada de coisas que eu não vou gostar de mencionar, inclusive pela sua própria esposa, sendo que você regulamentou o acesso ao aborto no SUS, até eu concordo com a regulamentação, porque eu sou contra tratar a questão das duas mulheres que morrem por dia ou um dia sim um dia não nesse país por aborto como uma questão de polícia. Entre prender e atender, eu fico com atender. Acho gravíssima, <i>também</i>, a fala da sua senhora. Por que? Porque me acusa de uma coisa que é antiga. É antiga no seguinte sentido: é contra o que o Brasil pensa, <i>porque o Brasil tá habituado com processo de tolerância, do convívio entre árabes e israelenses que sentam na mesma mesa e não com uma convivência em que se instiga o ódio. O que não tá correto é isso.</i></p>	<p>Posição de destaque: “Acho gravíssima // a fala de sua senhora (<u>Monica Serra</u>)//, que me acusa de uma coisa antiga. // <u>Coisa</u> antiga // <u>que</u> é contra o que o Brasil pensa”//.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

A inserção marcada de “Monica Serra” situa o leitor quanto à situação de comunicação. No enunciado-origem, isso não é necessário, pois há todo um contexto que situa o interlocutor. As três supressões seguintes deixam de trazer o que é essa coisa antiga, portanto, o leitor não tem como saber o que é essa “coisa antiga” de que DR está sendo acusada e que é contra o que o Brasil pensa, visto que, não saiu nada no corpo do texto que explicasse essa questão. Sendo assim, essa supressão mantém uma suspeita de acusação em funcionamento e propicia que o leitor faça inferências sobre o que seja essa coisa antiga. Já a última, atenua a acusação à Monica Serra, omitindo *o que* é contra o que o Brasil pensa. Nesse caso, o leitor não sabe de que se trata, já que o trecho que viria a seguir é que iria justificar/explicar de que se tratava.

Apresentamos um trecho maior na transcrição do debate para contextualizarmos melhor o tema a ser tratado nesse caso. Vemos que se inicia com o aborto e, ao final, trata-se da tolerância e da convivência entre povos e culturas.

4.2 DEBATE TRANSMITIDO PELA REDE TV!/FOLHA

No dia 17 de outubro de 2010, foi transmitido pela *Rede TV!/Folha* o segundo debate televisivo do segundo turno, que ficou em quinto lugar na audiência, com média de quatro pontos, segundo o blog *Politicando*, de Vasselai (2010). No dia seguinte, os dois jornais selecionados para este estudo veicularam as notícias sobre o debate com os títulos: “Presidenciáveis diminuem tom agressivo”⁴⁹ (*Folha*) e “Questões de São Paulo dominam confronto”⁵⁰ (*Estado*). O título de uma notícia legitima-se através de seu texto. Apesar disso, não deixa de ser, no funcionamento discursivo do jornal, uma unidade textual autônoma, sendo frequentemente destacado e citado. Confirmando a autonomia do título, sabe-se que sua leitura sem a leitura da notícia é praticada por qualquer leitor apressado que folheia um jornal. Sendo assim, observamos que o título de cada jornal constrói cenografias diferentes que poderão ser as únicas apreendidas pelo leitor daquele jornal. Enquanto a FSP constrói uma cenografia de “tom menos agressivo”, o ESP mantém a cenografia de “confronto” do debate anterior.

Na disposição no estúdio do debate, o mediador, o jornalista Kennedy Alencar, se posicionou no fundo do palco, de frente para o público. Os presidenciáveis foram posicionados de frente um para o outro, de lado para o público. Vejamos essa disposição na figura a seguir.

⁴⁹ Folha de S. Paulo, 18 de outubro de 2010, Poder, p. A12.

⁵⁰ O Estado de S. Paulo, 18 de outubro de 2010, Nacional, p. A10.

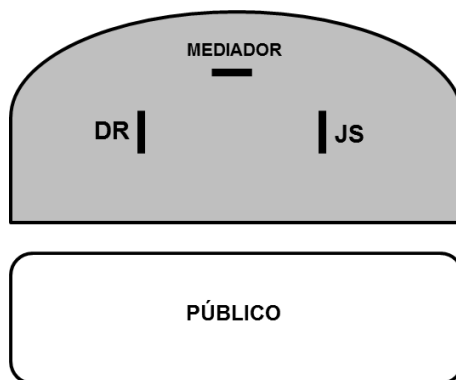


Figura 12: Esquema da disposição dos participantes no estúdio da Folha/Rede TV!.

A disposição espacial desse debate pode produzir discursos que materializam uma cenografia de maior afrontamento se comparada à do debate anterior, visto que os candidatos estão de frente um para o outro e de lado em relação ao público e ao mediador, como vemos na figura abaixo.



Figura 13: *Frame* da disposição espacial dos participantes no estúdio da Rede TV!/Folha.

Embora o título da notícia sobre esse debate na FSP tenha sugerido que os candidatos apresentaram-se de maneira menos agressiva, se compararmos com o debate veiculado pela Band, podemos perceber que houve pouca diferença. O debate, de fato, se inicia de forma menos agressiva, mas após as perguntas das duas jornalistas, que abordaram os casos de Paulo Preto e Erenice Guerra, a cenografia construída pela troca de acusações e críticas foi de um combate, apresentando agressividade semelhante ao debate anterior. Talvez a disposição dos candidatos, um de frente para o outro, possa causar uma expectativa de maior confronto, e sendo o tom similar ao debate anterior, esse possa ter parecido mais ameno.

A estrutura do debate, embora previamente preestabelecida, foi explicada ao público aos poucos, antes de cada bloco e, assim como o debate anterior, foi dividido em cinco blocos. No primeiro, cada candidato teve dois minutos para responder a uma mesma pergunta do mediador. Após isso, iniciaram-se as rodadas de perguntas entre os candidatos. O tempo para as pergunta foi de um minuto; respostas, réplicas e trélicas, dois minutos. No Primeiro bloco houve uma pergunta e no segundo foram duas perguntas para cada candidato. No terceiro bloco, Renata Lo Prete, colunista da FSP, e a jornalista Patrícia Zorzan, repórter especial da Rede TV!, fizeram perguntas aos candidatos, que tiveram dois minutos para a resposta. Lo Prete perguntou para JS e Zorzan, para DR. No quarto bloco, os candidatos voltam a fazer perguntas um para o outro; são duas perguntas de um minuto para cada candidato, cujas respostas, réplicas e trélicas tiveram dois minutos. Ao final desse bloco, a candidata DR teve um pedido de direito de resposta negado. No quinto bloco, cada candidato teve três minutos para tecer suas considerações finais.

Quanto aos enunciados destacados nos jornais sobre esse debate houve nove, dentre os quais dois foram veiculados por ambos os jornais; um apenas pela FSP e seis apenas pelo ESP. Quanto ao número de aforizações de falas de DR e JS, a FSP destacou uma de JS e três de DR, enquanto o ESP destacou quatro de JS e cinco de DR. Ressaltamos que a quantidade de aforizações de cada candidato são apenas dados que apresentamos com base na tabulação de *corpus*, mas não significa validação ou negação, pois a significação vai depender dos efeitos produzidos na construção das aforizações e não da quantidade de ocorrências.

Para selecionarmos o número de aforizações a ser analisadas nesta seção, seguimos a proporção das ocorrências nos dois jornais, ou seja, abordaremos as duas aforizações veiculadas por ambos os jornais, uma apenas pela FSP e duas pelo ESP.



Figura 14: Aforização 7 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais

A aforização 7 refere-se ao fato de que JS teria negado conhecer Paulo Preto, quando uma jornalista o questionou sobre o caso. Após a repercussão negativa dessa negação, JS se defendeu, afirmando que o conhecia sim, mas por outro nome.

O debate teve uma parte em que duas jornalistas faziam perguntas aos candidatos. Tratou-se apenas de pergunta e resposta; não houve réplica nem tréplica. A jornalista Renata Lo Prete retoma críticas que JS faz a Lula e a DR sobre eles não saberem de esquemas de corrupções que aconteceram no governo, e aborda a questão de Paulo Preto, perguntando a JS se ele não sabia do caso. Em resposta a essa pergunta, JS produz o enunciado a ser analisado a seguir:

Tabela 16: Aforização 7 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais

DEBATE	FSP, 18 de outubro de 2010	ESP, 18 de outubro de 2010
<p>Serra: Eu não conheço esse problema. Nunca, isso não aconteceu na minha campanha. <i>Nem se trata de dinheiro de governo, é uma contribuição para uma campanha, que alguém teria pego e não entregue para a campanha. Só que eu não soube disso. Nunca ninguém veio reclamar que doou e que não</i></p>	<p>Posição de destaque: // “Não neguei que eu conhecia [Paulo Preto]. // A repórter perguntou [sobre] o Paulo Preto // Eu não o conhecia assim, Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista. Se ele fosse japonês, iam chamar de Paulo Amarelo? // Não. Mas como ele é descendente de africanos, puseram um apelido</p>	<p>Posição de destaque: // “Eu não disse que o conhecia. // Uma jornalista me perguntou se eu conhecia Paulo Preto e eu não o conhecia por esse nome”.</p> <p>Corpo do texto: // “Não o conhecia como Paulo Preto, um apelido preconceituoso e racista. Nunca soube desse problema. Nunca soube disso” (do suposto</p>

<p><i>chegou, nem quem está cuidando desse aspecto na minha campanha me fez qualquer observação nesse sentido. Disseram que era o Paulo Souza. Eu não neguei que eu o conhecia.</i> Eu fui numa segunda-feira a Goiânia e veio a repórter e perguntou o Paulo Preto. Paulo Preto, para mim, eu não o conhecia assim, e Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista. Se ele fosse japonês, iam chamar de Paulo Amarelo? Será? Não. Mas como ele é descendente de africanos, puseram um apelido racista.</p>	<p>racista”.</p>	<p><u>desvio de recursos da campanha).</u></p>
--	------------------	--

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Para a compreensão dessas retomadas de dizeres, precisamos voltar ao texto-fonte (o do debate) e, mesmo nesse, retomar a enunciação a que ele faz referência que seria a da repórter questionando o próprio JS, conforme este mesmo relata:

JS- “... Eu fui numa segunda-feira a Goiânia e veio a repórter e perguntou (sobre) o Paulo Preto”.

Nesse breve relato, já observamos o silêncio de JS sobre o conteúdo da pergunta (conhecer x não conhecer Paulo Preto; saber x não saber). A essa pergunta da repórter JS teria negado conhecer Paulo Preto. Como essa negação lhe causava estragos políticos, no sentido de igualá-lo a Lula, que era acusado de não saber de nada sobre o mensalão, no debate ele profere um discurso de justificativa de sua negação, reorientando sua argumentação pela mudança do referente (de Paulo Preto para Paulo Souza).

“JS... Paulo Preto, para mim, eu não o conhecia assim, e Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista”.

Ao trazer à tona a questão do racismo, do preconceito, destoa-se o foco do leitor de “Serra mentiu” para “Serra está preocupado com as questões étnico-raciais”.

A inserção marcada de “Paulo Preto”, na FSP, não é fiel ao referente de JS no Debate que, anaforicamente, era “Paulo Souza”. De fato, sabia-se à época que à pergunta da jornalista

JS respondera não conhecer, enquanto no debate ele busca se livrar da acusação, alegando ser o referente Paulo Souza que ele conheceria. Portanto, pode-se afirmar que ao construir a aforização dessa forma, a FSP induz o leitor a não perceber o processo de denegação de JS à repórter, porque o efeito de sentido que predomina é o de que ele teria admitido sim conhecer Paulo Preto, e então as acusações de negação seriam injustas. Assim, de forma consciente ou não, o efeito de sentido provocado pelo modo de aforização, pela supressão imposta pelas coerções da prática discursiva midiática de contextualizar e sintetizar para o leitor, acaba por atenuar o ato denegativo de JS, já que negar que tenha negado desliza facilmente para afirmação, como podemos ver na tabela-resumo do processo metafórico de produção do sentido abaixo:

Tabela 17: Resumo do processo metafórico na FSP.

DEBATE	FSP
<i>Disseram que era o Paulo Souza.</i> Eu não neguei que eu o conhecia.	“Não neguei que eu conhecia [Paulo Preto].
(a) Eu não neguei que eu o (= Paulo Souza) conhecia (b) Eu não [não o conheço] (c) Eu conheço Paulo Souza	(a) Eu não <i>neguei</i> que conhecia [Paulo Preto] (b) Eu não [<i>não conheço (Paulo Preto)</i>] (c) Eu conheço (Paulo Preto)

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Essa primeira supressão da FSP intensifica o tom do discurso, pois omite as explicações e justificativas de JS, tornando mais direta e enfática a argumentação do candidato.

Já a aforização em destaque no ESP também começou com a supressão não marcada do mesmo trecho suprimido pela FSP. Logo após essa supressão, houve uma substituição por paráfrase. “Eu não **neguei** que o conhecia” do enunciado-origem foi substituído por “Eu não **disse** que o conhecia”. Vejamos os efeitos de sentidos aqui produzidos:

Tabela 18: Resumo do processo metafórico em ESP.

DEBATE	ESP
<i>Disseram que era o Paulo Souza. Eu não neguei que eu o conhecia.</i>	Posição de destaque: // “Eu não <u>disse</u> que o conhecia. // Uma <u>jornalista</u> me perguntou <u>se eu conhecia</u> Paulo Preto e eu não o conhecia por <u>esse nome</u> ”.
(a) Eu não neguei que eu o (= Paulo Souza) conhecia	(a) Eu não disse que o conhecia [Paulo Preto]
(b) Eu não [não o conheço]	(b) Eu não disse [Eu <i>conheço</i> (Paulo Preto)]
(c) Eu conheço Paulo Souza	(c) Eu NÃO conheço (Paulo Preto)

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserção.

Diferente da FSP, no modo de construção da aforização no ESP permanece o ato de negação de JS à repórter, seguido da justificativa: não conhecer pelo nome de “Paulo Preto”.

Por ter sido veiculada dessa forma, a aforização em posição de destaque no ESP produz um efeito de sentido de que JS teria assumido no debate que havia negado conhecer Paulo Preto, o que levaria o leitor a deduzir que teria sido uma artimanha de JS tentar convencer que ele não sabia da identificação entre Paulo de Souza e Paulo Preto, duas formas diferentes de designar o mesmo sujeito.

A questão principal nessa aforização é o valor e a intensidade da negação. No debate, “Eu não neguei” reafirma a negação (negar = dizer que não), enquanto na aforização veiculada pelo ESP “Eu não disse que o conhecia” suaviza, apaga o negar, produzindo efeito contrário ao produzido no trecho do debate, pois pressupõe que JS o conhecia, mas não disse, ou seja, omitiu que conhecia Paulo Preto.

No corpo do texto, o ESP apresentou parcialmente a aforização em destaque, com substituições por paráfrase. A substituição de “assim” por “Paulo Preto” foi necessária porque “assim” se referia anaforicamente a “Paulo Preto” citado anteriormente. Como esse “anteriormente” foi suprimido de forma não marcada, resolveu-se o problema de coerência com essa substituição. Outra opção seria manter o “assim” e apresentar uma inserção marcada com “como Paulo Preto”. Depois de “racista” houve uma supressão que atenuou o tom de indignação presente na fala de JS ao tratar do assunto. Após essa supressão, enunciados do início dessa fala foram substituídos por paráfrase. “Eu não conheço esse problema. Nunca, isso não aconteceu na minha campanha” foi substituído por “Nunca soube desse problema. Nunca soube disso”, sendo esse “disso” explicado com o auxílio da inserção marcada.

Ao contrário da FSP, o ESP suprimiu todo o trecho “*Paulo Preto, para mim, eu não o conhecia assim, e Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista. Se ele fosse*

japonês, iam chamar de Paulo Amarelo? Será? Não. Mas como ele é descendente de africanos, puseram um apelido racista”. A supressão intensifica o tom do discurso, pois mantém o foco do enunciado no fato de JS ter negado que conhecia Paulo Preto, enquanto a não supressão desse trecho pode tirar parcialmente o foco desse fato e passar o foco para a questão do preconceito racial.

Segundo dados recentes divulgados pelo IBGE (2010), dos 190,75 milhões de brasileiros, 14,5 milhões se declararam pretos e 82,2 milhões pardos. Portanto, a maioria da população se encaixa na etnia afrodescendente, visto que somando os que se declaram pretos e pardos, temos 96,7 milhões de brasileiros, os outros quase 100 milhões se dividem entre brancos, amarelos e indígenas. Diante desses dados, vemos que, ao abordar o preconceito contra o negro, o foco pode ser retirado da questão principal do enunciado, devido à possibilidade de identificação dessa etnia. Num momento em que se busca e se trabalha a valorização étnica, que inclui o negro e o pardo em campanhas publicitárias, novelas, filmes entre outros, uma atitude preconceituosa seria inadmissível na visão da maioria das pessoas.

Portanto, ao suprimir esse trecho que desvia o foco para a discussão sobre o preconceito, a aforização 7, veiculada no ESP expõe JS, desfavorecendo-o e, conseqüentemente, favorecendo DR. Isso porque no debate, JS tentou construir essa cenografia em torno do preconceito e, com essa supressão, constrói-se uma cenografia que gira somente em torno da questão de Paulo Preto.



Figura 15: Aforização 8 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais

A Aforização 8 aborda o caso Erenice Guerra, tratado em análises de aforizações anteriores. DR demonstra seu interesse em combater o nepotismo e o tráfico de influência, principais acusações que pesam sobre Erenice e, conseqüentemente, poderiam prejudicar sua campanha, devido a sua proximidade com a acusada.

O debate Rede TV!/Folha teve uma parte em que duas jornalistas faziam perguntas aos candidatos. Nessa parte do debate, a jornalista Patrícia Zorzan retoma o caso de Erenice, perguntando a DR como ela pretende escolher um ministério inteiro, se ela admite ter sido enganada por uma pessoa próxima, que convive com ela desde 2005. Em resposta a essa pergunta, DR produz o enunciado a ser analisado a seguir:

Tabela 19: Aforização 8 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ambos os jornais

DEBATE	FSP, 18 de outubro de 2010	ESP, 18 de outubro de 2010
Dilma: As pessoas erram e Erenice errou. Eu quero deixar claro que eu considero a situação da Erenice com muita indignação. Primeiro, porque eu não concordo com a contratação de parentes, não concordo com a contratação de amigos. E quem conhece a minha história sabe que eu tenho um compromisso em combater o nepotismo e qualquer tipo de	Posição de destaque: “As pessoas erram e Erenice errou. // Considero a situação // com muita indignação, porque não concordo com a contratação de parentes e // amigos. Quem conhece a minha história sabe que eu tenho um compromisso em combater o nepotismo” //.	Posição de destaque: “As pessoas erram e Erenice errou. // Tenho um compromisso em combater o nepotismo e <u>todo</u> o tráfico de influência”.
	Corpo do texto: “A Erenice cometeu um erro. // Eu sou contra	Corpo do texto: “As pessoas erram e Erenice errou. Eu quero

tráfico de influência.	a contratação de parentes”.	deixar claro que eu considero a situação com muita indignação. // Não concordo com a contratação de parentes e // amigos, <u>combato</u> o nepotismo e // o tráfico de influência”.
------------------------	-----------------------------	---

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

A primeira supressão da FSP na posição de destaque atenua o tom de indignação de DR, visto que “Eu quero deixar claro que eu considero” é muito mais forte do que apenas “Considero” e pode fazer com que o leitor construa uma dada imagem do enunciador-origem em detrimento de outras. Como o caso Erenice teve muita repercussão, mostrar-se indignada com as atitudes dela poderia construir imagens positivas para a candidata. A última supressão atenua o tom do discurso, pois omite o compromisso da candidata em combater “qualquer tipo de tráfico de influência”, reduzindo-o apenas ao combate contra o nepotismo.

Diante do funcionamento das alterações nessa aforização, podemos dizer que o conjunto dessas supressões resultou na construção de um enunciado que desfavorece DR, omitindo trechos que contribuiriam para a construção de imagens positivas da candidata. No corpo do texto, a substituição por paráfrase amenizou ainda mais a indignação de DR, trocando “errou” por “cometeu um erro”. Essas alterações, tanto em destaque quanto no corpo do texto, podem fazer parecer que DR não deu a devida importância ao caso, enxergando-o menos grave do que ele realmente é.

A primeira supressão do ESP neste trecho silencia o tom de indignação expressado por DR durante o debate, pois na aforização destacada no jornal, DR não disse que considera a situação com muita indignação. Apenas disse que “As pessoas erram e Erenice errou”. Esse enunciado isolado do resto do enunciado pode produzir um sentido de justificação, de defesa, de proteção, como se DR estivesse justificando que o que Erenice fez foi um erro, mas que as pessoas erram. Produzindo esse sentido, o leitor do jornal constrói uma imagem negativa de DR. No corpo do texto, há uma substituição por paráfrase que substitui “eu tenho um compromisso em combater” por “combato”. “Combato” implica uma ação já iniciada, enquanto em “Tenho um compromisso em combater”, implica uma ação futura, embora “Tenho um compromisso” seja um comprometimento do presente. Tem-se, portanto, um compromisso, no presente, de realizar uma ação futura. Essa substituição poderia contribuir para a construção de uma imagem menos negativa de DR, mas apenas se estivesse em posição de destaque.

De maneira geral e com base no funcionamento desta aforização, podemos observar que a veiculação desse enunciado em posição de destaque desfavoreceu DR e, por consequência, favoreceu JS em ambos os jornais.

Embora o texto do debate seja oral e a notícia do jornal seja escrita, e isso já implique diferenciações na construção sintática, podemos observar que, no debate, Dilma frisa e deixa claro que está indignada com a atitude de Erenice e, só depois de afirmar isso é que ela justifica/expõe as causas de sua indignação. Comparando as aforizações dos dois jornais, podemos observar que a FSP coloca na posição de destaque essa indignação enquanto o ESP não; preferindo fazer isso no corpo do texto, parte menos destacada e/ou lida.

Observamos, também, que o modo como a aforização foi construída pela FSP, em termos de diagramação, ou seja, o que circulou em posição de destaque ou no corpo do texto, possa proporcionar maior fidelidade aos efeitos de sentidos produzidos no texto do debate do que o modo de construção da aforização do ESP. Logo, podemos dizer que os dois jornais utilizam normalmente o processo de aforização, mas que, quando esse processo se junta ao da diagramação, os efeitos podem ser convergentes ou divergentes em relação ao texto-fonte.

4.2.2 Aforização veiculada apenas na *Folha de S. Paulo*

Este foi o único debate ao qual a FSP dedicou apenas uma página e pouquíssimos enunciados destacados. Foi utilizada uma página par (A12), que tem menor visibilidade. Por essas diferenças em relação à veiculação das notícias dos debates, consideramos que a FSP deu menos importância a esse debate.

“ No que se refere à segurança, quero dizer que tenho um compromisso: livrar São Paulo do PCC [Primeiro Comando da Capital]



Figura 16: Aforização 9 – Folha de S. Paulo

Esse enunciado aborda a questão da segurança pública, mais especificamente os ataques do PCC em São Paulo.

Durante o debate, JS inicia uma pergunta abordando a questão das estradas e da segurança. Após isso, afirma que a saúde retrocedeu no Brasil nos últimos anos e pergunta por que isso aconteceu. No decorrer da resposta de DR, ela produziu o enunciado da tabela seguinte.

Tabela 20: Aforização 9 - debate Rede TV!/Folha - veiculada na FSP.

DEBATE	FSP, 18 de outubro de 2010
Dilma: No que se refere à segurança, eu quero dizer <i>para o senhor</i> que eu tenho um compromisso que é livrar São Paulo do PCC.	Posição de destaque: No que se refere à segurança, // quero dizer // que tenho um compromisso: // livrar São Paulo do PCC [Primeiro Comando da Capital].

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (.....) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

A aforização 9 foi veiculada apenas pela FSP. Em seu processo ocorreu uma supressão não marcada (para o senhor) e uma inserção marcada (Primeiro Comando da Capital), que tornaram o tom do discurso mais autoritário.

Durante o mandato de Serra como governador de São Paulo, o PCC – Primeiro Comando da Capital – organizou ataques a bases de polícia na cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior, causando terror aos cidadãos, com o cancelamento de aulas, fechamento das ruas de frente a bases policiais, etc. Essa situação resultou em muitas vítimas e na desmoralização dos policiais e do governo do estado. Embora a aforização 9 não tenha sido construída com alterações significativas, tanto no nível enunciativo como semântico-discursivo, o agendamento desse tema e a seleção dessa aforização para ocupar posição de destaque significa uma exposição negativa do candidato JS.

Como veremos mais detalhadamente na discussão geral dos resultados analíticos, último tópico desta seção, os debates com maior índice de audiência resultaram em aforizações com menos ou nenhuma alteração.

4.2.3 Aforizações veiculadas apenas em *O Estado de S. Paulo*

O ESP manteve o mesmo padrão da veiculação do debate anterior; página única, com as fotos dos candidatos na dobra superior e em página par (A10, Caderno Nacional).



“Considero que o grande desafio é a educação. Por que em 16 anos de governo em São Paulo vocês acumularam recordes negativos?”

Figura 17: Aforização 10 – *O Estado de S. Paulo*

Apesar de bastante discutido nos debates, o tema educação teve pouca recorrência nas notícias dos jornais, pois estes preferiram dar mais espaço a enunciados que, no contexto político do momento das enunciações eram tidos como mais polêmicos e impactantes. No entanto, consideramos que, por este enunciado trazer polêmica e acusação, foi alçado à posição de destaque.

O enunciado a ser analisado a seguir foi produzido durante pergunta feita por DR a JS.

Tabela 21: Aforização 10 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ESP.

DEBATE	ESP, 18 de outubro de 2010
<p>Dilma: Eu considero que uma educação de qualidade é um dos maiores desafios do Brasil. [...] <i>Então eu queria perguntar para o senhor: em 16 anos do governo do estado de São Paulo pelo PSDB, vocês acumularam recordes negativos, no que se refere aos professores. Eu queria perguntar como o estado mais rico da federação, no que se refere à educação tem um desempenho tão acanhado?</i></p>	<p>Posição de destaque: // “Considero que <u>o grande desafio é a educação</u>. // Por que em 16 anos de governo em São Paulo // vocês acumularam recordes negativos?”//.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

O início do enunciado foi substituído por paráfrase. Foi substituído “uma educação de qualidade é um dos maiores desafios do Brasil” por “o grande desafio é a educação”. A educação, nesse caso, deixou de ser “um dos maiores desafios” para ser “o maior desafio”. A supressão não marcada da introdução da pergunta poderia modalizar o tom da pergunta que, na verdade, não é “Por que em 16 anos de governo em São Paulo vocês acumularam recordes negativos?”, e sim “como o estado mais rico da federação, no que se refere à educação tem um desempenho tão acanhado?”, que aparece no final do trecho, mas foi suprimido na aforização veiculada no ESP. “Em 16 anos do governo do estado de São Paulo pelo PSDB, vocês acumularam recordes negativos” é uma afirmação de DR e não uma pergunta e essa afirmação não para aí, é completada com “no que se refere aos professores”.

Considerando os deslizos de sentido (efeito metafórico) da pergunta feita no debate para a pergunta destacada na página do jornal, propomos as seguintes etapas de deslizamento:

- (a) *Como* o estado mais rico da federação, no que se refere à educação tem um desempenho tão acanhado?
- ↓
- (b) *Por que* o estado mais rico da federação, no que se refere à educação tem um *desempenho tão acanhado*?
- ↘ ↓
- (c) Por que em 16 anos do governo do *estado de São Paulo* pelo PSDB, vocês acumularam *recordes negativos*?
- (d) Por que em 16 anos do governo em São Paulo, vocês acumularam recordes negativos?

As setas indicam os deslizamentos de sentido; observemos que “como” deslizou para “por que”; “estado mais rico da federação” para “estado de São Paulo” e “desempenho tão acanhado” para “recordes negativos”, construindo um novo enunciado: “Por que em 16 anos do governo em São Paulo, vocês acumularam recordes negativos?”, que chamamos, devido às alterações sofridas nesse processo de construção da aforização, conforme Maingueneau (2008b e 2010).

A supressão de “PSDB” ameniza a acusação, pois pode se tratar de 16 anos de governo de quaisquer partidos e não apenas do PSDB. O leitor que acompanha a política, logo infere que se trata desse partido, mas o leitor menos atraído pela política, talvez demorasse mais para realizar essa inferência. A outra supressão, que citamos acima é a retirada do trecho “no que se refere aos professores” no final da pergunta (afirmação no enunciado-origem) que deixa em aberto quais os recordes negativos na educação e deixa de citar que esses recordes negativos estão relacionados com os professores, o que poderia prejudicar a imagem de Serra que, durante seu governo no estado de São Paulo, teve problemas com greves e manifestações de professores.

Se considerarmos apenas alterações citadas no último parágrafo, poderíamos dizer que elas atenuam o tom incisivo da pergunta e podem contribuir para uma construção menos negativa da imagem de JS. Entretanto, observando a aforização no todo, vemos que a substituição por paráfrase, alterando totalmente a pergunta pode direcionar os sentidos, visto que a pergunta veiculada deixa no ar uma reflexão para o (e)leitor, pois não destaca a resposta do candidato, silenciando uma possibilidade de JS se explicar. Essa pergunta sem resposta que foi deixada para reflexão desfavorece o candidato JS, pois se em 16 anos, os recordes ainda são negativos, no governo de apenas um estado, o que poderia fazer por 26 estados mais o distrito federal em quatro anos?.



O tucano. 'Me dá impressão que a Dilma é candidata ao governo de São Paulo'

Figura 18: Aforização 11 – *O Estado de S. Paulo*

Esse enunciado destacado refere-se ao fato de DR mencionar diversas vezes no debate a atuação do governo PSDB no estado de São Paulo.

Durante o debate, DR fez uma pergunta a JS sobre emprego: “Eu queria perguntar ao candidato Serra se ele concorda com o conceito do ministro do trabalho do período FHC, que considerava que a culpa do desemprego não era do governo, não era da política [...] mas sim do próprio desempregado, criando uma categoria conhecida como inempregável”⁵¹. No decorrer resposta, se referindo ao fato de DR mencionar várias vezes o governo de São Paulo, JS produziu o enunciado da tabela seguinte.

⁵¹ Esse trecho foi proferido no debate, mas não estava presente nas páginas do jornal. Retomamo-lo para contextualizar o trecho que analisamos. Apesar de não fazer parte de nosso objeto principal de análise, consideramos válido comentar as condições de emergência da resposta de Serra. Dilma se refere a um termo muito utilizado no governo FHC: empregabilidade. Resumidamente, esse conceito refere-se ao fato de que haveria uma falta de profissionais qualificados para ocupar os cargos existentes. Isso é altamente ideológico, pois exime o governo da culpa pelo desemprego, colocando a responsabilidade por essa condição na falta de qualificação do desempregado. Nessa fala de Dilma, percebemos uma crítica ao sistema neoliberal no modo como ela “traduz” esse conceito, como um simulacro.

Tabela 22: Aforização 11 - debate Rede TV!/Folha - veiculada em ESP.

DEBATE	ESP, 18 de outubro de 2010
Serra: Sabe o que me dá a impressão? De que a Dilma é candidata à governadora de São Paulo.	Posição de destaque: // “ <u>Me dá a impressão que</u> a Dilma é candidata ao governo de São Paulo”.
	Corpo do texto: // “ <u>Parece até candidata</u> ao governo de São Paulo”

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Tanto em destaque quanto no corpo do texto, houve a supressão não marcada da pergunta, realizando uma substituição por paráfrase unindo a pergunta e a resposta, formando uma afirmação que ironiza a insistência de DR em mencionar feitos do estado de São Paulo. Apesar dessas alterações, não houve modificações nem direcionamentos de sentido no processo de aforização do enunciado em destaque. Já no corpo do texto, o deslizamento atribui um tom irônico à fala de JS. Vejamos:

- (a) *Sabe o que me dá a impressão?* De que a Dilma é candidata à governadora de São Paulo.
- ↓
- (b) _____ *Me dá a impressão* que a Dilma é candidata ao governo de São Paulo.
- ↓
- (c) _____ *Parece até* candidata ao governo de São Paulo

Vemos que “à governadora de São Paulo” deslizou para “ao governo de São Paulo” e “Sabe o que me dá a impressão” para “me dá a impressão”, depois para “parece até”.

4.3 DEBATE TRANSMITIDO PELA RECORD

O debate transmitido pela Record foi realizado no dia 25 de outubro de 2010, ocupou o segundo lugar na audiência, com média de treze pontos, conforme informações do site TV aqui (2010). Celso Freitas foi o jornalista escolhido pela Record para mediar esse debate, cuja disposição espacial se deu de forma parecida com a do debate anterior: o mediador se posicionou no centro e no fundo do palco, de frente para o público e os candidatos foram posicionados na diagonal. Vejamos essa disposição na figura seguinte:

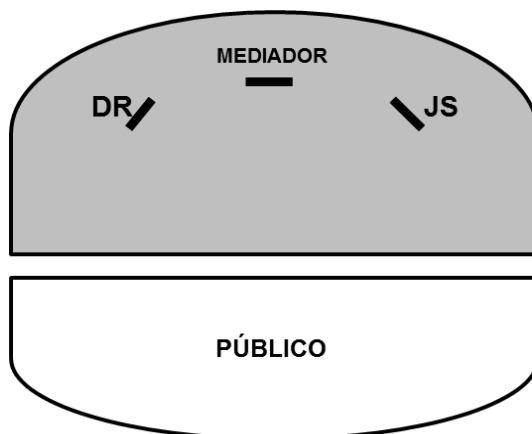


Figura 19: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio da Record.

A posição de DR e JS possibilitou uma visão ampla de todos os presentes na cena do debate: o adversário, o mediador e o público presente. Vejamos essa mesma disposição em um *frame* do debate.



Figura 20: *Frame* da disposição espacial dos participantes no estúdio da Record.

O debate foi dividido em três blocos. Nos três, cada candidato fez, alternadamente, duas perguntas, de 45 segundos, ao seu oponente. Não houve pergunta feita pelo mediador. As respostas réplicas e tréplicas tiveram dois minutos. Ao final do terceiro bloco, cada candidato teve dois minutos para suas considerações finais.

Sinteticamente, podemos afirmar que os três debates detalhados até aqui tiveram três temas centrais: a) o aborto; b) o caso de Erenice Guerra, ministra da Casa Civil acusada de nepotismo e c) o caso de Paulo Preto, assessor de Serra, acusado de fugir com dinheiro da campanha. Esses temas foram utilizados como estratégias para acusar o candidato adversário,

tanto Serra quanto Dilma, ocupando boa parte do tempo dos debates em perguntas, réplicas e trélicas.

Os títulos das notícias veiculadas no dia seguinte pelos jornais FSP e ESP foram, respectivamente, “Serra, atrás nas pesquisas, ataca mais do que Dilma”⁵² e “Erenice e Paulo Preto marcam duelo na TV”⁵³.

Quatorze enunciados foram destacados nos jornais sobre esse debate, dentre os quais apenas um foi destacado em ambos. Portanto, apresentamos a aforização destacada em ambos os jornais, uma apenas pela FSP e uma apenas pelo ESP.

4.3.1 Aforização veiculada apenas nos dois jornais



Figura 21: Aforização 12 veiculada em ambos os jornais.

Ao perguntar a DR sobre suas propostas em relação à saúde no nordeste e no Brasil, JS pediu uma resposta concreta e não trololô. Logo no início de sua resposta, DR produziu o enunciado que foi destaque nos dois jornais.

⁵² Folha de S. Paulo, 26 de outubro de 2010, p. Especial 4 e 5.

⁵³ O Estado de S. Paulo, 26 de outubro de 2010, p. A10.

A aforização em destaque em ESP apresenta o que o jornal considera uma crítica de DR e, seguida de ponto e vírgula, a resposta de JS. Essa apresentação de crítica e resposta produz um efeito de imparcialidade. Como essa aforização foi formada pela junção de duas aforizações, utilizamos duas tabelas para a análise da aforização 12.

Tabela 23: Aforização 12 - debate Record - veiculada em ambos os jornais.

DEBATE	FSP, 26 de outubro de 2010	ESP, 26 de outubro de 2010
Dilma: O candidato Serra, quando ele está pressionado ele inventa essa história de trololó.	Posição de destaque: // “Serra quando está pressionado ele inventa essa história de tro-lo-ló”.	Posição de destaque: “O candidato // quando está pressionado inventa essa história de trololó”, critica Dilma.

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Podemos observar que o processo de construção da aforização 12 (no caso do ESP, parte da aforização 12) constituiu-se, principalmente, de uma supressão. A FSP optou por suprimir “O candidato” e veicular apenas “Serra”, enquanto o ESP optou por suprimir “Serra” e veicular “O candidato”. Discursivamente, veicular o nome em vez da posição social do sujeito produz um efeito de maior exposição, pois não há a possibilidade de referência a outra pessoa.

Além de produzir um efeito de menor exposição suprimindo o nome do candidato, o ESP avalia o comentário de DR como crítica e inclui essa avaliação no enunciado em destaque.

Na réplica da resposta de DR, JS produziu o enunciado destacado no ESP apresentado na tabela a seguir.

Tabela 24: Aforização 12 - debate Record - veiculada em *O Estado de S. Paulo*.

DEBATE	ESP, 26 de outubro de 2010
Serra: <i>Portanto, nessa questão do petróleo, mais uma vez, se reflete aquele assunto que é sim, trololó. E eu não digo trololó quando eu estou atrapalhado, eu digo quando eu acho engraçado.</i>	Posição de destaque: // “Eu digo trololó quando eu acho engraçado”, reage Serra.

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Como afirmamos anteriormente, a veiculação da fala de DR e a resposta de JS produzem um efeito de imparcialidade, pois apresenta uma “crítica” e a “reação” a essa crítica no mesmo trecho destacado. Retomemos o trecho conforme veiculado.

“O candidato quando está pressionado inventa essa história de trololó”, **critica Dilma**. “Eu digo trololó quando eu acho engraçado”, reage Serra. (grifo nosso).

A incisa em negrito marca uma separação entre as falas de Dilma e Serra. Maingueneau (2010) comentou sobre as aforizações formadas por frases parcialmente separadas, que são aquelas em que uma incisa divide uma aforização, criando um intervalo entre partes da citação. Entretanto, no caso da aforização 12, não podemos classificá-la de frases parcialmente separadas porque não se trata de um intervalo de uma mesma fala, mas de falas diferentes e atribuídas a diferentes sujeitos.

4.3.2 Aforização veiculada apenas na *Folha de S. Paulo*

A FSP veiculou a notícia deste debate em página dupla, novamente com a foto e as falas de Serra na página ímpar e Dilma na par.



Figura 22: Aforização 13 – *Folha de S. Paulo*

José Dirceu fez parte da equipe de DR na campanha e estava sendo apontado como líder do mensalão, um esquema de corrupção e compra de votos.

Durante o debate, DR pergunta a JS se ele pretende expandir o Prouni, visto que o Democratas (DEM), partido de seu vice, propôs uma ação direta de incondicionalidade para que o Supremo tornasse o Prouni ilegal. No decorrer de sua tréplica, JS produziu o enunciado a seguir:

Tabela 25: Aforização 13 - debate Record - veiculada na FSP

DEBATE	FSP, 26 de outubro de 2010
<p>Serra: Ela fala em coisas de moralidade, etc. e foi testemunha de defesa de José Dirceu, <i>que foi apontado, está no Supremo Tribunal Federal, como chefe de quadrilha; dezenas de pessoas, inclusive vários petistas.</i> A Dilma foi lá como testemunha de defesa do José Dirceu e fez uma fala, eu diria carinhosa, empolgante, da moralidade, da <i>honestidade, da correção</i> do José Dirceu.</p>	<p>Posição de destaque: “Ela fala em coisas de moralidade // e foi testemunha de defesa do // Dirceu //. A Dilma foi lá [no STF] // e fez uma fala // carinhosa, empolgante, da moralidade // do // Dirceu”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

A exclusão de “José” nas duas referências ao nome de José Dirceu não interfere na compreensão do enunciado e pensamos se justificar pela necessidade de se poupar espaço na diagramação e por se tratar de uma pessoa conhecida e, na época, muito comentada na mídia em geral, podendo-se suprimir o primeiro nome que, mesmo assim, o leitor saberá de quem se trata. Por outro lado, evita associar o nome “José” (o mesmo de Serra) a fatos negativos da política.

A inserção marcada de “no STF” foi necessária devido à supressão do trecho anterior ao qual “lá” fazia referência.

A supressão da explicativa “que foi apontado, está no Supremo Tribunal Federal, como chefe de quadrilha; dezenas de pessoas, inclusive vários petistas”, ao mesmo tempo em que pode atenuar, pode intensificar o tom do discurso. Atenua porque omite qual a acusação que pesa sobre Dirceu. Por outro lado, intensifica justamente por apagar a causa (acusação que pesa sobre Dirceu) e fazer funcionar o efeito (atitude de Dilma diante da acusação que pesa sobre Dirceu).

JS tenta ridicularizar DR ao avaliar sua fala como carinhosa, empolgante dessa “moralidade”, produzindo um efeito de que DR trata a imoralidade de Dirceu como moralidade, sendo, portanto, conivente com suas atitudes. A supressão de “da honestidade, da

correção” diminui o tom de ironia em que JS se referia a Dirceu. Nesse trecho, JS não atacou Dirceu, mas o utilizou para tentar construir uma imagem de convivência de DR para com os malfeitos de Dirceu.

Observamos que no trecho completo transcrito do debate o foco é Dirceu e as acusações que pesam sobre ele. Já na aforização em destaque, o foco é Dilma e sua atitude perante as acusações que pesam sobre Dirceu, produzindo uma imagem mais negativa de Dilma, se comparada ao trecho completo.

Ao nos recorrermos aos deslizos de sentido, chegamos aos seguintes efeitos de sentido:

(a) Ela fala em coisas de moralidade, etc. *e* foi testemunha de defesa de José Dirceu

(b) Ela fala em coisas de moralidade, etc. *mas* foi testemunha de defesa de José Dirceu



A conjunção “e”, apesar de ser geralmente aditiva, neste enunciado é uma adversativa, com sentido de “mas”. Há uma ideia de contradição, mas mesmo assim foi lá defendê-lo.

(a) Ela fala em coisas de moralidade, etc *mas* (b)

(b) Dilma foi testemunha de defesa do José Dirceu, que [José Dirceu] foi apontado como chefe de quadrilha *e* (c).

(c) Dilma fez uma fala carinhosa, empolgante, da moralidade do José Dirceu.

Se DR fala de moralidades, defende o bem, a honestidade, não poderia defender José Dirceu, acusado de ser chefe de quadrilha de corrupção. Isso pode produzir o sentido de que ela fala uma coisa e faz outra ou que concordaria com a imoralidade, etc.

4.3.3 Aforização veiculada apenas em *O Estado de S. Paulo*

O ESP manteve o seu padrão como nos outros debates: utilizou uma página par (A10, Caderno Nacional) para a veiculação da notícia do debate.



● **Embate**
JOSÉ SERRA (PSDB)
 “Ela inventa, fabula, porque não tem como me atingir pela retidão da minha vida pública. Ela fica criando fantasias com o único propósito de enganar as pessoas do ponto de vista eleitoral”

Figura 23: Aforização 13 – O Estado de S. Paulo

Durante o debate, DR pergunta a JS o que ele pretende fazer para não repetir o desastre da administração anterior em relação à criação de empregos. No decorrer de sua tréplica, JS produziu o enunciado a seguir:

Tabela 26: Aforização 13 - debate Record - veiculada em ESP.

DEBATE	ESP, 26 de outubro de 2010
<p>Serra: Na verdade, ela inventa, fabula, porque como não tem como me atingir <i>pela minha ação administrativa</i>, pela retidão da minha vida pública <i>durante 40 anos</i>. Então ela vem e fica criando fantasias, <i>fazendo espuma, fazendo mitos</i> com o único propósito de enganar as pessoas do ponto de vista eleitoral.</p>	<p>Posição de destaque: // “Ela inventa, fabula, porque como não tem como me atingir // pela retidão da minha vida pública // . Então fica criando fantasias // com o único propósito de enganar as pessoas do ponto de vista eleitoral”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (.....) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

As duas primeiras supressões ocultaram a experiência e o tempo de experiência de JS, principal trunfo contra DR na campanha eleitoral 2010. Deixar de mencionar esses trechos

pode favorecer DR, visto que não apresenta um ponto considerado por muitos como positivo, e que JS tem em relação a DR.

A outra supressão também diminui a intensidade da “ilusão” criada por DR, pois “criando fantasias, fazendo espuma, fazendo mitos” é mais intenso do que apenas “criando fantasias”. Ao mesmo tempo, pode intensificar a acusação, já que aproxima a ação (criando fantasias) do propósito (enganar as pessoas...) tornando a acusação mais direta e objetiva.

É própria do regime de enunciação oral a repetição, a ênfase, a hesitação. Já na escrita, muitas vezes, esses aspectos são suprimidos para se adaptar melhor à cena genérica, no caso de nosso *corpus*, a notícia impressa no jornal. Entretanto, nesse processo, o tom do discurso pode ser alterado, podendo ser atenuado ou intensificado, e essa alteração pode favorecer a um dos lados da disputa, no caso da campanha eleitoral.

4.4 DEBATE TRANSMITIDO PELA GLOBO

A Globo transmitiu no dia 29 de outubro de 2010 o último debate das eleições 2010, que teve um formato diferenciado, mais parecido com o de uma sabatina, com perguntas feitas por eleitores indecisos. Esse debate ocupou o primeiro lugar, atingindo a média de 25 pontos de audiência, conforme dados veiculados no site da Veja (2010).

Os títulos das notícias veiculadas no dia seguinte pelos jornais FSP e ESP foram, respectivamente, “No último embate, Dilma e Serra evitam **confronto** direto”⁵⁴ (grifo do jornal) e “Candidatos fazem debate burocrático”⁵⁵.

Além do formato diferente, o debate da Globo, mediado por William Bonner, teve um palco diferenciado e uma disposição e ocupação do espaço também diferenciados. Vejamos no esquema seguinte:

⁵⁴ Folha de S. Paulo, 30 de outubro de 2010, p. Especial 8 e 9.

⁵⁵ O Estado de S. Paulo, 30 de outubro de 2010, p. A10.

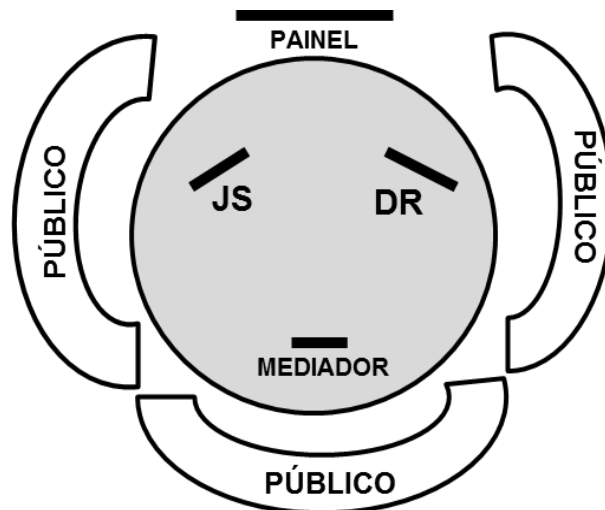


Figura 24: Esquema da disposição espacial dos participantes no estúdio da Globo.

O público foi composto por eleitores tidos como indecisos. Esses faziam perguntas para ambos os candidatos responderem. Não houve perguntas diretas de um candidato para outro. O palco em formato de círculo sugeriu que os candidatos andassem, se virassem o tempo todo, pois em toda a volta do palco havia eleitores indecisos. No painel, localizado no fundo do círculo, havia o mapa do Brasil com as divisões estaduais. Cada estado foi representado com uma pergunta de um eleitor tido como indeciso e, ao final, o mapa foi completado com todos os estados.

Note-se, na figura 24, que JS e DR não estão atrás das bancadas, mas na frente. As bancadas serviram apenas de apoio para os papéis e para a água. Entretanto, podemos notar que havia bancos para que os candidatos se sentassem caso preferissem. Vejamos essa disposição em dois *frames* do debate.



Figura 25: *Frames* da disposição espacial dos participantes no estúdio da Globo.

Podemos observar o painel a que nos referimos na figura 25B, bem como os bancos e as bancadas. Na fig. 25A, podemos ver a disposição do palco em círculo e o espaço ocupado pelo público.

As perguntas desse debate foram feitas pelo público, que foi composto por 80 eleitores tidos como indecisos, selecionados por uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em todos os estados brasileiros. Cada eleitor formulou cinco perguntas. Das 400 perguntas, foram selecionadas 12 cujos autores perguntaram diretamente aos candidatos. No painel aparecia um estado, uma cidade, o tema e o autor da pergunta a ser formulada. O autor teve 30 segundos para ler a pergunta, o candidato teve dois minutos para a resposta; o adversário, mais dois minutos para uma réplica e o candidato mais dois minutos para uma tréplica. Esse processo se deu quatro vezes em três blocos, de modo a preencher o mapa apresentado no painel. Ao final do terceiro bloco, cada candidato teve dois minutos para suas considerações finais.

A descrição da disposição espacial do debate pode não influenciar diretamente nos sentidos produzidos nos jornais, mas pode influenciar nas atitudes dos candidatos no momento do debate, pois compõe a cena enunciativa e contribui para a construção de cenografias. Por exemplo, a disposição espacial no palco pode deixá-los mais ou menos à vontade, mais ou menos tensos, o que pode acarretar em diferentes comportamentos e diferentes discursos.

Quanto aos enunciados destacados nos jornais sobre este debate, foram veiculados 16, dentre os quais apenas um enunciado foi veiculado por ambos os jornais. Portanto, em relação a este debate, apresentamos uma aforização veiculada pelos dois jornais, duas veiculadas pela FSP e uma pelo ESP. A FSP veiculou mais que o triplo de aforizações (14) em relação ao ESP (4), o que justifica nossa opção em apresentar duas da FSP e apenas uma do ESP.

Observamos que, em relação aos enunciados destacados referentes ao debate da Globo, talvez devido ao alto índice de audiência da emissora, os jornais tenham se preocupado em alterar o mínimo possível em relação ao enunciado-origem. Além disso, devido ao formato diferenciado deste debate, não houve um confronto direto, o que evitou a troca de acusações, possibilitando apenas algumas indiretas.

4.4.1 Aforização veiculada por ambos os jornais.



Figura 26: Aforização 14 veiculada em ambos os jornais.

Como mencionamos anteriormente, neste debate as perguntas foram feitas por eleitores indecisos. O eleitor Lucas Andrade, advogado e cientista político, residente em Brasília-DF, perguntou como os candidatos pretendem combater a corrupção e a impunidade. O primeiro a responder foi JS (trecho da resposta de Serra analisado na aforização 14). Após a resposta, em réplica, DR produziu o enunciado que foi destaque na FSP e no ESP.

Tabela 27: Aforização 14 - debate Globo - veiculada em ambos os jornais.

DEBATE	FSP, 30 de outubro de 2010	ESP, 30 de outubro de 2010
<p>Dilma: <i>Eu queria dizer uma coisa: mafeito, você pode ter certeza que em qualquer lugar em que houver ou impunidade ou não houver investigação, ele vai ocorrer. É importante investigar e punir, você tem de investigar e punir do a quem doer e atinja quem atingir.</i></p>	<p>Posição de destaque: //“Mafeito // vai ocorrer em qualquer lugar em que houver impunidade ou não houver investigação //”. Tem de investigar e punir do a quem doer e atinja quem atingir” //.</p>	<p>Posição de destaque: //“Você tem de investigar e punir do a quem doer e atinja quem atingir”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Vemos que durante o debate houve uma sobreasseveração, ou seja, Dilma, ao dizer “Eu queria dizer uma coisa”, marca o enunciado seguinte como destacável, dá pistas de que o que vem a seguir é um comentário importante, candidato a estar em destaque. Na FSP, houve supressões e uma substituição por paráfrase que alterou a ordem dos elementos da frase. A supressão de “você pode ter certeza que” ameniza a ênfase que a candidata deu ao fato de todo lugar poder ocorrer malfeitos. A supressão de “É importante investigar e punir” também atenua o tom do discurso de DR. A repetição “É importante investigar e punir, você tem de investigar e punir” produz um efeito enfatizante e marca uma parte importante (e destacável) do discurso de DR, tanto que foi destacada em ambos os jornais. Portanto, a supressão dessa repetição torna o enunciado menos enfático. No ESP, houve a supressão de boa parte do trecho da fala de DR. Entretanto, o trecho veiculado foi idêntico ao proferido no debate.

Os enunciados destacados em ambos os jornais suprimiram as marcações que tornam o enunciado destacável, o trecho antes dos dois pontos “Eu queria dizer uma coisa” e a repetição em posição final do trecho “É importante investigar e punir, você tem de investigar e punir”.

4.4.2 Aforizações veiculada apenas na *Folha de S. Paulo*

Na veiculação da notícia deste debate, a FSP manteve a página dupla, mas houve diferença na diagramação das fotos dos candidatos. Na dobra superior da página do jornal, DR aparece na página ímpar e JS na página par. Entretanto, na dobra inferior, onde estão as fotos em tamanho maior, acompanhando o padrão de cores, fontes e tamanhos das notícias dos debates anteriores, a FSP manteve JS na ímpar e DR na par. Discursivamente, essa diferente diagramação produz um efeito de imparcialidade, visto que ambos os candidatos aparecem em ambas as páginas. Esse efeito disfarça o fato de que, apesar de ambos estarem nas duas páginas, Serra e suas aforizações continuam na página ímpar e Dilma na página par, como na veiculação das notícias dos debates anteriores.



“A corrupção no Brasil chegou a níveis insuportáveis. Tanto do ponto de vista de desvio de dinheiro como do ponto de vista do amor próprio da sociedade”

Figura 27: Aforização 14 – Folha de S. Paulo

Em resposta à pergunta de Lucas Andrade sobre corrupção e impunidade mencionada na análise da aforização anterior, JS produziu esse enunciado:

Tabela 28: Aforização 14 - debate Globo - veiculada na FSP.

DEBATE	FSP, 30 de outubro de 2010
<p>Serra: A corrupção no Brasil chegou a níveis insuportáveis. Tanto do ponto de vista de desvio do dinheiro, <i>que é dinheiro que vem dos impostos que as pessoas pagam</i>, quanto do ponto de vista do amor próprio, da autoestima da sociedade.</p>	<p>Posição de destaque: “A corrupção no Brasil chegou a níveis insuportáveis. Tanto do ponto de vista de desvio do dinheiro //, como do ponto de vista do amor próprio // da sociedade”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*italico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

Classificamos a supressão de “que é dinheiro que vem dos impostos que as pessoas pagam” como atenuante, pois ameniza os possíveis sentidos produzidos. O trecho suprimido poderia construir uma cenografia de indignação para o (e)leitor, visto que desviar dinheiro não parece afetar tanto o cidadão quanto desviar o dinheiro que ele paga em impostos, o que deixou de ser especificado com essa supressão.

Segundo um estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT, 2010), no ano de 2010, desde janeiro e até dia 28 de maio, o brasileiro trabalhou apenas para cumprir suas obrigações tributárias com os fiscos federal, estaduais e municipais. Além disso, o Brasil tem um dos impostos mais caros do mundo. Essas informações circularam e ainda circulam em diversos gêneros e suportes midiáticos, o que revolta muitos brasileiros. Portanto, omitir que o dinheiro desviado vem de impostos pagos pelo cidadão constrói uma cenografia menos agravante do que construiria com o trecho suprimido e, por consequência, uma imagem menos negativa da forma de governo vigente. Dessa forma, a crítica de JS não recai diretamente sobre DR, mas sobre o modo de governo realizado por seu partido.

Quanto à supressão não marcada, ela não direciona nem altera os sentidos nem o tom do discurso em relação ao texto de origem.

“ Brasil é um dos países onde há mais imposto sobre a folha de salários. Isso para ser modificado não é simples. Não adianta sair falando “vou tirar, vou fazer”. Vai tirar o que? O fundo de garantia? Não é moleza isso



Figura 28: Aforização 15 – Folha de S. Paulo

No debate, Miguel Hissa, advogado de Fortaleza-CE, expôs a situação de sua mãe que tem um estabelecimento com 15 funcionários com carteira assinada e sente necessidade de

contratar mais trabalhadores, mas o custo dessas contratações diminuiria consideravelmente seu faturamento. O eleitor perguntou, portanto, qual a proposta dos candidatos para desonerar a folha de salário dos empregados. Após a resposta de DR, JS produziu o enunciado a ser analisado a seguir:

Tabela 29: Aforização 15 - debate Globo - veiculada na FSP.

DEBATE	FSP, 30 de outubro de 2010
<p>Serra: O Brasil é um dos países do mundo onde mais tem imposto sobre a folha de salário. <i>Chega a ser o dobro, para quem ganha um mínimo. Você recebe um mínimo e quem te contratou paga o outro tanto.</i> Isso, pra ser modificado, não é simples. <i>Nós temos que ser muito responsáveis nessa matéria.</i> Não adianta dizer: eu vou tirar, eu vou fazer. Vai tirar o quê? O fundo de garantia? Você vai tirar o quê? <i>A contribuição para o INSS?</i> Não é moleza isso.</p>	<p>Posição de destaque: “// Brasil é um dos países do mundo onde mais tem imposto sobre a folha de salário. // Isso, pra ser modificado, não é simples. // Não adianta <u>sair falando</u> “vou tirar, vou fazer”. Vai tirar o quê? O fundo de garantia? // Não é moleza isso”.</p>

Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (_____) = inserções; (*itálico*) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.

A supressão de “Nós temos que ser muito responsáveis nessa matéria” pode ser intensificar o tom do discurso porque, de certa forma, modaliza a fala de JS e, além disso, o inclui na fala, com o uso de “nós”, o que intensifica o tom de acusação. A substituição por paráfrase de “Não adianta dizer” por “Não adianta sair falando” produz um efeito de acusação de que Dilma está fazendo promessas que não tem como cumprir.

Já a supressão de “A contribuição para o INSS?” atenua o tom do discurso, pois está presente na memória coletiva do brasileiro que o INSS tem retorno a longo prazo, mas garante uma certa segurança ao cidadão contribuinte. Além da aposentadoria por tempo de serviço, tempo de contribuição ou por invalidez, o INSS pode conceder ao contribuinte auxílio doença, auxílio acidente, pensão por morte, entre vários outros benefícios. No texto-fonte (debate), Serra cita benefícios importantes para o brasileiro e, portanto, difíceis de retirar, reforçando o efeito de sentido de que DR estaria prometendo o que não poderia cumprir. Portanto, a supressão de “A contribuição para o INSS?” na aforização deixa de reforçar o efeito produzido por essa soma de benefícios que poderiam ser retirados.

4.4.3 Aforização veiculada apenas em *O Estado de S. Paulo*

“Professor, para garantir qualidade, tem de ser bem pago e tem de ter formação continuada”



Figura 29: Aforização 16 veiculada em *O Estado de S. Paulo*.

A eleitora Coracy Tavera Vieira, vendedora de literatura de cordel, residente em Salvador-BA, faz uma pergunta com o tema educação. Ela expõe que dois, de seus três filhos, são professores e as condições de trabalho são péssimas e os salários são muito baixos. Diante disso, ela pergunta o que pode ser feito para mudar essa situação. JS é quem responde primeiro e na réplica, DR enfatiza a valorização, reconhecimento e tratamento digno ao professor. Em meio a sua réplica, a candidata produziu o enunciado a seguir:

Tabela 30: Aforização 16 - debate Globo - veiculada no ESP.

DEBATE	ESP, 30 de outubro de 2010
<p>Dilma: <i>Quem garante a qualidade é o professor e, professor para garantir qualidade tem de ser bem pago, até para atrair as pessoas para aquela profissão, e tem de ter formação continuada.</i></p>	<p>Posição de destaque: // “Professor para garantir qualidade tem de ser bem pago // e tem de ter formação continuada”.</p>
<p>Legenda: (//) = supressão; (____) = substituição; (.....) = inserções; (<i>itálico</i>) = trechos (do debate – coluna esquerda da tabela) que foram suprimidos no processo de aforização.</p>	

A aforização veiculada pelo ESP foi construída com supressões de dois trechos que produzem um efeito de maior valorização do sujeito professor. A supressão desses trechos constrói uma aforização que demonstra uma valorização do professor como profissional, enquanto no trecho do debate o efeito que se tem é de valorização do professor, além de profissional, como sujeito social, responsável pela qualidade na educação.

A nosso ver, outros trechos da fala de DR sobre esse tema são mais destacáveis do que este escolhido pelo ESP. Em março de 2010, ano das eleições, JS era governador do estado de SP e enfrentou uma greve de professores que construiu uma imagem negativa do político perante essa classe de trabalhadores, devido ao tratamento dado aos grevistas. Em dois momentos dessa fala, DR trouxe, sem citá-la, a memória dessa greve, afirmando que “professor não se trata com cassetete” nem impossibilitando o diálogo e que “professor precisa ser ouvido, valorizado”. A decisão de não destacar os enunciados polêmicos, silenciá-los, também significa; deixa de expor os candidatos e constrói uma cenografia de debate pacífico.

4.5 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS ANALÍTICOS

Nesta parte da seção, discutimos dados quantitativos sobre os debates; dados complementares que resumem brevemente o número de enunciados destacados sobre cada debate, os temas e recorrências das modalidades, tipos e subtipos de aforização. Aliamos esses dados a algumas considerações e reflexões sobre nossa análise e nosso *corpus*, a fim de explorar um pouco mais nosso material.

Quanto aos temas abordados nos debates e veiculados em destaque nos jornais, sete tiveram maior recorrência no geral: a) aborto; b) Educação/ENEM/professor; c) Paulo Preto; d) Erenice Guerra; e) Privatização; f) Corrupção/impunidade; g) Impostos. Esses temas foram

sorteados no momento do debate, escolhidos por um dos candidatos no momento de fazer suas perguntas ao adversário, ou mencionados pelos candidatos no decorrer de uma resposta, réplica ou tréplica. A presença de temas é comum em debates políticos, pois é por meio desses temas que os candidatos organizarão suas perguntas e respostas. Em relação a isso, Maingueneau (2008d) explica que há temas impostos a certos tipos e gêneros de discurso. No discurso político-eleitoral na conjuntura atual, alguns temas devem ser abordados para que um dado discurso seja aceito. No caso de nosso *corpus*, alguns temas tiveram de ser abordados para justificar comportamentos e atitudes de aliados, como Erenice Guerra e Paulo Preto.

Em relação ao debate transmitido pela Band, o tema mais recorrente nas aforizações em destaque nos dois jornais foi o aborto. O caso Paulo Preto, Erenice Guerra e educação foram os temas mais recorrentes do debate transmitido pela Rede TV!/Folha. Sobre o debate da Record, o tema mais recorrente foram as questões relacionadas ao MST e, em relação ao debate da Globo, os impostos. Em momento eleitoral surgem temas específicos do campo político e outros que podem ganhar proporção maior ou menor do que se fosse veiculado em outros momentos como, por exemplo, o aborto, que seria um tema recorrente no campo religioso, mas que ganhou enorme proporção nesse debate. É muito difícil justificar o motivo do agendamento dos temas sem um estudo aprofundado. Entretanto, podemos levantar a hipótese de que o destaque a esses temas pode ser devido às polêmicas causadas por eles num dado momento da campanha eleitoral.

Nosso percurso de análise nos proporcionou a observação de algumas (ir)regularidades nos resultados de nosso *corpus*, no que se refere a: 1) modalidade de aforização; 2) relação entre título e cenografia; 3) relação entre a audiência do debate televisivo e as aforizações veiculadas pelos jornais; 4) relação entre enunciado destacado e corpo do texto; 5) visibilidade.

A primeira regularidade observada foi em relação à modalidade de aforização mais recorrente. Houve predominância de supressões na construção das aforizações veiculadas em ambos os jornais. Os efeitos produzidos por essas supressões foram variados e favoreceram ora um candidato ora outro.

Como vimos na análise, quase sempre a cenografia construída no discurso proferido nos debates foi alterada, juntamente com a alteração do enunciado. Ora a cenografia era de maior embate ora de mais tênue acusação, entre outras modificações. Entendemos que essa modificação na cenografia é comum devido ao “transporte” do enunciado de uma cena

genérica para outra. Cada cena genérica tem coerções próprias e, portanto, para que os enunciados se encaixem em numa nova cena genérica, eles precisam ser adaptados, o que justifica o processo de aforização ser tão comum não só na mídia como também em qualquer outra prática comunicativa.

Os títulos das notícias anteciparam a cenografia construída pelas aforizações, pelo corpo do texto, entre outros elementos que compuseram a página do jornal. Observamos que a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* veicularam títulos que construíram diferentes enquadramentos ou enfoques, mesmo mantendo a cenografia de combate, típica dos debates, afinal o leitor que perdeu o debate (e até o que o assistiu) na TV e lê o jornal quer saber basicamente como foi a luta, quem atacou ou se defendeu melhor e em que temas. Vejamos essas diferenças na tabela a seguir:

Tabela 31: Títulos das notícias.

Debate	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo
Band	Dilma e Serra trocam acusações em duelo mais agressivo da campanha	No primeiro duelo, Dilma parte para o ataque a Serra
Rede TV!/Folha	Presidenciáveis diminuem tom agressivo	Questões de São Paulo dominam confronto
Record	Serra, atrás nas pesquisas, ataca mais do que Dilma	Erenice e Paulo Preto marcam duelo na TV
Globo	No último debate, Dilma e Serra evitam o confronto direto	Candidatos fazem debate burocrático

Em relação ao debate Band, os dois jornais veicularam sobre esse debate títulos que construíram uma cenografia de combate, disputa, intensificada pela descrição da cena como “duelo”. Entretanto, a FSP destaca as acusações agressivas dos dois candidatos, enquanto o ESP dá a entender que Dilma atacou mais, o que pode dar a entender que teria vencido o debate. Sobre o debate da Rede TV!/Folha, observamos que *Folha de S. Paulo* destaca o “tom menos agressivo”, enquanto *O Estado de S. Paulo* mantém a cenografia de “confronto” do debate anterior, destacando a temática predominante. No que concerne ao debate da Record, a *Folha de S. Paulo* construiu uma cenografia de duelo, que justifica o maior ataque de Serra. Já *O Estado de S. Paulo* construiu uma cenografia de um duelo cujos temas principais foram os casos de corrupção envolvendo aliados dos candidatos. O debate da Globo, que teve formato diferenciado, como destacamos anteriormente, proporcionou títulos que construíram

cenografias semelhantes, destacando o caráter burocrático e sem confronto direto do duelo dos presidenciáveis.

Charaudeau (2006, p. 59) também comenta sobre a alteração na imagem ou cenografia pretendida. Para o autor, a informação midiática pode ficar prejudicada “porque os efeitos visados, correspondentes às intenções da fonte de informação, não coincidem necessariamente com os efeitos produzidos no alvo, pois este reconstrói implícitos a partir de sua própria experiência social, de seus conhecimentos e crenças”. O autor afirma, ainda, que se os enunciados destacados em cada um dos jornais são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes. Isso pode produzir no leitor certa predileção por este ou aquele jornal, considerando, segundo Mariani (1998), que o “jornal preferido” é aquele cujos sentidos vão ao encontro da formação discursiva⁵⁶ do leitor.

A relação entre a audiência obtida no debate televisivo e as aforizações veiculadas pelos jornais também é um ponto que vale ressaltar nesta discussão. Vejamos a tabela seguinte:

Tabela 32: Audiência dos debates

Rede de televisão	Band	Rede TV!/Folha	Record	Globo
Pontos de audiência ⁵⁷	4	4	13	25

Como pudemos observar no percurso analítico, houve mais alterações nas construções das aforizações relacionadas aos debates da Band e da Rede TV!/Folha, os que tiveram menor audiência. O debate transmitido pela Record resultou em poucas alterações nas aforizações e o transmitido pela Globo, quase nada de alterações. As alterações nas aforizações relacionadas aos debates da Record e Globo foram formadas predominantemente por supressões. Observamos, em nosso corpus, que as alterações são inversamente proporcionais

⁵⁶ A formação discursiva é um conceito polêmico, abordado por Pêcheux, Foucault e Maingueneau de maneiras diferentes. Nesta nota, optamos pela definição de Pêcheux, por saber ser esta a que Mariani (1998) se filia. Portanto, Para Pêcheux (1988, p. 160), a Formação Discursiva é definida como “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”.

⁵⁷ Lembremos que, segundo o site do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2005), cada ponto corresponde a aproximadamente 58 mil televisores ligados em um dado canal.

à audiência dos debates, ou seja, quanto maior a audiência do debate, menos alterações nas aforizações; quanto menor a audiência, mais alterações⁵⁸.

Outra observação relevante em nosso *corpus* é que muitas aforizações no corpo do texto eram menores do que as mesmas em destaque. É comum que uma aforização em posição de destaque seja curta, tenha supressões, devido ao espaço menor dedicado aos destaques na diagramação da página do jornal. Geralmente, quando o enunciado destacado é breve, no corpo do texto ele se repete inserido em um trecho maior, mais contextualizado. Entretanto, esse procedimento não foi regra em nosso *corpus*. Houve vários casos em que a aforização era maior na posição de destaque do que no corpo do texto (aforização 1 (tabela 10 - FSP), aforização 2 (tabela 11 - FSP), aforização 3 (tabela 12 - FSP), aforização 4 (tabela 13 - FSP), aforização 8 (tabela 19 - FSP), aforização 11 (tabela 22 - ESP)).

No que se refere à veiculação e diagramação das notícias, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* dedicaram uma ou duas páginas especialmente para esses debates, apresentando um resumo e veiculando falas de Dilma Rousseff e José Serra, falas essas que podemos chamar de aforizações por terem saído de seu contexto de origem (o debate televisivo). Como nos jornais tratamos do enunciado escrito, fundamentamo-nos em Maingueneau (2008a, p. 81, grifos do autor) em relação a esse aspecto:

Um enunciado que não é oral constitui, assim, uma realidade que não é mais puramente verbal. Em um nível superior, todo texto *constitui em si mesmo uma imagem, uma superfície exposta ao olhar*. Sabe-se com que cuidado são tratados os processos de **paginação**: pode-se aumentar o comprimento das linhas, dispor o texto em coluna, em círculo, isolá-lo com traço cheio ou pontilhado etc.

Moirand (2011, p. 267) afirma que “a página do jornal é também constituída de unidades discursivas redigidas por diferentes redatores, em lugares e momentos diferentes, acompanhadas de fotografias ou de infográficos”. A autora complementa que, muitas vezes, “o autor de uma dessas unidades discursivas (o correspondente local, o repórter no exterior, o jornalista *free-lance*) não sabe em companhia de quais outras unidades discursivas seu texto será publicado, nem quais elementos paratextuais aparecerão com seu texto”.

⁵⁸ Esses dados apontam para uma possibilidade de se construir uma hipótese de que essa proporção inversa ocorre devido ao fato de que quando o debate é visto por mais pessoas, há maior probabilidade de as alterações serem questionadas. Já quando o debate tem baixa audiência, aparentemente, os jornais têm maior liberdade para destacar suas interpretações. Entretanto, ressaltamos que, para se confirmar, essa hipótese teria que ser investigada em um estudo à parte.

Portanto, a responsabilidade pelo que é veiculado na página do jornal não é de apenas uma pessoa. Consideramos que, talvez, o jornalista escreve uma notícia pretendendo manter ou construir uma dada cenografia, mas essa pode ser construída de maneira diferente, quando são adicionadas outras unidades discursivas. Assim, afirma Moirand (2011, p. 267), “a responsabilidade estaria por um lado com os chefes da redação e, por outro com as diferentes redações que decidem e as coerções midiáticas do suporte”. Por outro lado, a autora adverte que existe algo que se sobrepõe a essa diversidade dos participantes e dos redatores, “uma responsabilidade singular, a da instância sócio-institucional do jornal e é esta responsabilidade, aliás, que se pode traduzir em justiça e que se coloca em causa: a do editor, a do jornal e a dos direitos autorais” (MOIRAND, 2011, p. 267).

A FSP veiculou em três das quatro notícias que compuseram nosso corpus a foto de Serra e as aforizações atribuídas a ele na página ímpar. Conforme o Manual de Edição da *Folha de S. Paulo* (1996), as notícias mais importantes são editadas nas páginas de número ímpar porque, em tese, elas atraem mais atenção visual do leitor do que as páginas de número par. Sendo assim, podemos afirmar que o jornal deu mais visibilidade a José Serra e “suas” falas do que a Dilma Rousseff. Entretanto, essa maior visibilidade não garante a construção de uma imagem positiva do candidato. Os efeitos produzidos dependem de como foram construídas as aforizações atribuídas a ele e dos trechos/temas selecionados para estarem em destaque. Nosso *corpus* nos demonstrou que na *Folha de S. Paulo*, apesar de esta ter dado maior visibilidade à imagem de Serra, as aforizações atribuídas a ele foram menos agressivas e polêmicas do que as de Dilma, que teve aforizações que retomaram memórias negativas em relação a seu adversário.

O Estado de S. Paulo veiculou as notícias sobre os debates em página única, sempre par, alternando as posições das fotos. Esse equilíbrio produz um efeito de imparcialidade, neutralidade, atribuindo espaços iguais a ambos os candidatos. Entretanto, discursivamente, pode-se atribuir espaços iguais e ser imparcial, conforme o conteúdo do enunciado atribuído a cada candidato e os efeitos produzidos pelo processo de aforização das falas dos candidatos. Mesmo considerando essa possibilidade, constatamos que *O Estado de S. Paulo* veiculou aforizações polêmicas e agressivas sobre ambos os candidatos, considerando, discursivamente, o conteúdo dessas aforizações.

Analisamos separadamente as aforizações em trechos e/ou recortes veiculados pelos jornais. Mas, julgamos importante discutir também o efeito produzido pelo conjunto de

recortes veiculados por cada jornal. Pimentel (2011) demonstrou que o efeito produzido pelo conjunto de enunciados pode diferir do efeito produzido observando-se os enunciados separadamente.

Considerando esse conceito de “efeito de conjunto” (PIMENTEL, 2011), observamos em nosso *corpus* que a visibilidade dos candidatos na *Folha de S. Paulo* favoreceu o candidato José Serra. Entretanto, as aforizações atribuídas à Dilma Rousseff a favoreceram. Apesar de menor visibilidade, as aforizações expuseram negativamente o candidato Serra, apresentando casos polêmicos e retomando memórias negativas de sua trajetória política. Já *O Estado de S. Paulo*, manteve o efeito de imparcialidade, tanto considerando os enunciados separadamente quanto em conjunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observamos, descrevemos e classificamos o funcionamento das aforizações sobre os debates televisivos do segundo turno das eleições presidenciais 2010 nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Todos os conceitos, revisados e propostos, que apresentamos, foram explorados na análise, a fim de discutir nosso problema de pesquisa, que foi, também, nossa pergunta de análise: Como ocorreu o processo de construção das aforizações veiculadas nos jornais impressos?

Como vimos na análise e na discussão, a maioria das falas veiculadas em posição de destaque foram alteradas no processo de construção das aforizações. Nesse processo, além de trechos inseridos, houve trechos do enunciado-origem que foram suprimidos e/ou substituídos. Na maioria dos casos, ao alterar os enunciados, a cenografia construída pelo discurso durante os debates não se manteve, sendo alterada quando retratada pelos jornais. Essas diferenças na cenografia e na imagem do político acabaram favorecendo um ou outro candidato. Considerando o efeito de conjunto, observamos que, apesar de dedicar menor visibilidade à imagem e às falas de Dilma, o conteúdo das aforizações veiculadas pela *Folha* expôs negativamente o candidato Serra, apresentando casos polêmicos e retomando memórias negativas de sua trajetória política. Já *O Estado de S. Paulo*, manteve o efeito de imparcialidade, tanto considerando os enunciados separadamente quanto em conjunto.

Retomando nossos objetivos específicos, podemos afirmar que nas idas e vindas à escrita da teoria e ao percurso analítico, ou seja, por meio da redação da seção 2., tópico 2.2 *Aforizações: modalidades e tipos*, e das análises, caminhamos rumo a nosso primeiro objetivo específico: *descrever e ampliar a classificação das formas de construção utilizadas no processo de aforização e aplicá-las na análise do corpus*. Nosso segundo objetivo específico: *observar se e/ou até que ponto o uso dessas estratégias pode acarretar a construção de diferentes cenografias*, também foi discutido no decorrer das análises. Demonstramos que, dependendo do tipo de alteração do enunciado, a cenografia construída na notícia do jornal pode ser diferente da construída na cena enunciativa do debate televisivo.

O terceiro e último objetivo específico, *comparar os processos de construção das aforizações utilizados pelos dois jornais, observando os efeitos produzidos por eles*, direcionou o modo de organização de nosso *corpus* e a apresentação do mesmo na seção do percurso analítico. Essa apresentação se deu em tabelas divididas em três colunas: a primeira com a transcrição do debate; a segunda, com a aforização veiculada na *Folha de S. Paulo* e a

terceira, com a aforização veiculada em *O Estado de S. Paulo*, proporcionando a comparação, de modo a facilitar a visualização da análise realizada. Observamos também que, em alguns casos, em um dos jornais, o modo como a aforização foi construída fez com que os sentidos do texto-origem deslizesse para outros sentidos (efeito metafórico). Vale ressaltar, também, que há coerções da prática midiática de jornais como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* que são diferentes de jornais com menos credibilidade, que podem ser mais sensacionalistas e se mostrarem abertamente parciais. Como se trata dos dois maiores veículos de comunicação impressa no Brasil, a responsabilidade dos jornalistas e do jornal não permitem grandes alterações nas aforizações.

Quanto à diagramação dos jornais, podemos afirmar que o ESP foi menos parcial, alternando as posições das fotos dos candidatos, enquanto a FSP manteve a foto e as falas de JS sempre do lado direito na página ímpar.

Devido ao nosso interesse em estudar a circulação dos discursos na mídia, selecionamos como principal base teórico-metodológica os estudos de Dominique Maingueneau que nos possibilitou a observação do processo e dos modos de construção das aforizações, e nos embasou para a classificação de três novas modalidades de construção das aforizações, que utilizamos na análise de nosso *corpus*. Em diálogo com esses estudos, buscamos enriquecer nosso percurso analítico com os estudos de Michel Pêcheux, que nos proporcionou a investigação dos efeitos de sentido produzidos por/durante o processo de construção das aforizações.

Entendemos que cada um dos estudiosos que embasaram nossa pesquisa está inserido em uma vertente da AD e possui suas especificidades. Entretanto, compreendemos, também, que o diálogo entre diferentes vertentes e/ou linhas teóricas, desde que inseridos com um propósito específico e consideradas suas limitações e possíveis contribuições ao trabalho são imprescindíveis para o fazer científico.

Com este trabalho, esperamos contribuir para o estudo da circulação dos discursos no Brasil, destacando, principalmente, as diferentes formas de construção de uma aforização. Para possibilitar contribuições para essa área, julgamos relevante a aplicação das modalidades e tipos que propomos neste trabalho em outros *corpora*. Além disso, sugerimos uma investigação sobre a passagem de falas de um gênero a outro em um mesmo regime enunciativo (por exemplo: de um gênero oral a outro gênero oral ou de um gênero escrito a outro gênero escrito), a fim de atestar a aplicabilidade das classificações propostas.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ANDRE, Hildebrando A. de. **Gramática Ilustrada**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- AQUINO, Z. G. O.; FAVERO, L. L. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: PRETI, D. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 159-177.
- BENITES, S. A. L. A face do Brasil mostrada nas citações da revista Veja. **Revista Polifonia**. Cuiabá: EDUFMT, n° 19, 2009, p. 1-28.
- BENITES, S., A. L.; MENDES, D. M. Os discursos sobre a família no Fantástico: a propósito do conceito de destacabilidade. In: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sônia, A. L. (orgs.). **Estudos do Texto e do Discurso: Materialidades Diversas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 9-36.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINI, G. **Dicionário de Política**. 11 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BONAVIDES, P. **Ciência Política**. São Paulo: Malheiros, 2000.
- BRAGA, D. “Prós e Contras: o debate político televisivo como sub-gênero/sub-tipo de interação verbal”, **Revista Galega de Filoloxía**. A Coruña: Área de Filoloxía Galega e Portuguesa - Universidade da Coruña, 2006, pp.1-29.
- BRASIL. **Código civil**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Justiça**. 2005. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/cidadao/356-geral/13253-o-que-e-nepotismo>>. Acesso em: 15 jun. 2012.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- CANDIDATOS FAZEM DEBATE BUROCRÁTICO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2010. Caderno Nacional, p. A10.
- CHARAUDEAU, P. **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COIMBRA, C.G (a). A inconstitucionalidade da tramitação de legislação legalizadora do aborto no Brasil. In: **Âmbito Jurídico** (online), Rio Grande, 25, 31/01/2006. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index>. Acesso em 10 set. 2012.

DILMA E SERRA TROCAM ACUSAÇÕES EM DUELO MAIS AGRESSIVO DA CAMPANHA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 2010. Caderno Poder, pp. A10-A11.

ERENICE E PAULO PRETO MARCAM DUELO NA TV. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 out. 2010. Caderno Nacional, p. A10.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G.O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FONSECA, F. C. P. **Mídia e democracia: falsas confluências**. Revista de Sociologia e Política. n. 22. Curitiba, jun. 2004.

FRANCESCHINI, F. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan./jun. 2004.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.

GENETTE, Gerard [1982]. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmonosite.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012

GRADIM, A. **Manual de jornalismo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. 2003.

HOUAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2010 (CD-ROM).

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1> . Acesso em 5 jun. 2011.

IBGE. **Censo demográfico: características da população**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/default_caracteristicas_da_populacao.shtm>. Acesso em 6 jun. 2011.

IBOPE. **Audiência de televisão**. 2005. Disponível em: < <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/duvidas-frequentes/paginas/audiencia-de-televisao.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

IBTP. **Brasileiro vai trabalhar até 28 de maio de 2010 apenas para pagar impostos**. 2010. Disponível em: < http://www.ibtp.com.br/brasileiro_impostos_2010/>. Acesso em 25 jul. 2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, M. R. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Armand Colin, 1990.

LAJE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1982.

MAINGUENEAU, D. **Initiation aux méthodes de l'analyse du discours: problèmes et perspectives**. Paris: Hachette, 1976.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, S.; SOUZA E SILVA, M. C. P. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008c.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008d.

_____. Aforização. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. SOUZA E SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

_____. Sur une petite phrase de Nicolas Sarkozy. In: **Communication & Language: Les "petite phrase" en politique**. n. 168. Paris, 2011. p. 43-56.

MACKAY, A. P. M. G. **Atividade verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita**. São Paulo: Plexus, 2000.

MARCUSHI, L. A. Oralidade e escrita. **Revista Signótica**, v. 9, p. 119-145, 1997.

_____. **Da Fala para a Escrita: Atividades de textualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

MOIRAND, S. Responsabilidade e enunciação na imprensa francesa cotidiana: questionamentos sobre os observáveis e as categorias de análise. In: BARONAS, R. L.; MIOTELLO, V. **Análise de discurso: teorizações e métodos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 265-284.

MOTTA, A. R. Enunciação aforizante nos Racionais MCs. **ANAIS DO SETA**, Número 3, 2009a. p. 47-57.

MOTTA, Ana Raquel. Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs. (Tese de doutorado em linguística) Unicamp, 2009b.

MOTTA, A. R. Racionais MCs: uma enunciação aforizante. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 163-174.

MUSSALIM, F.; FONSECA-SILVA, C. Estereótipos de Gêneros e cenografias em anúncios publicitários. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 139-150.

NO PRIMEIRO DUELO, DILMA PARTE PARA O ATAQUE A SERRA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 2010. Caderno Nacional, p. A10.

NO ÚLTIMO EMBATE, DILMA E SERRA EVITAM CONFRONTO DIRETO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2010. Caderno Especial Eleições 2010, pp. 8-9.

O GLOBO. **Debate entre Dilma e Serra na Band tem média de quatro pontos de audiência**. 2010. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/eleicoes-2010/debate-entre-dilma-serra-na-band-tem-media-de-quatro-pontos-de-audiencia-4985985>> Acesso em 22 maio 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução de J.H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PEIXOTO, N. B. As imagens de TV têm tempo?. In: NOVAES, Adauto (org.). **Rede Imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PIMENTEL, R. M. L. O bizarro *da* notícia no discurso webjornalístico *sobre* o bizarro. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 5, 2010, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre, UFRGS, 2011. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/POSTERES/RenataMarcelleLaraPimentel.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso: introdução à análise do discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

POSSENTI, S.; BARONAS, Roberto L. **Algumas notas breves sobre citação, destacabilidade e sobreasseveração midiática**. In: Revista Linguagem, n. 5, 2009. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao05/artigo_ed05

POSSENTI, Sírio. Sobreasseveração e interpretação. In: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sônia, A. L. (orgs.). **Estudos do texto e do discurso: materialidades diversas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011a. p. 37-52.

_____. Corinthians, jogai por nós: fórmulas alteradas. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011b. p. 59-83.

PRESIDENCIÁVEIS DIMINUEM TOM AGRESSIVO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2010. Caderno Poder, p. A12.

QUESTÕES DE SÃO PAULO DOMINAM CONFRONTO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2010. Caderno Nacional, p. A10.

RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, S. D. (Org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 217-233.

RUBIM, A. A. C. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

_____. Eleições e (idade) mídia. In: BARROS FILHOS, C. (Org.). **Comunicação na polis: ensaios sobre mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 40-59.

_____. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

SERRA, ATRÁS NAS PESQUISAS, ATACA MAIS DO QUE DILMA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 out. 2010. Caderno Especial Eleições 2010, pp. 4-5.

TELEBRASIL. **Associação Brasileira de Telecomunicações**. 2010. Disponível em: <<http://www.telebrasil.org.br/sala-de-imprensa/informativos?start=100>>. Acesso em 12 jul 2012.

TELLES, C. M. O paratexto e a filologia. In: TEIXEIRA, M. C; QUEIROZ, R. C. R; SANTOS, R. B. **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

TVAQUI. **Debate entre presidenciais garante vice-liderança para a rede Record**. 2010. Disponível em: <<http://www.tvaqui.com.br/index.php/televisao/debate-entre-presidenciais-garante-vice-lideranca-para-a-rede-record/>>. Acesso em 10 jul. 2012.

UOL. Folha Online. **Manual de edição**. 1996. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_p.htm>. Acesso em 20 set. 2011.

VASSELAI, F. **Debate presidencial Rede TV/Folha teve empate de várzea**. 2010. Disponível em: <<http://politicando.blog.br/?p=1150>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

VEJA. O ibope do debate. 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-online/eleicoes-2010/o-ibope-do-debate/>. Acesso em 12 mar. 2012.

VION, R. La communication verbale. In: Analyse des interactions. Paris: Hachette, 1992